

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUACAO EM SOCIOLOGIA

Tipos Ideais em Raízes do Brasil

ÁLVARO ANTONIO PRAZERES DA COSTA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia, sob orientação do Prof. Dr. José Luiz Ratton.

RECIFE – 2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUACAO EM SOCIOLOGIA

Tipos Ideais em Raízes do Brasil

ÁLVARO ANTONIO PRAZERES DA COSTA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia, sob orientação do Prof. Dr. José Luiz Ratton.

RECIFE – 2007

Costa, Álvaro Antonio Prazeres da
Tipos ideais em Raízes do Brasil/ Álvaro Antonio Prazeres da. –
Recife: O Autor, 2007.
117 folhas.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco.
CFCH. Sociologia, 2007.

Inclui: bibliografia.

1. Sociologia. 2. Weber, Max, 1864-1920. 3 Holanda, Sérgio Buarque de, 1902-1982 – Raízes do Brasil. 4. Epistemologia social. L. Título.

316
301

CDU (2.ed)
CDD (22.ed).

UFPE
BCFCH2008/55

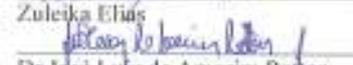
A meus pais.

Ata da Sessão de Arguição de Dissertação de **ÁLVARO ANTONIO PRAZERES DA COSTA**, do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco.

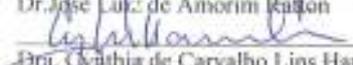
Aos trinta e um dias do mês de agosto do ano de dois mil e sete, reuniram-se na Sala de Seminários do 12º andar do prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, os membros da Comissão designada para o **Exame de Dissertação de ÁLVARO ANTONIO PRAZERES DA COSTA**, intitulada: "**TIPOS IDEAIS EM RAÍZES NO BRASIL**". A Comissão foi composta pelos Professores: **Dr. José Luiz de Amorim Rattón Júnior** – Presidente/orientador; **Dra. Cynthia Hamlin** - Titular Interna – PPGS; **Dr. José Luciano Góis de Oliveira** - Titular Externo - PPGC, Política/UFPE. Dando início aos trabalhos o **Dr. José Luiz de Amorim Rattón Júnior**, explicou aos presentes o objetivo da reunião, dando-lhes ciência da regulamentação pertinente. Em seguida passou a palavra ao autor da Dissertação, para que apresentasse o seu trabalho. Após essa apresentação, cada membro da Comissão fez sua arguição, seguindo-se a defesa do candidato. Ao final da defesa, a Comissão Examinadora retirou-se, para em secreto deliberar sobre o trabalho apresentado. Ao retornar o **Dr. José Luiz de Amorim Rattón Júnior**, presidente da mesa e orientador do candidato solicitou que fosse feita a leitura da presente Ata, com a decisão da Comissão **aprovando a Dissertação por unanimidade**. E, nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata, que vai assinada por mim, secretária do Programa, pelos membros da Comissão Examinadora e pelo candidato. Recife, 31 agosto de 2007.



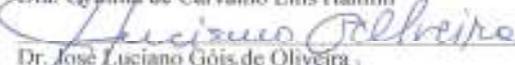
Zuleika Elias



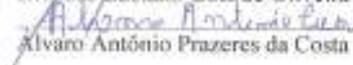
Dr. José Luiz de Amorim Rattón



Dra. Cynthia de Carvalho Lins Hamlin



Dr. José Luciano Góis de Oliveira



Alvaro Antônio Prazeres da Costa

Agradecimentos

Ao final de um trabalho (que reflete também o final de uma época da minha vida) é gratificante olhar para o caminho percorrido e agradecer às pessoas que fizeram parte dessa trajetória. Sinto-me feliz por ter conseguido realizar esta dissertação e ter passado por todas as etapas necessárias ao meu amadurecimento de estudante.

Agradeço aos meus amigos e colegas de curso que tornaram esse caminho agradável, afável, e me estimularam por meio de inúmeras conversas e contatos a seguir meu trabalho. Agradeço, nominalmente, a Leonardo Rabelo que me ajudou bastante no final desta dissertação prestando-me diversos favores.

Agradeço aos funcionários do PPGS sempre dispostos a organizar a minha situação acadêmica. Agradeço aos professores que marcaram à minha passagem pelo mestrado desde a banca examinadora de seleção com os professores Heraldo Souto Maior, Remo Mutzemberg e Silke Weber. Agradeço à professora Eliane da Fonte pela inestimável ajuda, disposição, carinho e auxílio permanente a mim e a todos os alunos do PPGS.

Agradeço à professora Cynthia Hamlin por ter iniciado e acompanhado este trabalho e ter erguido as bases sólidas através de conselhos, recomendações e empréstimos de livros que orientaram muitas das principais reflexões desta dissertação.

Agradeço ao professor José Luiz Ratton. Não tenho palavras para agradecer sua inestimável colaboração, dedicação e preciosa ajuda. O professor Ratton transcendeu a condição de orientador para se tornar um guia, um amigo e um exemplo para mim de grande profissional que ficará para sempre marcado em minha memória e cuja lembrança me acompanhará, certamente, durante todo meu futuro acadêmico.

Agradeço ao CNPQ pelo financiamento que tornou possível este trabalho.

Numa época de especialização, qualquer trabalho nas ciências da cultura, depois de ter se orientado para determinada matéria através do seu modo determinado de apresentar os problemas, e uma vez adquiridos os seus princípios metodológicos, verá na elaboração dessa matéria um fim em si próprio, sem controlar continuamente e de forma consciente o valor cognitivo dos fatos isolados, para referência sua às idéias de valor e mesmo sem tomar consciência da sua ligação com essas idéias de valor. E é bom que assim seja. Mas um dia o significado dos pontos de vista adotados irrefletidamente se torna incerto e o caminho se perde no crepúsculo. A luz dos grandes problemas culturais desloca-se para mais além. Então a ciência também muda o seu cenário e o seu aparelho conceitual e fita o fluxo do devir das alturas do pensamento. Segue a rota dos astros que unicamente podem dar sentido e rumo ao seu trabalho.

Max Weber In Metodologia das Ciências Sociais

Poderemos ensaiar a organização de nossa desordem segundo esquemas sábios e de virtude provada, mas há de restar um mundo de essências mais íntimas que, esse, permanecerá sempre intato, irredutível e desdenhoso das invenções humanas.

Sérgio Buarque de Holanda In Raízes do Brasil.

Resumo

Esta dissertação faz uma análise dos tipos ideais de Sérgio Buarque de Holanda na obra Raízes do Brasil. A partir da teoria sociológica alemã e, sobretudo, tomando como referencial a sociologia compreensiva de Max Weber estabelece-se uma discussão quanto as principais linhas de formação do conceito de tipo ideal, ressaltando sua importância como instrumento de compreensão, interpretação e explicação sociológica.

Após oferecer uma visão geral da obra de Sérgio Buarque de Holanda e sobre o significado e o impacto da obra Raízes do Brasil a dissertação preocupa-se em recompor o quadro da formação do tipo ideal como centro da doutrina epistemológica de Weber e como um instrumento metodológico de síntese. Em seguida são selecionados e estudados tipos ideais de Sérgio Buarque de Holanda como: o trabalhador e o aventureiro, o sementeiro e o ladrilhador, Antígona e Creonte, O homem cordial e o Estado.

O término da dissertação ocorre numa comparação entre o método compreensivo weberiano e o modelo sociológico buarqueano. Esta comparação especifica certos aspectos de semelhança e também aspectos de diferença entre Weber e Sérgio Buarque em busca de uma complementação entre esses dois pontos de vista sociológicos. No final há uma crítica a certas linhas gerais do pensamento de cada um dos autores e o estímulo ao estudo comparativo e empírico desses tipos ideais.

Palavras Chaves: Weber e Holanda, tipo ideal, trabalhador e aventureiro, sementeiro e ladrilhador, Antígona e Creonte, Homem Cordial e o Estado.

Compreensão, interpretação, explicação sociológica.

Abstract

This thesis analyzes the use of ideal types in the work *Raízes do Brasil* (*Roots of Brazil*), by Sérgio Buarque de Holanda. Taking the German sociological theory as a start point and, above all, Weber's interpretative sociology as a theoretical framework, the present work launches a discussion regarding the main lines of the formation of the ideal-type concept formation, emphasizing its importance as an instrument of sociological understanding, interpretation and explanation.

After presenting a general overview on Buarque de Holanda's work and on the meaning and impact of the book *Raízes do Brasil*, this thesis turns to the reconstruction of the framework of the formation of the ideal type, which represents the core of Weber's epistemological doctrine, and a methodological instrument of synthesis. Next, some ideal types are selected and analysed, such as: *the worker* and *the adventurer*, *the sower* (*o semeador*) and *the tiler* (*ladrilhador*), *Antigone* and *Creon*, *the cordial man* (*o homem cordial*) and *the state*.

Finally, the weberian interpretative method and the buarquian sociological model are compared. This comparison points out some similarities and differences between Weber and Buarque de Holanda, trying to find a supplementation between these two sociological standpoints. At the end, the main lines of each of authors' thinking are criticized and the comparative and empirical study of those ideal types is stimulated.

Keys Words: Weber and Holanda, ideal type, worker and adventurer, sower and tiler, Antigone and Creon, cordial man and the state.

Understanding, interpretation and explanation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – SÉRGIO DE HOLANDA: VISÃO GERAL DA OBRA	6
1.1 Participação e afastamento do Modernismo.....	6
1.2 Passagem pela Alemanha.....	10
1.3.1 A Obra Raízes do Brasil.....	11
1.3.2 Crítica sociológica ao passado histórico brasileiro.....	16
1.3.3 O método em Raízes do Brasil	17
1.3.4 O significado e o impacto de Raízes do Brasil	20
CAPÍTULO 2 MAX WEBER E OS TIPOS IDEAIS	25
2.1 Antecedentes	25
2.2. O problema dos valores em Rickert e Weber.....	27
2.3.1 O tipo ideal como instrumento metodológico de síntese.....	33
2.3.2 Quadro ideal e realidade empírica	34
2.3.3 A compreensão em Weber.....	35
2.3.4 Distinção entre as causas.....	38
2.4 A construção do tipo ideal weberiano.....	40
2.5 O tipo ideal de desenvolvimento e o fator tempo.....	42
2.6 Relação dos tipos ideais com o projeto weberiano de ciência	43
2.7 O tipo ideal como centro da doutrina epistemológica de Max Weber ..46	
2.8 O tipo ideal como orientação da investigação	48
CAPÍTULO 3 ANÁLISE DOS TIPOS IDEAIS DE RAÍZES DO BRASIL	51
3.1 Compreensão e evidência do tipo ideal buarqueano	51
3.2 Definição do tipo ideal buarqueano	53
3.3 Implicações da definição do tipo ideal buarqueano	54
3.4 A objetividade dos tipos ideais buarqueanos.....	56
3.5 A construção do tipo ideal buarqueano.....	57
3.6 Desenvolvimento e explicação causal	59
3.7 Compreensão e explicação nos tipos ideais buarqueanos.....	61
3.8 O Trabalhador e o Aventureiro.....	63
3.9 Cooperação e o ponto de vista do trabalhador.....	65
3.10 A ação do aventureiro.....	67
3.11 O Semeador e o Ladrilhador	70
3.12 Os tipos de semeador e ladrilhador e suas ações.....	72

3.13 A construção das cidades e a dominação social.....	75
3.14 Ruralismo e urbanização.....	76
3.15 Antígona e Creonte.....	78
3.16 Controle do Estado pelas famílias.....	80
3.17 O conceito de homem cordial.....	82
3.18 A ação do homem cordial.....	84
3.19.1 À Guisa de conclusão do capítulo: tipos ideais interacionistas	85
3.19.2 Síntese dinâmica dos tipos ideais buarqueanos	87
CAPÍTULO 4 WEBER E SÉRGIO BUARQUE: UMA APROXIMAÇÃO	89
4.1 Das evidências racionais à interação	89
4.2 O tipo ideal e a seleção do objeto de análise.....	92
4.3 Os tipos ideais como expressão da mudança social.....	94
4.4 Os tipos ideais buarqueanos: escolhas e valores.....	97
4.5 Ordem social e ruptura.....	99
4.6 Crítica aos tipos ideais de Weber e Holanda: Perdas e ganhos metodológicos..	100
4.7 O tipo ideal como núcleo de referência.....	103
4.8 Tipo ideal e generalização.....	104
4.9 Tipo ideal: Conceitos e metáforas.....	107
CONCLUSÃO	109
BIBLIOGRAFIA	112

Introdução

Na canção “Fado Tropical” Chico Buarque de Holanda,¹ num tom de melancolia irônica, tece considerações sobre a visão colonizadora do português no momento de criação da sociedade brasileira: “Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal/Ainda vai tornar-se um imenso Portugal”. O triste destino cantado nas cordas da guitarra portuguesa caracteriza o paradoxo lusitano que, ao se tornar a nação pioneira a colonizar as terras do novo mundo, não encontrava em si mesmo a expressão de uma civilização bem definida que pudesse moldar uma cultura num padrão de racionalidade e objetividade. O ideal das novas terras, no máximo, poderia consistir na reprodução das relações sociais portuguesas, perdidas nos trópicos, numa tentativa grandiloquente e frustrada de se formar uma nação original.

“A musa e mãe gentil,” que sempre esquece de quem a amou, é a ingrata inspiradora de seus contraditórios filhos: trabalhadores e aventureiros destas terras, semeadores e ladrilhadores deste solo, em que se perdem e se encontram inúmeras interações sociais. Indivíduos sentimentais, que herdaram do sangue lusitano o lirismo e a emotividade constante que fazem do Brasil neo-português uma civilização de desterrados. Este contraste permanente na sociedade brasileira, entre a ausência de regras racionais, que abre espaço para o poder autoritário e ilegítimo, e a sentimentalidade vazia, de quem não consegue atribuir à sua ação uma conduta de coerência e responsabilidade ética, “Mesmo quando as minhas mãos estão

¹ Sugiro que Chico Buarque de Holanda, o filho do autor de *Raízes do Brasil*, possui em sua vasta obra de produção musical uma influência direta da obra do seu pai, por isso o paralelo tecido aqui. Essa influência vai desde o estilo com que constrói frases e períodos típicos da inventividade da língua portuguesa à escolha de palavras um tanto inusitadas em certos contextos, até o conteúdo de tipos sociais brasileiros largamente conhecidos e cantados. Ver, por exemplo, a *Ópera do Malandro* em que Chico Buarque elabora tipos como o trabalhador (que se opõem e duela com o tipo de malandro) e uma série de aventureiros e tipos cordiais. Ver, também, o espetáculo teatral e musical intitulado *Calabar*; em que o passado colonial brasileiro é revisto e contraposto a um tipo de experimentação estética para se realizar a crítica do processo histórico brasileiro então vigente com seus torturadores e torturados, nacionalistas e traidores (quem seriam os traidores?) e a brasilidade invocada nas passagens carnavalescas, sambas, marchas ou paradas militares. Ver, também, o espetáculo intitulado *As Cidades* em que Chico Buarque – ao exemplo de Sérgio Buarque de Holanda – trata os centros urbanos como o berço e cenário de uma mudança social e palco para as relações sociais de um Brasil moderno.

ocupadas em torturar, esganar, trucidar/ Meu coração fecha os olhos e sinceramente chora” permanece como um traço definido do caráter brasileiro.

Os tipos de brasileiros formados pela herança ibérica e pelo desterro típico deste Fado Tropical resumem, em poucas linhas, dramas centrais que formam a existência da sociedade brasileira, se interpenetram e se relacionam entre si numa oposição e complementação permanente: “Meu coração tem um sereno jeito/ E as minhas mãos o golpe duro e presto/ De tal maneira que, depois de feito/ Desencontrado, eu mesmo me contesto”. O espírito ibérico-brasileiro de autocontestação desencontrada não implica, evidentemente, uma reflexão crítica e profunda sobre os significados da nossa sociedade em relação a seus agentes, mas em contraste e em contradição com inúmeras ações que os indivíduos exercem entre si que, muitas vezes, por ausência de um padrão maior de definição leva a inseqüências e a diversos momentos de crises e desencontros.

“O Império Colonial” formado no Brasil, que encerra uma contradição de termos, já realiza o ideal contraditório ibérico-brasileiro. O ideal cumprido e realizado em terras tropicais parece definir as possibilidades da sociedade brasileira e exerce o extremo limite de seu desenvolvimento. Do movimento contrário do rio Amazonas, “que corre trás-os-montes/ e numa pororoca/ deságua no Tejo” e percorre o caminho inverso entre rompimentos e continuidades que contam a história brasileira. “Quando me encontro no calor da luta/Ostento a aguda empunhadura à proa/ Mas o meu peito se desabotoa/ E se a sentença se anuncia bruta/ Mas que depressa a mão cega executa/Pois que se não o coração perdoa. Como se o tempo histórico brasileiro não fosse linear, mas sujeito a modificações que o tornam um enigma decifrável apenas a luz da lógica e da poesia.

É justamente esta percepção de rompimentos e continuidades da sociedade brasileira que caracteriza a sociologia histórica de Sérgio Buarque de Holanda. O estudo e compreensão da ação dos sujeitos históricos, da interpretação de suas subjetividades e das

interações desses sujeitos entre si assumem o centro da explicação sociológica. A visão colonizadora na formação social brasileira é utilizada para recompor o sentido original da ação ibérico-portuguesa, mas esta visão colonizadora vai sendo diluída pelas oposições que se formam no complexo jogo de interações sociais. A obra *Raízes do Brasil*, aqui selecionada como o ensaio de sociologia mais apurado de Sérgio Buarque de Holanda, expõe o dilema brasileiro entre as forças tradicionais de conservação e as forças que impelem o Brasil à modernização, ao mesmo tempo em que inaugura um modelo original para pensar a sociedade brasileira. Seu significado metodológico e, sobretudo, de formação dos conceitos sociológicos do tipo ideal, é a preocupação central desta dissertação.

No capítulo 1 desta dissertação intitulado: “Sérgio Buarque de Holanda: Visão Geral da Obra” vai ser contextualizada a obra de Sérgio Buarque de Holanda, tendo em vista a influência do modernismo cultural e a época em que se constitui a formação intelectual do sociólogo paulista e seu diálogo com o cenário cultural de seu tempo. Há a preocupação em localizar, na história das idéias no Brasil, as obras e os antecedentes que, de certa forma, antecederam a análise e o estudo de problemas sociológicos que seriam mais tarde abordados em *Raízes do Brasil*.

Também será encontrado, neste mesmo capítulo, o impacto da obra *Raízes do Brasil* no pensamento brasileiro de sua época e o significado que este ensaio veio a assumir para as gerações que se seguiram. Uma breve descrição sobre os principais problemas e temas tratados nesta obra ajudará a compor um quadro mais preciso e definido de suas principais teses. O método de Sérgio Buarque será situado em relação ao referencial historicista e weberiano como uma assimilação e reinterpretação da tradição sociológica alemã para pensar a originalidade da sociedade brasileira.

No capítulo 2 intitulado: “Max Weber e os tipos ideais” ocorrerá uma discussão detalhada sobre as origens e a formação do conceito de tipo ideal, proposto por Max Weber

como o instrumento heurístico conceitual próprio da ciência social. Será exposto o debate que se realizou nos círculos universitários alemães quanto ao status das ciências humanas e suas principais implicações e influências no projeto weberiano de ciência.

Será exposto o tipo ideal como um instrumento metodológico de síntese, por esse conceito ser o principal elemento aglutinador de praticamente todos os procedimentos epistemológicos da obra de Max Weber. Será analisada a construção do tipo ideal weberiano, do ponto de vista lógico, seguindo a perspectiva de Thomas Burger, e serão apresentados e classificados tipos ideais de acordo com o seu grau de abstração e de acordo com o conjunto da realidade empírica que descrevem.

No capítulo 3 desta dissertação, intitulado: “Análise dos tipos ideais de Raízes do Brasil,” haverá uma descrição precisa e objetiva da formação do tipo ideal buarqueano, tomando em consideração o mesmo modelo utilizado para pensar a formação do tipo ideal de Max Weber, mas, evidentemente, o conteúdo deste modelo será devidamente alterado devido à diferença específica existente entre o conceito buarqueano e o conceito weberiano. Esta análise passará desde a definição até a formação, utilização e aplicação do conceito formado. Serão apresentados os principais tipos ideais presentes em *Raízes do Brasil* como: o *trabalhador* e o *aventureiro*, o *semeador* e o *ladrilhador*, *Antígona* e *Creonte*, ressaltando sua característica como tipos ideais interacionistas (característica esta que será mais bem explicada adiante) e será realizada também uma análise crítica do conceito de *homem cordial*. Este capítulo é uma tentativa de teorização sobre a forma como Sérgio Buarque de Holanda constrói os seus conceitos e forma seus tipos ideais.

Por fim, no capítulo 4, intitulado “Max Weber e Sérgio Buarque de Holanda: uma aproximação,” haverá uma comparação entre os conceitos sociológicos dos dois autores. Haverá uma crítica ao método de Weber e Holanda e considerações sobre a perspectiva de mudança social a partir do estudo em tipos ideais do paradigma da ação social individual e

suas diversas formas de interação. A ênfase dada na aproximação entre esses dois modelos de análise e interpretação sociológica deixará claro que, em nenhum momento, esses modelos são concorrentes entre si.

Esta dissertação deixará claro como Sérgio Buarque de Holanda adapta os tipos ideais de Max Weber e faz uma contribuição criativa ao método da sociologia compreensiva como um todo. Ao final deste trabalho ficará mais clara a diferença específica existente entre os conceitos buarqueanos e os conceitos weberianos e como essa diferença específica é responsável por certas implicações metodológicas.

Também será problematizado, de forma sucinta, como o modelo de exposição dos tipos ideais de Sérgio Buarque de Holanda podem ser úteis para pensar determinados processos sociais e como estes tipos podem e devem ser utilizados na pesquisa empírica e incorporados ao procedimento científico como um todo. Ficarão claros, ao fim deste trabalho, como a conciliação de diferentes pontos de vista é um caminho útil e necessário para a convivência de diferentes modelos sociológicos.

Desta forma, acredito que o objetivo desta dissertação será atingido: o de problematizar a partir de *Raízes do Brasil* uma contribuição original para se pensar o conceito de tipo ideal em sociologia. Sendo assim uma tentativa de se pensar a musa de Sérgio Buarque de Holanda (a história social brasileira) em seu triste e belo Fado Tropical.

Capítulo 1

Sérgio Buarque de Holanda: Visão Geral da Obra

1.1 Participação e afastamento do Modernismo

Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) foi, certamente, um dos intelectuais brasileiros mais importantes do século XX. Sua obra multidisciplinar que transita entre estética, crítica literária, história e sociologia ocupa um espaço central em todo o pensamento brasileiro. Praticamente, as grandes questões e os grandes problemas relativos ao chamado *ethos* brasileiro estão presentes nos livros do sociólogo paulista, que, até hoje, formam para o estudo da sociedade brasileira um referencial teórico indispensável (Reis, 2002:143).

Compreender a obra de Sérgio Buarque de Holanda, tendo em consideração uma visão geral que abranja a sua unidade é, ao mesmo tempo, compreender um dos maiores esforços intelectuais no Brasil, no sentido da interpretação e análise de seus principais problemas, bem como o diagnóstico de um processo interrompido de mudança social. Na leitura de livros e ensaios de Sérgio Buarque de Holanda, podemos perceber sempre uma oposição radical entre o estático passado social brasileiro e um ritmo próprio de ruptura e a mudança que a análise buarqueana cuida de desvendar e revelar (Candido, 2006: 23).

Em toda sua obra, há a percepção de contradições fundamentais que movem o processo histórico brasileiro e que forma, em seu conjunto, o testemunho do conflito entre uma organização social tradicional e sua modernização. Radicalmente democrata, Sérgio Buarque de Holanda empreendeu em sua atividade de pensador e ensaísta uma crítica às estruturas e às instituições sociais brasileiras. Essa oposição entre o passado brasileiro e seu ritmo próprio, vai desfazendo, aos poucos, as formas da sociedade tradicional no Brasil

e aponta para o surgimento de uma sociedade moderna e democrática, é uma preocupação central que se faz presente em toda obra de Sérgio Buarque de Holanda.

Sua obra, que se inicia com a crítica literária (Dias, 2000: 902), desde o começo preocupa-se em revelar traços fundamentais da cultura brasileira e em testemunhar os diversos matizes que formam a nossa nacionalidade. A literatura brasileira já era tratada como expressão da vida nacional no século XIX por intelectuais como Sílvio Romero e José Veríssimo,² mas com o movimento modernista adquiriu status de vanguarda criadora e experimental das novas bases sobre as quais vão ser edificadas as modernas concepções sobre a sociedade brasileira.

Para um melhor entendimento da obra e do perfil intelectual de Sérgio Buarque de Holanda é necessário situar a sua participação no movimento modernista, que, no Brasil, eclodiu em 1922 e para o qual colaborou ativamente. Uma das características do movimento modernista que tanto marcou a formação de Sérgio Buarque de Holanda foi a visão de que é necessário descolonizar o Brasil, isto é: valorizar a originalidade da cultura brasileira e proclamar sua independência intelectual em relação aos padrões europeus e à herança ibérica em nossa formação, ao mesmo tempo em que desfaz a visão tradicional que muitos teóricos e pensadores possuíam do passado social brasileiro³ (Prado, 1998:72).

Num momento em que a sociedade brasileira fazia sua transição das antigas estruturas oligárquicas fortemente enraizadas em bases rurais para o modelo urbano-

² Já existia, no Brasil, na época da formação intelectual de Sérgio Buarque de Holanda, uma certa tradição quanto à reflexão sobre as origens e os sentidos da sociedade brasileira. Pode-se datar essa tradição de estudos brasileiros, pelo menos de forma mais intensa e oficial, desde o século XIX com o IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) e com o historiador Francisco Adolfo Varnhagen (1816 – 1878 ver: *História Geral do Brasil*. 7ª edição integral, 8º do tomo I. Edições Melhoramentos) e na transição para o século XX com Euclides da Cunha, José Veríssimo, Sílvio Romero (ver: *História da Literatura Brasileira*, 7ed. – Rio de Janeiro: J.Olympio: Brasília: INL, 1980. 5v). Manoel Bonfim e Capistrano de Abreu, sendo que, com este último, o pensamento de Sérgio Buarque de Holanda possui mais evidentes afinidades. A tendência ao estilo literário e ensaístico que predomina no pensamento brasileiro como testemunha dos processos sociais e a atividade literária como uma forma de exercício do pensamento crítico continuarão, de certa forma, a exercer forte influência nas futuras gerações de intérpretes do Brasil.

industrial e em que se percebia melhor a distância entre o Estado centralizador e a sociedade, cujos conflitos sociais resultariam na revolução de 1930, o pensamento social brasileiro passava por uma profunda reformulação, que apontava a continuação ou ruptura com o processo de transformação em curso. A contribuição original dos intérpretes do Brasil na época de Sérgio Buarque de Holanda, e de seus parceiros de geração, passava, necessariamente, pelo tipo de modernização a ser seguido e sua relação com a ordem tradicional da sociedade brasileira (Dias, 2000: 903).

Intelectual reformador e engajado,⁴ crítico das estruturas tradicionais, militante discreto, mas propenso a reflexões teóricas do que a uma participação política efetiva, erudito e iconoclasta demolidor de tradições (Dias, 1998:11), Sérgio Buarque de Holanda procurou sempre, com extrema objetividade, realizar em seu trabalho a sua expressão pessoal de sociedade e modernidade democrática. Pode-se dizer que desde os seus primeiros ensaios publicados quando ainda era muito jovem⁵, já se fazia presente a tentativa de se diagnosticar um processo de transformação, ruptura e de descontinuidade entre um modelo específico de sociedade tradicional e um novo cenário de possibilidades aberto pelo fenômeno da racionalização crescente da vida social moderna no Brasil. Processo de racionalização esse representado pela expansão das cidades, pela urbanização e dissolução de antigas formas tradicionais de dominação social e política.

³ *Raízes do Brasil* pode ser também compreendida como uma contestação à historiografia nacional que reivindicava a preservação da herança ibérica-européia como referência para a sociedade brasileira.

⁴ Sérgio Buarque de Holanda teve seus antecessores no que diz respeito a apontar as possibilidades de mudança social no passado brasileiro. Intelectuais como Manoel Bomfim (ver *A América Latina: Males de Origem* In *Intérpretes do Brasil* 3v 2000) e Capistrano de Abreu (ver: *Capítulos de História Colonial, 1500-1800 os caminhos antigos e o povoamento do Brasil*. Editora da Universidade de Brasília, 1963) percebiam a importância de incentivar a participação popular nos rumos da sociedade brasileira e chegaram diversas vezes a criticar o autoritarismo da dominação ibérico-colonizadora no Brasil. Mas, neste sentido, Sérgio Buarque de Holanda é com certeza um intelectual ainda mais reformador por ter, ao contrário de Bomfim e Abreu, conseguido localizar no devir histórico brasileiro não só os exatos momentos de ruptura com o passado, mas teorizar sobre um processo revolucionário que estaria implícito neste mesmo devir e que estaria tornando-se cada vez mais evidente.

O amadurecimento de Sérgio Buarque de Holanda como teórico e intérprete dos fluxos dinâmicos e dos processos sociais no Brasil ocorre no sentido de conclamar os intelectuais brasileiros a pensarem as particularidades do ritmo e da mudança da nossa sociedade, sem reduzir a chamada originalidade brasileira a um puro experimentalismo estético; ou a implementação de uma identidade nacional por intermédio de uma política pública e por fatores meramente administrativos (Dias, 2000: 902). O relativo afastamento ou crítica a certos pressupostos do modernismo cultural por parte de Sérgio Buarque de Holanda consiste, justamente, numa preocupação em pensar a realidade social brasileira e teorizá-la dando importância maior ao papel que o povo brasileiro viria ou não a assumir na história do país.

Fundador de revistas que tinham como missão divulgar as novas idéias do modernismo como a revista *Klaxon* e a revista *Estética*⁶ (Costa, 2004:13), foi na condição de jornalista da agência *Havas* e, logo depois, da agência internacional *United Press* que Sérgio Buarque de Holanda entrou em contato direto com a escola histórica alemã ao morar na Alemanha em 1929 (Dias, 2000:904).

1.2 Passagem pela Alemanha

A passagem de Sérgio Buarque de Holanda pela Alemanha foi curta, mas muito marcante, o suficiente para que este pudesse formar uma parte significativa de suas concepções e de sua personalidade intelectual. Na Alemanha, Sérgio Buarque conheceu e entrevistou intelectuais como Thomas Mann, seguiu cursos de filósofos historicistas como Friedrich Meinecke (Dias, 2000: 904) e realizou leituras exaustivas das obras de pensadores

⁵ Aos 18 anos, Sérgio Buarque de Holanda já publicava artigos e ensaios na *Revista do Brasil*, no *Correio Paulistano* e em *A Cigarra* (Dias, 2000:901). Ver, por exemplo, o ensaio de Sérgio Buarque de Holanda intitulado: “O lado oposto e os outros lados”, 1920.

⁶ Sérgio Buarque de Holanda participou da fundação de revista *Klaxon* em 1922. A revista *Klaxon* circulou logo após a semana de arte moderna (ao qual Buarque de Holanda teve participação indireta) e foi o primeiro veículo impresso que divulgou as principais idéias modernistas. Quanto à revista *Estética*, esta foi fundada

como Wilhelm Dilthey, Heinrich Rickert, Georg Simmel, Werner Sombart e entrou em contato direto com a obra de Max Weber, sendo, possivelmente, o primeiro brasileiro a estudar Weber no original.

Entusiasta de muitos conceitos novos introduzidos pelo método historicista, como a concepção dinâmica dos fatos sociais e o relativismo metodológico,⁷ que abria novas possibilidades para a interpretação de muitos fenômenos históricos, da singularidade do conceito de mundo histórico em que se formam as sociedades, e da análise e compreensão psicológica dos agentes sociais, Sérgio Buarque de Holanda identificou-se com a teoria histórico-sociológica alemã e passou rapidamente a ser um divulgador dessas novas idéias no pensamento brasileiro.

Voltando ao Brasil logo após a revolução de 1930, Sérgio Buarque de Holanda desenvolve e exerce sua vocação de democrata radical, ao se opor tanto às correntes políticas e ideológicas da esquerda stalinista autoritária, quanto ao integralismo fascista de certos grupos políticos brasileiros (Cardoso, 1993:29-30). A ênfase dada à construção do regime democrático como único caminho possível para as sociedades modernas, uma das principais premissas de todo pensamento de Buarque de Holanda, deve-se, possivelmente, ao fato dele testemunhar de perto a ascensão do partido nazista na Alemanha e o modo como o autoritarismo possuía a capacidade de seduzir boa parte da classe intelectual de sua época.

Percebe-se a influência da teoria histórica e sociológica alemã em Sérgio Buarque de Holanda desde o seu primeiro livro, *Raízes do Brasil*, passando por obras em que podemos ver uma acuidade maior em relação à psicologia histórica e à motivação que

por Sérgio Buarque de Holanda, aos 22 anos, em 1924 com a colaboração de Prudente de Moraes Neto (Dias, 2000:901).

⁷ A concepção dinâmica dos fatos sociais pode ser considerada uma consequência direta do relativismo metodológico. O historicismo alemão passou de um movimento conservador para um relativismo que busca

compõe a ação de diversos agentes como em *Visão do Paraíso* (1959), ou em reconstituições minuciosas do passado social brasileiro como a coleção *História Geral da Civilização Brasileira* (1960-1972), ao qual coordenou e chegou a escrever o volume *Da Monarquia a República* (1972). Os conceitos de mundo histórico, dinâmica social e o relativismo metodológico inerente ao historicismo associam-se a temas weberianos como a interpretação de individualidades significativas, as adequações de sentido e à apreensão de certas regularidades presentes nas relações sociais, bem como as buscas pelas evidências de racionalidade em uma ação social e a formação de conceitos do tipo ideal irão compor o estilo do pensamento de Sérgio Buarque de Holanda em sua constante transição entre método histórico e método sociológico.

1.3.1 A Obra Raízes do Brasil

Ainda na Alemanha, Sérgio Buarque de Holanda escreveu o que é considerado a primeira versão de *Raízes do Brasil*, o ensaio intitulado “Teoria da América”. Neste ensaio, Sérgio Buarque de Holanda tentou realizar uma até então inédita sociologia dos processos colonizadores no continente americano. De inspiração nitidamente weberiana, a análise de Buarque de Holanda utilizava o método comparativo para verificar o estilo, as predisposições e características próprias da colonização portuguesa, espanhola e, inclusive, inglesa (Mello, 1995:190). Contudo, este ensaio jamais seria publicado em sua versão original, apesar de nele já estar contido, em germe, o que seria um tema central de *Raízes do Brasil* que é o cotejamento entre os tipos de colonização portuguesa e espanhola, bem como uma sociologia voltada para a interpretação e compreensão dos significados das ações sociais de vários sujeitos históricos.

ressaltar a crítica das estruturas sociais estáticas (Lowy:2000:68). Este preceito metodológico (que acentua a dinâmica social) busca ser um contraponto ao relativismo conservador neo-romântico.

Entre a primeira e remota versão de *Raízes do Brasil*, escrita ainda na Alemanha, e sua primeira edição, Sérgio Buarque de Holanda haveria ainda de modificar bastante sua obra, inclusive, para um novo título, *De Corpo e Alma do Brasil; ensaio de psicologia social* (Reis, 2002:116) que viria a acrescentar a base do forte traço psicologista que caracteriza muitas passagens de *Raízes do Brasil*. Mas a obra ainda teria sua publicação adiada e passaria por vários processos de reescritura até a data de publicação da sua primeira edição.

Publicado em 1936,⁸ o livro *Raízes do Brasil*, rapidamente, conquistou um lugar privilegiado em nossa literatura ensaística e é uma referência básica entre as modernas interpretações da sociedade brasileira. Tornou-se, na expressão do sociólogo e crítico literário Antonio Candido, “um clássico de nascença” (Candido,1967:10). Sua contribuição para o pensamento social brasileiro deve-se tanto por sua metodologia original, resultado de uma longa assimilação crítica de certas correntes da teoria social europeia, quanto pela introdução de novos conceitos para pensar a sociedade brasileira, e até de uma certa ousadia e forte iconoclastia quanto aos valores de sua época.

A geração de intérpretes do Brasil da década de 1930,⁹ cujas expressões máximas foram Gilberto Freyre, o próprio Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior,

⁸ Embora *Raízes do Brasil* só fosse assumir a forma que conhecemos hoje, com suas divisões de capítulos, a partir de sua 2ª edição em 1947. As alterações mais significativas quanto à organização dos capítulos seriam os capítulos 3 e 4 que, antes, possuíam o título único de “O Passado Agrário” e que passaram a se chamar respectivamente “Herança rural” e “O Semeador e o Ladrilhador”.

⁹ A obra *Raízes do Brasil* (1936) foi publicada no intervalo entre outras duas obras que, com preocupações semelhantes, tentaram descobrir o *ethos* da sociedade brasileira: *Casa-Grande & Senzala* de Gilberto Freyre (1933) e *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942) de Caio Prado Júnior. A diferença básica entre *Casa-Grande & Senzala* e *Raízes do Brasil*, descontando as semelhanças, é que enquanto na primeira obra nós temos a valorização da tradição Ibérica como a grande responsável pela preservação da nossa unidade histórica e, portanto, um projeto civilizacional no Brasil deveria levar em conta esta realidade, *Raízes do Brasil* desfaz a idéia da herança ibérica como o sentido da nossa historicidade autêntica e da nossa modernidade social. Já os princípios semelhantes entre *Raízes do Brasil* e *Formação do Brasil Contemporâneo* dizem respeito à materialidade dos fenômenos sociais e suas origens na infra-estrutura e nas forças de produção como fundamental base das relações de dominação e organização social.

reformulou o pensamento social brasileiro por sua recusa em realizar uma sociologia da formação brasileira a partir de modelos prontos e importados de explicação teórica. A geração de 1930, da qual Sérgio Buarque de Holanda fez parte, combateu a forte tendência, de muitas correntes do pensamento brasileiro de justificar o subdesenvolvimento por fatores externos à cultura nacional como clima, geografia, ou de utilizar uma explicação biologizante, em que a variável “raça” seria colocada como o fator preponderante e determinante para o desenvolvimento de uma nação (Da Matta, 1984:38). Sabe-se da desconfiança e do desprezo que muitos intelectuais tradicionais no Brasil tinham do fenômeno da “mestiçagem”, como sintoma de degradação de uma cultura e civilização, e de certas teses ou teorias defendidas no início do século XX por intelectuais como Oliveira Vianna, como as teses arianistas ou “teoria do branqueamento”, em que se advogava para a sociedade brasileira, numa tentativa de salvá-la de seu fado mestiço, a utilização da migração ou vinda de povos brancos para o Brasil.

Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, defende a tese de que uma das conseqüências da colonização portuguesa foi a fundação de uma sociedade em que predominou a falta de coesão social e uma tendência à desorganização administrativa no exercício do poder político. Isto se deve ao fato de o colonizador português não ter possuído nenhum projeto organizado de ocupação das novas terras, prevalecendo a constante improvisação e a incapacidade de fornecer ao país que se formava uma definição civilizacional. Na gênese da sociedade brasileira, encontram-se, portanto, os fundamentos de uma sociedade pouco coerente e coesa (Holanda, 2006:33).

Como conseqüência desta nossa desordem inicial, houve o desenvolvimento e consolidação de práticas sociais inconciliáveis com uma sociedade racional e eficaz no cumprimento de suas ações, como o personalismo, o populismo e, principalmente, na esfera pública, como forma de dominação, o caudilhismo. Houve o desenvolvimento do Estado

patrimonialista dominado pelas famílias, legitimado por uma relação afetiva onde não se poderia distinguir objetivamente a esfera pública e a esfera privada.

Para Sérgio Buarque de Holanda, esse comportamento não poderia jamais gerar uma sociedade democrática e bem regulada em seu funcionamento geral. O Estado controlado pelas famílias transformava em funcionários seus parentes, predominando o nepotismo. O poder político não era exercido com critérios precisos, nem havia uma organização burocrática impessoal para ordenar e aplicar leis corretamente.

A falta de solidariedade em nossa vida social, diagnosticada em *Raízes do Brasil* como as origens de muito de nossa falta de capacidade de criar uma sociedade racionalmente organizada, deixou fortes marcas na nossa formação (Holanda, 2006:39). Tanto que a idéia de civilidade parece ser, em nossa terra, um conceito demasiado abstrato. Em contraposição à civilidade que deixa um sentimento de vazio em nossa ordem social em que leis e normas objetivas mal chegam a se personificar nas instituições, o que há é o predomínio da cordialidade; a mesma cordialidade que preenche esse vazio e se torna uma forma de navegação social possível. O tipo de homem cordial habita e se movimenta nas lacunas abertas pela ausência de certos padrões civilizacionais.

Para Sérgio Buarque de Holanda, o português havia construído um mundo invertido (Reis, 2002:129), enquanto na maioria das formas de colonização predominava a construção de cidades, como foi o caso da colonização espanhola na América Central e em países sul-americanos, o sentido da colonização do Brasil foi essencialmente rural. Os portugueses não possuíam senso estético suficiente para empreender uma sociedade urbana e construíram, como foi possível, um mundo rural e patriarcal. Porém, Sérgio Buarque de Holanda vislumbrava impulsionado, sobretudo, pelo processo de urbanização nascente a partir de década de 1930, um processo de modernização racional que levaria ao fim essas

práticas clientelistas, construiria um Estado burocrático e impessoal e dissolveria as formas de dominação patriarcal e rural.

Num momento em que as interpretações do passado histórico-social brasileiro variavam entre uma total descrença quanto à possibilidade deste iluminar o presente e projetar o futuro, ou se voltavam para uma apologia das instituições tradicionais, chegando a lamentar a dissolução de certas formas sociais, a original tese proposta em *Raízes do Brasil* rejeita qualquer explicação determinista, conseguindo se colocar à margem da descrença ou do enaltecimento e elogio do modelo tradicional brasileiro. A própria radicalização política entre grupos opostos na década de 1930, que iria eclodir rapidamente no autoritarismo da ditadura do Estado Novo, já seria denunciada de forma clara e sucinta nas primeiras páginas de *Raízes do Brasil* (Candido, 2006: 21).

1.3.2 Crítica sociológica ao passado histórico brasileiro

A denúncia do passado autoritário brasileiro como origem da má organização das estruturas políticas então vigentes aliado à crítica dessas mesmas estruturas demonstram a transição constante existente em *Raízes do Brasil* entre uma concepção historicista dos fatos sociais - que passam a adquirir caráter transitório e dinâmico - e a sociologia dos complexos resultados regulares de ação e interação social e a posterior generalização e formulação de tipos ideais para conceituar esses fenômenos. A tensão constante entre o relativismo metodológico, (que concedia flexibilidade à interpretação de estruturas sociais estáticas), e a ênfase no processo de mudança social inerente ao significado do devir histórico, serve como um contrapeso, no método exposto em *Raízes do Brasil*, à dificuldade de uma sociologia empírica e compreensiva trabalhar com a invariabilidade de certos fenômenos sociais. É significativo que Sérgio Buarque de Holanda tenha se preocupado

em realizar sua análise sempre a partir de uma perspectiva histórica, para depois explicá-la e desenvolvê-la de forma sociológica.

Em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda constrói seus conceitos através de uma seleção criteriosa dos fenômenos históricos, isolando seus dados em busca do que estes possuem de singular e específico, inserindo-os sempre num modelo de explicação lógico-causal, verificando as relações entre as partes e o todo, para depois ir respondendo um por um seus dados de forma sociológica. Em síntese: Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, pergunta como um historiador e responde como um sociólogo.

Por isso é válido afirmar que, embora no método seguido em *Raízes do Brasil* haja sempre a formulação de conceitos historicizados e a relativização dos fenômenos empíricos invariáveis, esta obra apresenta um caráter acentuadamente sociológico. A teoria sociológica é predominante em *Raízes do Brasil*, justamente, por apresentar em suas formações de tipos ideais uma precisão maior nas adequações de sentido e uma valorização maior da ação social como objeto de estudo e ponto de partida teórico. O método de Sérgio Buarque de Holanda, fortemente influenciado pela Escola Histórica Alemã, serve como complemento à teoria sociológica predominante em *Raízes do Brasil*. Esta é uma das principais inovações desta obra para sua época: acrescentar à historiografia nacional uma dimensão acentuadamente sociológica, utilizar e adaptar a moderna sociologia compreensiva às especificidades e circunstâncias nacionais e desta forma discutir extensamente os problemas relativos à formação e organização da sociedade brasileira.

Historiador das discontinuidades entre o passado autoritário brasileiro e das continuidades com suas origens democráticas, que são localizadas em certos momentos da formação do Brasil, sociólogo das regularidades que compõem a realidade empírica e, sobretudo, um investigador das possibilidades de mudança social (Dias, 1998:13), Sérgio Buarque de Holanda prefere ter uma concepção cíclica dos fenômenos histórico-sociais em

que cada fato vai criando sua importância e exercendo sua influência no devir e no quadro geral das configurações sócio-políticas. O método de Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, mostra bem uma tentativa de escapar a qualquer tipo de determinismo ou explicação unicausal da realidade social e valorizar na sociedade brasileira os seus antagonismos.

1.3.3 O método em Raízes do Brasil

A metodologia de *Raízes do Brasil*, por transitar entre os significados e o conteúdo das particularidades históricas e às generalizações tipicamente sociológicas das apreensões de certas regularidades que formam o mundo social, promove uma das principais características desta obra, a percepção e o senso dos contrários que movem a nossa formação social (Candido,1967:12-13). Este senso de contrários, típico da metodologia de *Raízes do Brasil*, aprofunda a reflexão do objeto de análise, ao abrir um campo maior de investigação, e possui muitas implicações teóricas, como pressupor no âmbito político a alternância de poder e a importância da participação de uma quantidade maior de agentes sociais na construção da sociedade.

Os instrumentos heurísticos que Sérgio Buarque de Holanda encontrou para sintetizar a abrangente dicotomia entre as diferentes formas de vida social no Brasil e para sintetizar também os antagonismos entre os comportamentos desses múltiplos agentes sociais na sociedade brasileira foram, sem dúvidas, os tipos ideais. A compreensão dos significados dos tipos ideais buarqueanos é para esta dissertação a chave profunda de decifração da obra *Raízes do Brasil*, justamente por estes transitarem entre a teoria sociológica e a metodologia histórica presente na obra. Devido ao fato também de os tipos ideais buarqueanos, conforme expostos, concederem ao seu trabalho um caráter preponderantemente sociológico. Por estes tipos serem também a contribuição metodológica

mais original para o diálogo de Buarque de Holanda com os debates e a teoria sociológica européia de sua época.

A análise de Sérgio Buarque de Holanda concede ênfase às individualidades existentes no mundo empírico, às particularidades finitas e ideais como modelos de interpretação e explicação causal, e o desapego à análise de sistemas abstratos independente das distinções entre os casos concretos que compõem a peculiaridade da vida social. Estes fundamentos são importantíssimos para se compreender os principais tipos ideais presentes em *Raízes do Brasil* e sua perspectiva de caráter antipositivista, voltada, portanto, para a compreensão do mundo social criado pela colonização ibérico-portuguesa e sua herança cultural, e para a interpretação dos fundamentos da nacionalidade brasileira.

É necessário lembrar que a síntese conceitual realizada em *Raízes do Brasil* jamais é definitiva, mas sim dinâmica (Candido, 2000:19). Os tipos ideais são instrumentos metodológicos valiosíssimos para pensar certas contradições fundamentais da realidade social no Brasil. Abrem caminho ainda para uma maior compreensão dos fenômenos dinâmicos que intervêm nos processos sociais alterando-os e acelerando o ritmo da mudança social. Os conceitos assim construídos por Sérgio Buarque de Holanda possuem uma intenção ainda mais engajada: fazer os intelectuais e intérpretes do Brasil de sua época, com quem dialogava, perceberem com mais nitidez o processo de transformação da sociedade brasileira.

E esta é uma das polêmicas ou motivo de debates intensos de Sérgio Buarque de Holanda com a intelectualidade de seu tempo: a valorização e a percepção do conceito implícito de dinâmica social, pois Holanda ao abordar todos os fenômenos sociais brasileiros a partir de uma perspectiva histórica compreende a sociedade em seu caráter processual.

Do ponto de vista normativo, a visão de Sérgio Buarque de Holanda é modernizante. Todos os problemas ocasionados pela má formação social do Brasil como o caudilhismo, o personalismo e a desorganização administrativa seriam gradativamente superados. Um novo país, mais justo e democrático, estaria se formando. Esta é uma tese essencial em *Raízes do Brasil*.

A sensibilidade para o estudo e para a interpretação dos problemas centrais que formam a sociedade brasileira fez com que Sérgio Buarque de Holanda se deparasse com o conceito de originalidade nacional, ao localizar, no *devoir* histórico brasileiro, uma perspectiva concreta e forte de ruptura; mais ainda: a decadência de um mundo e a ascensão de outro, como um sentido interno da formação social do Brasil presente em inúmeros antagonismos, como o da sociedade civil e da sociedade política, o do passado colonial e o do futuro urbano aberto pelas cidades, e o da dominação familiar afetiva em contraposição à construção do Estado burocrático e impessoal. Como historiador ligado às posições relativistas que enfocam o ritmo da transitoriedade e da mudança social, Holanda procurou remover os obstáculos que impossibilitavam a construção e o desenvolvimento de uma civilização original e mesmo de um amplo projeto político para o país (Candido, 2000:23).

1.3.4 O significado e o impacto de Raízes do Brasil

Os efeitos posteriores à publicação de *Raízes do Brasil*, até hoje, causam impacto quanto ao estudo e interpretação da sociedade brasileira. Muitos de seus conceitos ou categorias de análise sociológica tornaram-se modelos e referências para o estudo de diversos aspectos da sociedade brasileira com eco na teoria política, psicologia social e mesmo na sociologia da educação. A formação do Estado no Brasil, suas relações com as demais instituições e com a sociedade civil, ganham pela primeira vez no Brasil uma teorização moderna. A psicologia social em *Raízes do Brasil* serve como uma inesgotável

fonte de estudos para a interpretação do “caráter” e do comportamento do homem brasileiro. O problema do *homem cordial* tem sido, na atualidade, quase sempre tomado como uma questão básica de educação. *Raízes do Brasil* é ainda considerado um dos melhores livros nacionais que os sociólogos e estudiosos podem encontrar, para compreender a modernização da sociedade brasileira e criar teorias sobre esse processo.¹⁰

Pela primeira vez, também no pensamento brasileiro, a partir de *Raízes do Brasil* são utilizados conceitos como “patrimonialismo”, “personalismo”, “burocracia”;¹¹ (Candido, 2006: 17) bem como uma sociologia da dominação tipicamente weberiana. *Raízes do Brasil* ainda foi responsável de forma intensa pela divulgação, em terras brasileiras, do pensamento historicista e de suas implicações teóricas e metodológicas.

Em seu próprio tempo, *Raízes do Brasil* convidou a inteligência nacional a uma profunda e radical reflexão sobre as origens e os fundamentos da sociedade brasileira e muitas polêmicas causou. O radicalismo da análise de *Raízes do Brasil* pode muito bem ser ilustrado pelo próprio título da obra, que tenta tomar um problema histórico e sociológico pela sua raiz. A repercussão da obra foi imediata e, curiosamente, bastante discreta; resumindo-se a certos círculos intelectuais de sua época e sendo um recado incômodo a muitos grupos políticos da década de 1930 que, ou insistiam na visão tradicionalista do processo brasileiro, ou pregavam uma mudança social autoritária e abrupta, com reformas sociais dissociadas do contexto da racionalidade democrática e excluindo a participação popular do processo de transformação da sociedade.

¹⁰ Ver, por exemplo, o atual debate proposto por Jessé Souza em *A Modernização Seletiva*, em que a teoria de Sérgio Buarque de Holanda é assimilada muito criticamente para pensar o desenvolvimento e a inautenticidade da nossa modernidade social. Em seu livro, Jessé Souza afirma que a auto-interpretação dominante dos brasileiros pressupõe um diagnóstico de uma modernidade superficial e contrária ao padrão europeu de desenvolvimento, ao mesmo tempo em que, justifica, de certa forma, a má formação social brasileira.

¹¹ Conceitos estes, que se tornaram clássicos para pensar a sociedade brasileira. Ver, sobretudo, o livro *Os Donos do Poder* de Raymundo Faoro.

No ano seguinte à publicação de *Raízes do Brasil*, eclodiu a ditadura do Estado Novo (1937-1945), período getulista autoritário, ao qual se sucederam perseguições políticas, prisões, torturas e assassinatos; censura à imprensa e aos meios de comunicação. *Raízes do Brasil* mostrava a possibilidade em meio ao autoritarismo da transformação social no âmbito democrático. Sérgio Buarque de Holanda, ante a ditadura formada, exerceu importantes papéis de resistência a esse tipo de dominação política sendo, por exemplo, fundador em 1945 da chamada Esquerda Democrática - o futuro Partido Socialista Brasileiro – e em que colaborou para uma revisão e atualização do pensamento da esquerda nacional (Candido, 2004:161). Assim como, também, fundou em 1942 e colaborou intensamente com a Associação Brasileira de Escritores, que desenvolvia atividades críticas à ditadura, encontros e debates para realizar manifestos a favor da democracia.

Em sua linguagem um tanto difícil e erudita, sujeita as inúmeras divagações, *Raízes do Brasil* não chegou a despertar paixões ideológicas; o livro nunca chegou a ser um referencial para a luta política por não se preocupar em identificar os agentes da mudança social (Reis, 2002:142) ou privilegiar alguma classe em especial. Por ser também, essencialmente, a interpretação de um processo de mudança, que já vinha lentamente, de pelo menos um século, e que teria como momentos decisivos a vinda da família real para o Brasil (1888), a proclamação da independência do Brasil (1822), a abolição da escravidão (1888), a proclamação da república (1889) etc... (Reis, 2002:136) até o surto de urbanização industrial que se intensifica a partir de 1930. Essas são algumas das principais referências das discontinuidades que Sérgio Buarque de Holanda tomou para narrar a história do Brasil, ele as valorizava de tal forma que ganhassem um papel cada vez mais relevante na explicação do caminho que o Brasil tomaria para se tornar uma nação moderna.

O significado de *Raízes do Brasil* pode ser bem dimensionado quanto à sua contribuição para a elite intelectual da época e, até os nossos dias, pelo seu preciso diagnóstico do ritmo histórico-social brasileiro e sua alteração, às vezes lenta, sujeita mesmo a retrocessos, mas sempre contínua e, sobretudo, possível. O fenômeno que Sérgio Buarque de Holanda denominou de “A revolução brasileira” (Holanda, 2006:171) consistiu numa crítica explícita a muitos movimentos pretensamente revolucionários que povoavam o território latino-americano e que, só resultavam, posteriormente, numa opressão ainda maior; serviu também como forma de radicalizar a análise da ruptura gradual com as antigas estruturas de dominação no Brasil. Sérgio Buarque de Holanda não temeu em utilizar palavras tão assustadoras quanto “revolução” para diagnosticar o processo brasileiro de mudança o que, certamente, desagradou à elite nacional de sua época que lutava para manter um tipo de dominação oligárquica de alicerces rurais.

A boa e honesta revolução brasileira não seria realizada no futuro, mas seria uma consequência natural de um processo já existente, aliás, essa revolução brasileira já estava acontecendo, segundo Sérgio Buarque de Holanda, há algumas décadas e, se melhor compreendida, poderia ser acelerada (Reis, 2002:135). Sérgio Buarque conclama intelectuais, a participação popular e homens da elite nacional para se envolverem e tomarem parte nesse processo. Sem, no entanto, idealizar nenhuma instituição, como, por exemplo, o Estado (a quem muito critica), como o agente principal da mudança. Mas sempre deixando claro como mensagem política de que somente o povo poderia ser responsável pela condução de seu próprio destino (Candido, 2006:23). Se o *devir* histórico possui algum sentido, esse seria o da construção cada vez maior do horizonte democrático e o da racionalização da vida social a ponto de se estabelecer à modernidade.

O significado de *Raízes do Brasil*, neste contexto mais amplo, significa o sentido da revolução brasileira, que é o da modernização e racionalização das esferas sociais.

Racionalização das esferas sociais exatamente como previsto por Max Weber para as sociedades ocidentais. Sérgio Buarque de Holanda quer um Brasil moderno, mas dissociado do modelo Europeu de desenvolvimento, a partir de um estilo verdadeiramente novo e singular, talvez único, brevemente tratado em *Raízes do Brasil* numa de suas passagens que mais desperta curiosidades: um estilo único e americano (Reis, 2002:136). Americano, não se sabe aqui, se diz respeito ao estilo da democracia norte-americana ou ao do continente americano em si, ao qual o Brasil deveria se integrar e talvez até representar um papel de destaque e vanguarda desse processo. Os sentidos e os rumos da revolução brasileira assumiriam certamente, cada vez uma dimensão maior. Provavelmente esquecida da continuidade desse fenômeno, grande parte dos estudiosos da obra *Raízes do Brasil* parece esquecer da futura dimensão internacional dessa revolução, modernização, racionalização que consiste mesmo numa parte importante de uma teoria sobre a América, talvez nunca completada por Sérgio Buarque de Holanda.

Capítulo 2

Max Weber e os tipos ideais

2.1 Antecedentes

Embora não seja o nosso objetivo reconstituir em detalhes o monumental e complexo sistema metodológico de Max Weber - o que seria tema para um estudo mais longo e mais aprofundado - pretendemos, realizar aqui, algumas indicações necessárias ao entendimento geral do método weberiano. Pretendemos, neste capítulo, realizar uma exposição sobre os significados do conceito de *tipo ideal*, sua importância e sua localização no projeto weberiano de ciência.

Para que isto seja realizado de forma mais clara, é necessário um breve comentário sobre os conteúdos dos debates que se desenvolveram nos círculos universitários alemães na segunda metade do século XIX e que serviram como base para a formação intelectual de Max Weber e para o posterior contexto e cenário em que ele viria a construir todo o seu referencial metodológico.

As discussões teóricas e epistemológicas que buscavam um distanciamento e ruptura com o quadro geral do positivismo naturalista na Alemanha do fim do século XIX centraram-se nas atribuições de uma autonomia ao objeto das ciências humanas em relação às ciências da natureza. A diferença específica entre o modelo metodológico proposto pelos positivistas e a tradição epistemológica alemã, voltada em grande parte para uma investigação especulativa da realidade ¹² (Fernandes, 1959, 90), consistia na afirmação e

¹² O sociólogo Florestan Fernandes em *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica* (1959:90) afirmou que ao contrário do desenvolvimento da sociologia na França em que predominou a ênfase no referencial empírico para a explicação sociológica devido à tradição do positivismo naturalista, na Alemanha,

pressupostos da divisão do real em níveis distintos. Seja numa divisão ontológica entre o reino da natureza e o reino do espírito (conforme pensado e proposto por Wilhelm Dilthey) ou na diferença entre os métodos (individualizante ou generalizante) segundo filósofos que retomam a tradição kantiana como Windelband e Rickert. (Freund, 1987:32-33).

Para Windelband, o problema do estatuto das ciências humanas não passava por nenhum fracionamento da realidade, mas por uma divisão de métodos (ciências nomotéticas e ciências ideográficas) que estudariam uma realidade única por caminhos diferentes, o que se opunha à visão diltheyniana de separação ontológica do real em campos distintos (Freund, 1987:34). As ciências nomotéticas possuem como objetivo a formulação de leis gerais, e as ideográficas seriam voltadas para o estudo e a investigação da individualidade ou singularidade de um fenômeno (Saint Pierre, 1991:21). Rickert concordava com Windelband quanto à unidade lógica do real que permanece sempre idêntico a si mesmo, mas procurou enfatizar a seletividade dos métodos quanto à realidade empírica e, no caso das ciências da cultura, enfatizou a relação com os valores que se estabelecem como significados de escolhas históricas e culturais por parte dos indivíduos e do próprio cientista. Essa lógica dos valores desenvolvida por Heinrich Rickert será adaptada e aproveitada na formação de conceitos do tipo ideal por Max Weber e será também um dos pressupostos de toda sua metodologia.

Se para Dilthey as “Ciências do Espírito” se opõem às “Ciências da Natureza” devido a uma distinção ontológica presente no próprio plano da realidade, a forma de compreensão desses objetos distintos e autônomos obedeceria, evidentemente, a diferentes e rigorosas construções metodológicas. Dilthey concebeu o *Verstehen*¹³ como método para

as discussões quanto ao método das ciências humanas tenderam mais à especulação filosófica construída a partir da tradição hegeliana e neokantiana.

¹³ Refiro-me à forma de compreensão ou entendimento específico das ciências da cultura ou ciências do espírito da qual Dilthey é um dos representantes.

as Ciências da Cultura, ao passo que a compreensão por meio da reconstituição histórica das regularidades presentes no mundo social (que seria uma expressão objetivada do espírito dos homens no tempo em seus aspectos individualizantes) se contrapõe à explicação causal dos fenômenos por parte das Ciências da Natureza que tenderiam à generalização. A diferença entre os métodos das ciências humanas e naturais consistiria, basicamente, em sua apreensão de níveis distintos da realidade e em sua formulação de leis por intermédio da compreensão ou da explicação (Lowy, 2000:71-74).

Já nas ciências da cultura e mesmo na filosofia e método desenvolvido por Heinrich Rickert fazia-se presente um certo empirismo na formação de conceitos, mas aparentemente o grau de filosofia especulativa ainda se fazia muito forte. O que parece ter levado Rickert a procurar uma mediação entre essas duas atividades do espírito.

2.2. O problema dos valores em Rickert e Weber

Rickert parecia não ver como um grave problema de método o conflito entre o fato e o valor, e chegou a sugerir, como atividade inerente ao historiador, a escolha dos valores de maior relevância na interpretação de um fenômeno, isto é: tendo em vista a existência de muitos e diversos valores contraditórios e concorrentes entre si, o pesquisador deveria decidir qual possuiria maior relevância para o estudo de um fato histórico-sociológico¹⁴. Neste sentido, o próprio ato do historiador utilizar sua subjetividade e seus valores para a escolha do objeto a ser estudado é um passo importantíssimo na construção da objetividade científica (Rickert, 1980:64-76).

Por outro lado, conforme lembra Diggins (1996:147-148), as discussões sobre os valores e a formulação de conceitos gerais dos seres individuais ao qual tende o método científico, já eram uma das formas utilizadas por Rickert para conciliar melhor a realidade

empírica como um dado concreto e sua representação. Ocorre que, no espaço ou intervalo entre o dado concreto e sua percepção sensível e posterior representação e generalização, formam-se alguns hiatos irracionais. É por isso que o tipo de conceito buscado por Rickert e a tradição kantiana ¹⁵ é idealmente considerado como uma “mediação” entre a realidade e instâncias diferentes da esfera cognitiva e os valores estão presentes nesta mediação. Quanto à irracionalidade existente nestes processos, deve o sujeito pesquisador/cientista estar sempre atento para percebê-los e procurar diminuir as possibilidades de erro.

Para Gabriel Cohn (1979:67) ao tomar contato com a “controvérsia metodológica” Weber assume a perspectiva de um cientista prático, não necessariamente a de um filósofo. O trabalho de Max Weber diz respeito à perspectiva de um sociólogo que procura esclarecer certos pontos relevantes para sua atividade e não meramente o interesse de um especialista em metodologia da ciência (Cohn, 1979:74).

Weber não concorda que a divisão entre o método individualizante e generalizante se aplique necessariamente à diferença entre as ciências humanas ou naturais. Ambas podem utilizar uma ou outra dessas metodologias e essa não é a diferença entre os modelos científicos desse método de acordo com as exigências das circunstâncias concretas que impõem ao pesquisador os limites e as possibilidades de sua investigação (Freund, 1987: 33).

Isto quer dizer que a ciência histórica pode estudar um fato ou objeto que se modifica com o tempo, ressaltando o que há neste de individual ou singular, ou mesmo os

¹⁴ É importante lembrar que, além da conciliação entre a subjetividade do pesquisador e o valor relevante que vai orientar a investigação do objeto científico, há também uma conciliação entre a subjetividade do pesquisador e os valores existentes na sociedade estudada.

¹⁵ Esta concepção kantiana oferece passagem a um tipo de epistemologia em que os conceitos assumem o status de essências ontológicas do real tão característico da dialética socrático-platônica e das Categorias aristotélicas (que serão de certa forma retomadas no século XX pela fenomenologia de Edmund Husserl) para uma epistemologia em que os conceitos assumem a condição de “signos” do real a serem utilizados como instrumentos para a compreensão da realidade e fundamento do método que oferece premissas a muitos dos pressupostos da epistemologia das ciências sociais, de suas formações de conceitos e em especial do conceito de *Tipo Ideal*.

seus contornos mais gerais. Uma ciência pura como a astronomia pode utilizar o método comparativo e estudar, por exemplo, do ponto de vista particular a história de uma estrela ou estabelecer distinções gerais ou relações causais entre as posições de diversas estrelas em vários pontos da uma galáxia. Pode-se dizer também que, segundo Weber, nenhum desses métodos é superior ao outro, mas sim mais *causalmente adequado* ao problema da investigação (Freund, 1987: 34).

Neste sentido, a idéia de causalidade pode ser definida como a razão suficiente de um objeto específico¹⁶ e está presente na composição de um fenômeno e, por conseguinte, na formação de um conceito que deve organizar a realidade de acordo com as causalidades significativas que se tornam causalidades explicativas de uma realidade estudada sob um certo ponto de vista.

A crítica que Weber faz ao método quantitativista serve como alerta para uma certa tendência positivista, existente em sua época, de se reduzir um sistema social à mera expressão numérica, desprezando os desvios irracionais¹⁷ que afetam o objeto. Para Weber mesmo um conceito como o número ou a quantificação típica das ciências exatas seria unívoco e também rigorosamente seletivo (Freund, 1987: 35).

Weber não era, de modo algum, contra a utilização dos métodos quantitativos. Para o sociólogo alemão, a importância das inferências lógico-matemáticas para o método serviria não no sentido de transformar leis sociais em equações, mas por utilizar analogamente operações subtendidas à construção de conceitos lógicos.

De Rickert Weber aproveitou ainda o tema das relações com os valores e, por extensão, o significado da neutralidade axiológica (Ringer, 2004:57). O problema da

¹⁶ É preciso não confundir a “razão suficiente” com o determinismo sociológico de qualquer espécie. O termo “suficiente” aqui deve ser entendido do ponto de vista lógico, isto é: como causa necessária.

¹⁷ Nas relações humanas, os desvios irracionais são freqüentes. Em Weber, uma ação irracional não oferece boas condições para adequações de sentido e explicação causal.

relação com os valores pode ser formulado da seguinte forma: Como a sociologia, como ciência empírica, poderia produzir valores ou normas para a vida prática em seu conteúdo eminentemente subjetivo? A resposta weberiana é que a atividade das ciências humanas incorporaria, inevitavelmente, os valores, o que é um tema característico da filosofia ética e não de uma ciência empírica.

Consciente que é impossível eliminar totalmente os valores da pesquisa nas ciências humanas, Weber propõe a seletividade do objeto de estudo como uma premissa subjetiva válida para a formação de conceitos e elaboração do método científico compreensivo. A subjetividade de um cientista pode orientar o objeto de análise na cadeia das causalidades significativas dos infinitos processos sociais, muitos deles irracionais.

Ao contrário de Rickert, Weber não considera a possibilidade de se criar um sistema de valores a partir de um valor transcendental que, estando acima dos demais valores, estabeleça uma hierarquia entre eles. Este seria um tema para a filosofia metafísica, que parte do pressuposto da existência de princípios universais de caráter apriorístico que fundamentam a realidade. A escolha de um valor é um procedimento eminentemente subjetivo. Uma ciência empírica que busca a objetividade não pode jamais fornecer regras práticas e construir um sistema de escolhas impostas à conduta individual e coletiva. A função de um método científico que busca apreender a realidade desde o seu ponto de vista essencial e objetivo pode até ser a de indicar quais são os valores existentes e as escolhas em jogo, mas jamais poderá ser a de indicar quais são os valores que devem ser seguidos (Freund, 1987:65).

Numa interessante perspectiva de análise Wolfgang Schluchter¹⁸ (Schluchter, 2000:19) afirma que, ao se portar como defensor da objetividade nas ciências humanas,

¹⁸ Schluchter também toca na questão do tema weberiano da racionalização específica do mundo ocidental. Esta racionalização também se aplica ao universo dos valores.

Max Weber é o protagonista da tese do “politeísmo de valores” e da colisão de valores”. O sistema de escolhas imposto pelos valores levaria cada indivíduo a ter que escolher a qual valor seguir e, uma vez tomada sua decisão, deverá negar valores opostos. Ao escolher um valor para guiar sua vida, o indivíduo rejeita tantos outros, os valores concorrem entre si como se fossem uma luta de deuses ao qual o indivíduo deveria escolher o seu deus ou demônio pessoal e qual o altar em que vai edificar sua verdade subjetiva. Apesar do politeísmo de valores implicitamente conchamar a autonomia e responsabilidade do indivíduo perante as diversas realidades da vida, o que ocorre é que no mundo empírico há a existência de valores inconciliáveis e incontornáveis. O método científico proposto por Weber para as ciências humanas procura resolver o impasse causado pelos inevitáveis confrontos de valores, através da edificação de um modelo objetivo de interpretação e compreensão da realidade social.¹⁹ A relação do cientista com os valores deve ser consciente e este deverá perseguir a objetividade científica, evitando julgar a realidade estudada de acordo com os parâmetros da sua subjetividade.

Para Gabriel Cohn (1979:102) na relação estabelecida entre a ação social do agente racional e os valores há espaço para a autonomia do indivíduo, para a liberdade e responsabilidade. Weber teria se preocupado mais com os meios adequados para conseguir a compreensão objetiva do mundo social do que com os fins embasados em valores que não podem ser hierarquizados de acordo com um critério objetivo.

A impossibilidade de eliminação total dos valores na análise que o sociólogo realiza faz com que estes sejam incorporados à pesquisa de forma consciente. A utilidade da assimilação consciente dos valores está em ajudar a escolher e selecionar a realidade

¹⁹ É importante não confundir o modelo objetivo de interpretação com a justificação normativa dos valores. A justificação dos valores não é o objetivo de uma ciência empírica. A tese da neutralidade axiológica segue como referência na metodologia de Max Weber.

estudada, orientar a investigação e o ponto de vista do pesquisador que irá construir o conceito sociológico.

A oposição entre o julgamento de valor e a relação com os valores é um dos temas fundamentais da obra de Max Weber (Aron, 2002:761) a existência da ação social implica em produção de valores que guiam também a conduta significativa dos sujeitos históricos. Imerso em uma cadeia de valores contraditórios e inconciliáveis o cientista enfrenta o desafio de ter que recompor o mundo social numa dimensão objetiva ao mesmo tempo em que não pode eliminar totalmente seus próprios valores durante sua pesquisa.

Os valores que interessam à sociologia não se encontram no plano transcendente, mas são criados pela conduta subjetiva humana. Para Weber existe uma distinção fundamental entre a ordem da ciência e a ordem dos valores. O que caracteriza a ordem da ciência é a consciência e submissão ante os fatos e as provas, o que caracteriza a ordem dos valores é o “livre arbítrio” e a “livre afirmação”²⁰ (Aron, 2002:762), ao perceber o abismo formado entre essas duas ordens Weber constrói pontes de compreensão utilizando-se para isso, fundamentalmente, de uma interpretação mediada por conceitos que sejam, de certa forma, uma síntese metodológica e racional de toda essa complexidade.

2.4.1 O tipo ideal como instrumento metodológico de síntese

Na relação consciente com os valores, como forma de se encontrar a objetividade nas ciências humanas e devido à crescente percepção da complexidade inesgotável do real e da consolidação gradativa das ciências da sociedade, como modelo autônomo, Weber propôs aquilo que seria parte integrante e fundamental de sua metodologia e sua teoria da interpretação: *o conceito de tipo ideal*.

²⁰ E acrescenta Aron (2002: 765) o fato de Weber ter tomado como uma antinomia fundamental da ação o conflito entre a *moral da responsabilidade* e a *moral da convicção*.

Obtem-se um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou vários pontos de vista, e mediante o encadeamento de grandes quantidades de vistas, e mediante o encadeamento de grandes quantidades de fenômenos isoladamente dados, difusos e discretos, que se podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo e que se ordenam segundo os pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de formar um quadro homogêneo de pensamento. Torna-se impossível encontrar empiricamente esse quadro, na sua pureza conceitual, pois trata-se de uma utopia. A atividade historiográfica defronta-se com a tarefa de determinar, em cada caso particular, a proximidade entre realidade e o quadro ideal. (Weber, 1992:137-138).

Percebe-se que o tipo ideal possui antes o significado de um conceito-limite, ao mesmo tempo em que é uma tentativa de apreender os indivíduos históricos em conceitos gerais. A finalidade da formação de conceitos de tipo ideal consiste sempre em tomar rigorosamente consciência, não necessariamente e apenas, do que é geral, mas também do que é específico nos fenômenos sociais. O conceito de tipo ideal proposto por Max Weber seguindo a tradição neokantiana é, sem dúvida, um valiosíssimo instrumento metodológico e uma síntese abrangente e lógica de múltiplas determinações causais, e na sua análise das causalidades (Outwhaite,1983:120-123) seleciona e põe em ordem uma imensa cadeia de conexões causais.

O conceito de tipo ideal consegue valorizar num mesmo fenômeno sociológico, o seu aspecto especulativo ou ideal, embora o conceito jamais se perca numa espécie de idealismo demasiado vazio e formal, e abre um campo fenomenológico mais amplo para o objeto estudado. Ao mesmo tempo, toda tradição empirista está também presente no conceito ideal-típico, pois todo tipo ideal refere-se sempre a uma realidade concreta no mundo sensível. Para utilizar um termo da moderna fenomenologia husserliana, valorizado por sociólogos como Alfred Schutz²¹ (1970:268-269) em sua fenomenologia do mundo social e na construção de seus construtos sociais, podemos dizer que, no tipo ideal, existe, de forma explícita, um fortíssimo grau de intencionalidade, todo *tipo* ideal tende à realidade

e todo tipo ideal é sempre o tipo ideal de alguma coisa. Desta forma, pode-se dizer também que o tipo ideal, enquanto conceito, pode ser considerado também um tipo de consciência.

O tipo ideal também se presta à formulação de previsões sobre fatos do mundo social que, na escala da razoabilidade, garante um certo sucesso à investigação científica sociológica e abrange a idéia de evidência que contribui decisivamente para as devidas imputações e para a posterior compreensão e explicação do sentido do fenômeno estudado.

Na “fórmula do tipo ideal” está implícita também a idéia de que a ciência da sociedade deve trabalhar sempre com um fragmento ou imagem finita da realidade. Esse “fragmento finito” é racionalmente adequado e organizado de acordo com o tipo de explicação pretendida e com o grau de complexidade inerente aos fatos sociais.

2.4.2 Quadro ideal e realidade empírica

Por outro lado, o conceito de tipo ideal se afasta do mundo empírico sem perder o foco em que se baseia (o objeto de análise) sem negar a realidade no sentido de substituí-la por outra realidade. Ao contrário, o afastamento do tipo ideal em relação à realidade acontece para criar a oportunidade do cientista comparar o seu modelo de análise com a realidade estudada. O tipo ideal não oferece o risco de se trocar uma realidade concreta dada por uma realidade simplesmente “imaginada” (Weber, 1992:412). Na verdade, não ocorre uma “substituição” da realidade, mas um rigoroso processo de seleção racional das conexões causais e significativas que formam a infinita teia dos processos sociais.

Para Weber, o tipo ideal possibilita a compreensão da vida dos homens em sociedade, e a sociologia compreensiva possui como principal objeto o significado de uma ação social (Weber, 1992:400). A interpretação de uma ação social se orienta em virtude da noção de evidência e deve ser explicada causalmente em seus efeitos. O fato de se haver

²¹ A fenomenologia social de Alfred Schutz valoriza também a ação social humana e o conteúdo significativo dessas ações.

uma evidência causalmente adequada não garante, necessariamente, o bom êxito do tipo ideal formado; mas é um dado da realidade que contribui decisivamente para a orientação da investigação metodológica²².

O método científico buscado pelas ciências humanas consiste na criação de tipos (Weber, 1992:402) que pressupõem uma seleção constante e rigorosa entre as conexões de sentido irracionais (que não devem ser desprezadas, pois figuram e interferem nas relações causais de um fenômeno e, portanto, interferem na sua explicação) e as motivações racionais que produziram seu desenvolvimento lógico numa relação entre meios e fins que passam a ser tratados como ideais.

2.4.3 A compreensão em Weber

Convém distinguir, na metodologia weberiana, pelo menos duas acepções diferentes do termo “compreender”: uma acepção que significa a compreensão do sentido atual de uma ação, sendo assim uma ação que é compreendida desde o seu último efeito e outra que se estabelece pela conexão de sentido ou apreensão interpretativa do sentido²³ (Weber, 1992: 403-404).

A diferença é que a apreensão interpretativa do sentido, construída cientificamente pelo procedimento do tipo ideal, estabelece conexões de sentido entre os meios e os fins de um comportamento social (desinteressando-se, entretanto, da ação condicionada pela massa

²² Jaspers (1995:118) afirma e ressalta bastante o compromisso empírico de Max Weber como um dos principais motivos para a criação de sua metodologia. A investigação sociológica não deve procurar uma visão das essências da realidade e da totalidade humana. A investigação científica-social rejeita as implicações metafísicas para se ater à experiência humana no campo da ação e da prática sociológica.

²³ É bom lembrar que Weber utilizou o problema da compreensão em sua sociologia (Gerth & Mills, 1963:74) porque considerava ser a sua sociologia um tipo entre outras sociologias possíveis. Por isso chamou sua sociologia de “interpretativa” ou “compreensiva”.

²⁴), verificando o seu fundamento e não apenas o seu efeito atual. Uma ação social causalmente e idealmente explicada por meio da formulação de tipos expõe o desenvolvimento ideal do mesmo em suas adequações de sentido.

As adequações de sentido apreendidas por um tipo ideal de uma ação que apresente em seu significado e desenvolvimento causal uma evidência racional, além de funcionarem como referências para o estudo do desenvolvimento contínuo de uma ação a partir de seus fundamentos (o que no fundo constitui-se numa sondagem das causas que produziram o último efeito da ação), servem também para verificar até que ponto uma explicação sociológica segue as evidências racionais do fenômeno estudado e não se perca nos hiatos irracionais que desviam o foco do problema.

Observe-se também que, numa ação social²⁵ uma causalidade mesmo que justamente adequada, não é sempre significativa, pois é comum ocorrerem “desvios” no desenvolvimento de uma ação (Weber,1992:402) e a mesma pode não ser rigorosamente racional para uma imputação causal e para uma metodologia compreensiva.

Por esta razão, deve-se compreender o sentido de uma ação não apenas em seu significado atual, mas também se devem compreender os motivos desta ação, sejam eles racionais ou irracionais. E o “motivo” faz parte do fundamento do sentido de uma ação-social individual ou mesmo coletivo, sejam estes motivos reais ou imaginários (Weber,1992:406). A descoberta dos “motivos” que movem um agente e sua intencionalidade indica evidências fundamentais para a construção das adequações de sentido.

²⁴ Op.cit. p. 493. (Parte 2). A ação condicionada pela massa é o caso de um indivíduo que tem seu comportamento influenciado pelo fato de estar imerso numa massa homogênea de outros indivíduos. Quando a ação individual se deixa guiar unicamente pela massa não havendo, portanto, significado atribuído pelo seu agente, esta ação não é considerada uma ação social conforme definida pela sociologia compreensiva.

²⁵ A importância do conceito de “ação social” está no fato de definir-se o objeto da investigação científica social de onde parte a interpretação e onde se encontram as variáveis que devem ser interpretadas.

Weber, inclusive, considerava, em relação à metodologia histórica (Weber, 1992:413), que a construção de tipos ideais na sociologia compreensiva possibilitava uma apreensão maior e mais significativa do desenvolvimento de uma particularidade histórica-finita, justamente, devido às adequações de sentido apreendidas pelo sociólogo. A idéia de causalidade²⁶ para o método compreensivo-weberiano leva a explicação sociológica não apenas às regularidades do significado atual da ação, mas ao desenvolvimento racional desse fenômeno em parte oculto ou inconsciente para o próprio sujeito que lhe atribui significado.

Para Gabriel Cohn (1979:82) a compreensão em Weber diz respeito à experiência dos agentes. Não interessa ao sociólogo a ação social por si mesma, o que interessa ao sociólogo é estabelecer os nexos causais que, ao serem selecionados e estabelecidos em conjunto, contribuem para que os aspectos significativos sejam explicados adequadamente.

Desta forma a compreensão não se dá apenas sobre a ação social racional, nem mesmo e, apenas, a compreensão incide sobre o agente em si, mas a compreensão incide sobre a situação, sobre o contexto e sobre o conjunto complexo de ações, cujo sentido é atribuído pelo próprio agente (Cohn,1979:83). A racionalidade da ação oferece um referencial para a compreensão sociológica, mas o sociólogo que deseja trabalhar com a formação de tipos ideais deve estar atento para a apreensão em conjunto dos dados da realidade para que esses sejam organizados e classificados racionalmente.

É interessante notar que, conforme afirma Gabriel Cohn (1979:87), aquilo que para o historiador é um *evento*, para o sociólogo é uma *situação*. Isto quer dizer que o sociólogo se interessa pelas ações num dado momento sem se ater a todo complexo sistema de ações

²⁶ Para Luís de Gusmão (2000:236) o princípio da causalidade é uma das principais premissas do trabalho científico e em especial da metodologia weberiana. A ação intencional dos atores racionais é orientada por algum princípio, seja este uma crença, valor, norma, autoridade da tradição, etc. a idéia de causalidade é a grande “força” que concede significado à ação racional que pode reagir contra os indeterminismos irracionais e as irregularidades e invariâncias presentes nas experiências humanas.

existentes e conhecíveis, basta que o sociólogo perceba qual é o sentido que orientam as ações em seu conjunto. Esta distinção entre a compreensão de um fluxo de eventos tomados desde um ponto de vista histórico quanto à forma manifestada no tempo e a compreensão das relações sociais significativas numa dada situação possui como pressuposto uma distinção entre a causalidade histórica e a causalidade sociológica.

2.4.4 Distinção entre as causas

A diferença entre a causalidade histórica e a causalidade sociológica (Aron, 2003:744) se estabelece no percurso mesmo da investigação. Enquanto a causalidade histórica determina as circunstâncias únicas que deram origem a um acontecimento também único, a causalidade sociológica relaciona sempre uma regularidade a dois fenômenos no sentido de que um fenômeno A favorece um fenômeno B sem a presença de determinismos neste tipo de relação causal (Gusmão, 2000:236).

Esta é uma das formas pelas quais o tipo ideal serve para auxiliar a formação de hipóteses. Se se dispõe de um bom conhecimento de uma relação causal dada de um fenômeno singular que ocorreu de fato, pode-se reconstituir imaginativamente esta idéia de causalidade a ponto de se tencionar explicar quais seriam outros caminhos possíveis para o desenvolvimento do mesmo fenômeno.

Daí que os tipos ideais weberianos prestem-se à apreensão de regularidades e à formulação de leis gerais. Ao contrário de muitos de seus antecessores, que tentavam reduzir o modelo de explicação causal das ciências humanas às particularidades ou a generalidades, Weber propõe que os tipos ideais apreendam as individualidades culturais, mas que cheguem ao conhecimento do geral (sem recusar ambas as realidades) sobretudo, situando-se como parte integrante de um projeto universal de ciência.

Na unidade de suas adequações de sentido a sociologia constrói tipos ideais que sempre tendem à generalização. Num emaranhado de conexões causais racionais e inúmeros desvios acidentais irracionais, Weber esclarece que nem todo contato humano é um contato social (Weber, 1992:415). A ação social que é o núcleo e objeto da sociologia compreensiva é aquela cujo sentido leva em consideração ao seu sujeito a atividade de terceiros. A ação social compreensiva em Weber é aquela dotada de evidência racional e cujo sentido é orientado pela a ação dos outros (Weber, 1992:400). A formulação de um tipo ideal de uma ação corresponde a um leque de atividades, probabilidades e adequações e existência de regularidades pressupõe uma certa continuidade lógica para seu desenvolvimento causal.

Para Weber o mundo social é, significativamente, um mundo de intenções e de intersubjetividade entre os valores e as normas (Gusmão, 2000:244). A causalidade sociológica contribui para o esclarecimento dos fenômenos sociais por meio da busca e descoberta do sentido. O sentido da ação humana é explicado em termos de imputações causais, cuja tipificação deve ser a atividade inerente à investigação científica que segue o modelo da análise sociológica compreensiva.

Para Gusmão (2000:246) a sociologia é uma “ciência da causalidade social”, sendo a interpretação uma palavra-chave para a ciência social. A interpretação sociológica passa pela imputação de sentido como caminho necessário para uma futura explicação sociológica que vai se expressar por meio de conceitos mediadores do tipo ideal.

Vale lembrar que para a construção do tipo ideal weberiano somente a ação e a interação social dotadas de conteúdo significativo, isto é: dotadas de sentido podem ser explicados causalmente em seu desenvolvimento sociológico. A causalidade sociológica que não tomar como centro o sentido de uma ação ou interação resultará numa causalidade mecânica (Gusmão, 2000:247) que se colocará fora do objetivo de uma explicação

sociológica. O curso da ação social humana ganha sentido e uniformidade que compõe o objeto da sociologia compreensiva. Weber rejeitava a teoria da causalidade sociológica que excluísse a intencionalidade humana (Gusmão, 2000: 250-253).

2.5 A construção do tipo ideal weberiano

Para Thomas Burger (1976:160-163), a construção de um tipo ideal conforme pensado por Max Weber, envolve os seguintes procedimentos: 1. Há a escolha por parte do cientista social de um fragmento significativo de uma situação social; 2. Ocorre a construção mental por parte do cientista social do tipo de realidade escolhido; 3. O cientista, com a ajuda de hipóteses, lista decisões individuais de acordo com o que possa captar das intenções e motivações de um ator (ou de vários) e deve perceber quais os tipos de atividades estes insinuam e que fenômenos resultam dessas atividades; 4. Em seguida, o cientista deve formular subclasses de tipos da situação referida; 5. O cientista constrói, com o uso das hipóteses mencionadas, a especificidade das atividades e os resultados dessas atividades, preocupando-se em checar e avaliar a evidência a qual tende a sua interpretação. 6. Com a configuração dessas atividades e seus resultados, o pesquisador poderá utilizar o tipo ideal como suposição, comparando-o com as atividades e as ações referidas.

Burger questiona o fato: já que o tipo ideal é um conceito construído pela caracterização sistemática de um fenômeno individual numa rede de complexos significados entrelaçados, tal como os tipos de “cristianismo” ou “capitalismo”, por que construir um tipo ideal e não apenas um conceito individual? (Burger, 1976:130). Por extensão, um tipo ideal teria que possuir uma característica que o diferencia de um simples conceito individual e com isso possibilita-se um ganho metodológico mais significativo.

A resposta encontrada por Burger consiste na percepção da extensão do tipo ideal em relação a um conceito individual, já que um mesmo tipo ideal pode ser utilizado para

caracterizar muitos fenômenos e “não apenas um” (Burger, 1976:131). Burger cita o exemplo de que o tipo ideal de uma cidade medieval não serve apenas para designar uma cidade em particular, mas muitas cidades do mesmo contexto histórico e mesmo diversos aspectos de um mesmo fenômeno singular (como no caso da cidade, por exemplo: o aspecto econômico) se adequam no tipo ideal.

Do mesmo modo, pode se empregar raciocínio semelhante a outros tipos ideais como o tipo ideal de capitalismo (Burger, 1976:131), que é um fenômeno histórico singular e se estende como individualidade significativa a um número variado de combinações que chegam a abranger mesmo um grande número de fenômenos que o tipo de capitalismo abarca (imperialismo, mercantilismo, individualismo etc). É necessário, ainda, esclarecer e lembrar que o tipo ideal baseia-se numa definição racional e não meramente “imaginada” de um conceito sociológico. Essa definição depende, é claro, da quantidade de pontos de vista envolvidos no fenômeno tratado, o que, certamente, envolve também a relação com os valores na seleção dos dados da realidade, na medida em que um valor é um dado da realidade investigada.

Desta forma, apesar de um tipo ideal se referir a um aspecto individual da realidade, podemos dizer que, ao se referir a um fenômeno individual, o tipo ideal diz respeito a uma constelação de fenômenos relacionados de acordo com o objetivo e o ponto de vista do pesquisador. O que não significa que haja uma preferência arbitrária neste ponto de vista, mas sim uma definição consciente que torna objetiva a subjetividade inerente ao processo de investigação.

2.6 O tipo ideal de desenvolvimento e o fator tempo

Thomas Burger chama também a atenção à existência do tipo ideal genérico, embora a realidade histórica-social, a despeito de suas regularidades, seja sempre distinta e única (Burger, 1976:132). Um mesmo fenômeno pode ter desenvolvimentos distintos

através do tempo. O cristianismo, por exemplo, atravessa vários períodos históricos e pode ser abordado como: o cristianismo da idade média, da antiguidade etc. É como se cada tipo ideal individual contivesse a idéia de um tipo ideal genérico.

Possivelmente por isso, Burger resalta a existência do “tipo ideal de desenvolvimento” que não precisa de nenhuma nova consideração, por obedecer aos princípios conhecidos para a formação desse conceito, mas que serve como recomendação ao cientista para que este atente para o significado e a descrição das seqüências causais que constituem um mesmo fenômeno (Burger,1976: 133). O tipo ideal não é um esquema fixo e estático. É um construto mental racional e abstrato.

Apesar da sociologia não ser um tipo de história, torna-se necessário, na formação do conceito de tipo ideal, perceber o desenvolvimento e as modificações da realidade histórica com o tempo. E mesmo quando a história é reescrita, é necessário substituir ou abandonar o tipo ideal que se tornou obsoleto e situá-lo perante o novo ponto de vista. Burger chama a atenção para a relação da metodologia weberiana como parte integrante da *methodestreint* (algo como “luta de métodos”), que envolvia em disputa, oposições e debates homens como: Carl Menger, Wilhelm Roscher, Karl Knies e Georg Jenillek.²⁷

Burger preocupa-se, ainda, com o status metodológico da construção do tipo ideal, tomando em consideração três aspectos: o caráter lógico do tipo e suas relações entre os conteúdos empíricos do mesmo tipo; As particularidades substantivas deste conteúdo e a função do tipo ideal na pesquisa. No que diz respeito ao seu caráter lógico, o tipo ideal é um conceito (ou uma forma de representação mental), no que diz respeito ao seu conteúdo substantivo, o tipo ideal descreve a particularidade empírica de modo a orientar a investigação (Burger, 135:140).

2.7 Relação dos tipos ideais com o projeto weberiano de ciência

O conceito de tipo ideal ocupa uma posição central na metodologia e teoria da interpretação weberiana, justamente por representar uma síntese lógica e abrangente que reúne praticamente todos os aspectos metodológicos da obra de Weber. Por se tratar também de uma construção rigorosamente seletiva da realidade empírica e não um conceito fechado e concluído o tipo ideal deixa sempre em aberto a elaboração e a organização sistemática dos dados da realidade investigada e é um conceito chave para se entender o projeto weberiano de ciência.

Neste sentido, o tipo ideal pode ser considerado, sob um aspecto mais geral, no projeto weberiano de ciência, como um instrumento heurístico que visa a servir como meio para uma investigação e nunca como fim para o mesmo. Os tipos ideais devem ser tratados como uma forma de racionalidade segundo fins (Aron, 2002:761), uma vez que os tipos são também expressões da racionalização que caracteriza não apenas o método científico, mas as modernas sociedades ocidentais segundo Weber. E, sob um outro aspecto, os tipos ideais podem ser também considerados como uma expressão de uma racionalidade segundo valores, já que a verdade é compreendida em Weber, bem como na tradição neokantiana como uma parte da lógica e da filosofia dos valores.

Como instrumentos de uma sociologia compreensiva, os tipos ideais oferecem-se para uma compreensão mediata dos fenômenos singulares que formam a complexidade do mundo empírico. O termo “compreensão” não indica aqui a compreensão (Verstehen) no sentido Diltheyniano da revivência histórica e reprodução individual das situações experimentadas pelas coletividades sociais; mas a compreensão em Weber designa a interpretação do sentido de uma ação social explicada em seu desenvolvimento causal. Nunca é demais lembrar que o meio de compreensão e explicação dessa ação-objeto da

²⁷ Foi Georg Jenillek quem cunhou a expressão “tipo ideal”.

sociologia compreensiva passa, necessariamente, pela formulação de tipos ideais (Weber, 1992:402-404).

Isto só é possível porque a conduta humana é dotada de inteligibilidade. A ação humana é dotada de certas evidências racionais que indicam ao cientista certas “pistas” ou possibilidades de entendimento. A ação compreensiva em Weber é causalmente adequada em forma de tipos ideais, que servem, por sua vez, como mediação entre a interpretação e o fato objetivamente dado. O percurso epistemológico percorrido pelo tipo ideal em relação à realidade empírica ocorre pelo desenvolvimento lógico e causal e pela busca da apreensão da evidência mais racional do fenômeno (Weber, 1992:404) e ao transformar em explicação o que é significativo na ação social.

É necessário lembrar que são as evidências que indicam as possibilidades de entendimento, como se o sociólogo fosse um “detetive” procurando na ação humana as pistas de sua conduta e até verificando se o sujeito da ação permanece coerente em relação ao seu referencial, já que as evidências podem variar em graus de significação desde as mais intelectuais às mais irracionais; desde o comportamento mais racional até o mais afetivo e emotivo. Ao possuir a vantagem de estudar uma ação concluída, o sociólogo pode ainda utilizar o tipo ideal para verificar se o desenvolvimento da ação individual (concebendo que o indivíduo é o único portador do comportamento significativo)²⁸ está de acordo com os fins pretendidos e, inclusive, estabelecer previsões utilizando as adequações corretas entre esses meios e fins.

Desta forma, os tipos ideais em relação ao projeto weberiano de ciência são úteis também para as formulações de leis gerais ou generalizações. Dizer que o projeto

²⁸ O individualismo metodológico em Weber não impede a sociologia compreensiva de estudar as coletividades sociais. Ver, por exemplo, o tipo ideal de *classe social* exposto por Weber em *Classe, Estamento, Partido* In *Ensaio de Sociologia*, Zahar Editora – Rio de Janeiro. 1963. A classe social esta definida de modo a privilegiar a ação de indivíduos motivados para buscarem e utilizarem determinados bens

weberiano de ciência propõe a formulação de leis gerais é o mesmo que afirmar e caracterizar a sociologia compreensiva como uma ciência generalizante. A formulação de leis apreendidas de forma ideal-típica significam que, por intermédio da imputação causal, as ações devem seguir uma certa tendência e que os motivos e as causalidades que fundamentam essa ação devem permanecer invariáveis (Weber, 1992:412).

É por isso que o tipo ideal busca também a apreensão da luta de motivos que formam as possíveis adequações de sentido da ação estudada. Os agentes sociais fazem coisas que os motivam e as motivações encontram-se no nível da consciência do agente, é claro que os motivos também podem manifestar-se inconscientemente (o que pode ser matéria de estudo para uma psicologia compreensiva), mas o tipo ideal no método e projeto weberiano de ciência enquanto conceito sociológico pode dizer respeito a certos estados mentais de um agente, e explicar desta forma o seu comportamento.

Embora sejam parte de um processo de racionalização típico da ciência e do mundo ocidental moderno como um todo, processo este muito bem diagnosticado por Weber, os tipos ideais fazem parte de um projeto de ciência que se pretende universal. A construção de uma metodologia de validade universal de ciência que se aplique a todos os tipos de sociedade e explique em leis de causalidade as adequações de sentido que possam ser reconhecidos pela racionalidade humana em qualquer parte do mundo, sempre foi uma das preocupações principais de Max Weber.

2.8 O tipo ideal como centro da doutrina epistemológica de Max

Weber

Para Raymond Aron (2003:756), pode-se dizer que o tipo ideal é o “centro da doutrina epistemológica de Max Weber” e seu papel na noção de compreensão envolve

no mercado. Conceitos de entidades coletivas como o *Estado* também merecem especial atenção na obra de Max Weber enquanto individualidade significativa e tipo ideal.

tanto a apreensão de indivíduos históricos quanto os dos grandes conjuntos históricos, chegando mesmo a uma percepção parcial de uma sociedade inteira. As relações causais que um tipo ideal revela são conseqüências da lógica da reconstrução das características essenciais do objeto estudado e não pelas características médias ou comuns a toda classe de objeto de que faz parte; isso ocorre porque o tipo ideal isola o objeto, que passa a ser tratado em sua dimensão pura e utópica, no sentido de não existir tal qual na realidade que descreve.

Para Aron, os tipos ideais de Max Weber podem ser classificados em três espécies de conceitos (Aron, 2003:758). A primeira espécie seria a de indivíduos históricos, que seriam reconstruídos parcialmente através de uma seleção de suas características essenciais, de modo a tornar inteligível a individualidade estudada. Como exemplo desta primeira espécie de tipo ideal, Aron cita o tipo de *capitalismo racional* e o da *cidade ocidental*, construído por Max Weber como parte de uma sociologia histórica.

Para verificar como um tipo ideal construído por Weber possui em si os aspectos relacionais que diminuem e até excluem os determinismos na explicação sociológica, basta ver como o tipo ideal de capitalismo racional em Weber e sua base na contabilidade, na racionalidade formal, na dinâmica dos grandes conglomerados, das grandes empresas que produzem para o mercado externo permanente e para a manutenção de uma balança comercial favorável, se adequam do ponto de vista significativo e causal, com à motivação de certos agentes históricos da religião protestante num dado momento histórico, que - por um processo de afinidade eletiva - e por influência recíproca entre a conduta subjetiva desses agentes e as condições objetivas para o surgimento, desenvolvimento e expansão do capitalismo, tornam-se evidências para uma explicação causal (Weber, 2002: 30-31).

E mais uma vez percebe-se a importância exercida pelo conceito de tipo ideal na construção da objetividade científica. O tipo ideal torna o subjetivo, objetivo, por se tratar

de uma adequação racional de múltiplos valores e desvios subjetivos que passam a não comprometer a objetividade científica buscada. A objetividade nas ciências sociais é possível por intermédio de um certo distanciamento da realidade, que o tipo ideal promove para que o cientista possa se relacionar conscientemente com a subjetividade dos valores.

A segunda espécie de tipo ideal definida por Aron (2003:759) segue ainda a tendência da reconstrução parcial dos conjuntos históricos reais particulares e abstratos. Aron define, como fazendo parte dessa segunda espécie, o tipo ideal de burocracia que se encontra na análise de vários períodos diferentes da história. Para Aron, esses tipos ideais podem se dividir em diferentes níveis de abstração, desde um nível que seria mais “inferior”, como os tipos de burocracia e o tipo de feudalismo, até os tipos ideais construídos por Max Weber para a sociologia da dominação.

E Weber define três tipos ideais em sua sociologia da dominação (Weber, 2002:61-62): 1. A dominação do tipo tradicional, que se configura como um hábito enraizado ou costume de onde tira a sua validade e legitimidade; 2. O tipo de dominação carismática, em que a autoridade é legitimada por dons extraordinários de um indivíduo (ou em dons que um indivíduo apenas aparentemente possui) que se constitui em carisma; 3. O tipo de dominação legal, em que a autoridade se impõe pela legalidade racionalmente admitida e consentida. No primeiro tipo, temos, como exemplo, a dominação dos patriarcas e dos senhores de terra, no segundo, temos, como exemplo, profetas, sacerdotes e os de caudilhos e ditadores populistas. No terceiro tipo, pode-se citar como exemplo o Estado burocrático e impessoal.

2.9 O tipo ideal como orientação da investigação

A terceira espécie de tipo ideal diagnosticada por Raymond Aron (2003:760) é aquela que se constitui como a reconstrução racional de uma conduta particular. Essa espécie de tipo ideal tenta reconstituir o significado de uma ação social inteligível,

remontando desde suas causas até os seus efeitos. Weber, como forma de ilustrar esta espécie de tipo ideal formulou os conhecidos tipos de ação racional com relação a fins, a ação racional com relação aos valores, a ação tradicional e a ação afetiva²⁹.

É nesse sentido, que Fritz Ringer (2004:118) considera o agente racional como o “ponto de partida ao investigador que constrói tipos interpretativos”, embora ressalte que, para uma sociologia interpretativa, a racionalidade lógica serve como um tipo ideal em relação à conduta empírica do agente que, obviamente, não deve ser confundido com a conduta do agente em si. Para Ringer, o conceito de tipo ideal permite unir a interpretação à explicação na medida em que permite a análise causal e a compreensão de relações singulares. Apesar de focar essas relações causais singulares, para Ringer, o tipo ideal se presta, sobretudo, a classificar fenômenos em seu conjunto.

Para Ringer, as principais funções do tipo ideal de Max Weber servem para indicar o processo de interpretação de acordo com as possibilidades de investigação das leis de causalidade, sejam estas leis causais constituídas ora por motivos, ora por crenças ou qualquer fenômeno que contribua para a explicação do desenvolvimento lógico de uma ação. O tipo ideal serve como um elemento aglutinador de várias relações de significados, que formam o núcleo e o objeto da explicação sociológica (Ringer, 2004: 121).

Ainda segundo Ringer, o tipo ideal revela um processo de interação entre a análise do sujeito investigador e o agente portador da conduta racional significativa. O tipo ideal pode apontar as etapas do processo de interpretação e orientar a investigação metodológica, conduzindo-a por meio de vários níveis de abstração, desde a percepção sensível e

²⁹ Levando em consideração que a conduta desses agentes sociais existem apenas em estado puro podemos exemplificar cada ação de acordo com o significado subjetivo atribuído pelo seu agente. Desta forma, o tipo ideal de uma ação racional segundo fins pode ser tanto a de um engenheiro que constrói uma casa quanto a ação racional segundo um valor pode ser a de um marido que repele a tentação do adultério por respeito à sua esposa. Um tipo ideal de uma ação tradicional pode ser o sentido atribuído a um costume ou hábito enraizado, como o de um indivíduo realizar o sinal da cruz ao passar em frente a uma igreja e o tipo ideal de uma ação afetiva ser o de um indivíduo movido pela emoção, como o do ciúme nas relações humanas.

consciente dos dados da realidade até sua formulação lógica e sistematização em leis gerais, ocupando, de fato, posição central em toda metodologia de Max Weber (Ringer, 2004:122).

Deste modo, percebe-se a importância do conceito de tipo ideal weberiano tanto quanto parte da teoria da interpretação de Weber quanto de sua sociologia compreensiva. O tipo ideal vem a ser o conceito próprio da sociologia entendida como ciência autônoma que ocupa uma posição privilegiada no quadro geral das ciências sociais. Para um estudo ainda mais detalhado da metodologia weberiana e de seus tipos ideais, veremos como ocorreu no Brasil uma contribuição original à metodologia compreensiva de Max Weber como um todo. Passemos a analisar os tipos ideais presentes em *Raízes do Brasil*.

Capítulo 3 Análise dos tipos ideais de Raízes do Brasil

3.1 Compreensão e evidência do tipo ideal buarqueano

A originalidade metodológica dos tipos ideais de Sérgio Buarque de Holanda, construídos em *Raízes do Brasil*, pode ser considerada uma contribuição brasileira ao projeto de Max Weber de estabelecer um modelo compreensivo de ciência empírica, generalizante e de validade universal ³⁰. Mas, também, sob outro aspecto, sustento que os tipos ideais expostos em *Raízes do Brasil* se afastam totalmente de seu referencial sociológico e compreensivo. Este afastamento, conforme ficará claro nesta dissertação, trará ganhos metodológicos e também certas perdas ou prejuízos para a interpretação e para a explicação sociológica.

A seleção criteriosa, por parte de Sérgio Buarque de Holanda, dos fenômenos a serem estudados em suas singularidades, através da substituição de um mundo infinito de escolhas sensíveis por um universo finito de individualidades significativas, revela o dilema buarqueano entre a construção de uma metodologia de validade universal e a interpretação de um objeto histórico específico, como é o caso das formas sociais brasileiras. Esse dilema irá desaguar nos tipos ideais que expressarão tensões específicas constitutivas da sociedade brasileira.

Sérgio Buarque de Holanda, ao diagnosticar, como características do processo de colonização portuguesa, a ausência de um empreendimento metódico racional e a ausência de um projeto civilizacional de ocupação das novas terras (como a gênese tradicional da má formação social no Brasil), deixa claro o tipo de evidência construído e adequado

³⁰ Não queremos dizer com isso que Buarque é um continuador ou faz parte do modelo weberiano de ciência. Mas que o sociólogo brasileiro contribui com uma visão original à metodologia de Max Weber.

racionalmente entre os interesses portugueses e sua ação racional-tradicional que são modelos iniciais de explicação teórica. O ponto de vista da análise de Sérgio Buarque de Holanda parte sempre da compreensão da ação de sujeitos históricos que, imersos numa cadeia de regularidades e oportunidades (possibilidades de ação), terminam por desenvolver em seu comportamento uma série de causalidades e evidências que orientam, segundo Weber, conforme foi exposto no capítulo anterior desta dissertação, a interpretação, a compreensão e a explicação sociológica (Weber, 1992:404-411).

Por exemplo, ao julgar a ação colonizadora portuguesa nos princípios da sociedade brasileira como “o fato dominante e mais rico em conseqüências” (Holanda, 2006: 31) e que deste fato surge o nosso extremo desconforto social que vai dar origem à tibieza de nossas instituições, à falta de solidariedade em nossa vida social, e até à falta de condições para que pensemos objetivamente a nossa realidade, a interpretação buarqueana que inaugura a sua obra e seu referencial teórico faz-se na síntese entre uma unidade de significação (espécie de fôrma em que será erguido o conceito) e a valoração subjetiva que tendem ambas para a busca de um modelo de “evidência”.

Esta evidência em particular pode ser tomada como um eco em *Raízes do Brasil* da metodologia compreensiva weberiana de buscar a objetividade e a possibilidade de compreensão e explicação sociológica no encontro entre a interpretação e a própria evidência (Weber, 1992:404). Este encontro, entre a interpretação e a evidência na teoria weberiana, é responsável pela produção de imputações causais; cabe ao cientista explicar que tipo de importância se adequa à explicação do fenômeno e buscar as suas causalidades significativas e explicativas.

É como se, utilizando terminologias weberianas, a construção da sociedade brasileira fosse resultado de *conseqüências não pretendidas* (Santiago,1991:64) da ação social dos colonizadores portugueses; antes preocupados com a reprodução das relações

sociais européias e com a dominação da nova sociedade que se formava pela coerção, coerção física inclusa, do que com a implementação e o surgimento de uma nova civilização.

3.2.1 Definição do tipo ideal buarqueano

Esta dissertação parte da tese ou afirmação de Antonio Candido de que toda obra *Raízes do Brasil* foi escrita a partir de uma metodologia de contrários, que radicaliza e aprofunda os significados e as contradições presentes na formação histórico e social brasileira:

Raízes do Brasil é construído sobre uma admirável metodologia dos contrários, que alarga e aprofunda a velha dicotomia da reflexão latino-americana. Em vários níveis e tipos do real, nós vemos o pensamento do autor se constituir pela exploração de conceitos polares. O esclarecimento não decorre da opção prática ou teórica por um deles, como em Sarmiento ou Euclides da Cunha; mas pelo jogo dialético entre ambos. A visão de um determinado aspecto da realidade histórica é obtida, no sentido forte do termo, pelo enfoque simultâneo dos dois; um suscita o outro, ambos se interpenetram e o resultado possui uma grande força de esclarecimento. Neste processo, Sérgio Buarque de Holanda aproveita o critério tipológico de Max Weber; mas modificando-o, na medida em que focaliza pares, não pluralidades de tipos, o que lhe permite deixar de lado o modo descritivo, para tratá-los de maneira dinâmica, ressaltando principalmente a sua interação no processo histórico. O que haveria de esquemático na proposição de pares mutuamente exclusivos se tempera, desta forma, por uma visão mais compreensiva, tomada em parte a posições do tipo hegeliano. (Candido, 2006:12-13).

Fica claro, que, em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda reinterpreta e reelabora o conceito de tipo ideal weberiano ao formar tipos opostos e complementares. Essa metodologia dos contrários é responsável por uma maior visualização das formas sociais em sua complexidade e em sua razoabilidade; pois o método científico em *Raízes do Brasil* se esforça por perceber, apreender e interpretar uma certa quantidade de fenômenos e de problemas empíricos. Embora seja ressaltado o caráter ideal do conceito, o tipo ideal é um instrumento heurístico de forte base empírica e saturado de historicidade. Sérgio Buarque de

Holanda radicaliza a historicidade característica do tipo ideal e o transforma numa espécie de reflexividade capaz não apenas de interpretar, mas de se integrar e mover os próprios processos sociais. Essa metodologia assim construída e suas conseqüentes alterações, diálogos ou afastamento total do referencial neokantiano e weberiano é uma das possíveis chaves de decifração da obra *Raízes do Brasil*³¹.

3.2.2 Pressupostos da definição do tipo ideal buarqueano

Uma das contribuições mais originais de Sérgio Buarque de Holanda para o método sociológico diz respeito, justamente, à formação desses tipos ideais. Em sua interpretação do processo histórico-social brasileiro Holanda reúne vários e contraditórios significados e sentidos implícitos ao conteúdo das ações sociais compreendidas em seu conjunto, onde o ponto de partida teórico para a interpretação da racionalidade dos atores sociais não é apenas o sentido atribuído por esses atores, mas as diversas relações sociais e significativas que estes atores possam compartilhar.

Os tipos ideais buarqueanos tendem às evidências racionais do mundo empírico, mas valorizam, num mesmo ponto de vista, níveis de abstração diferentes e evidências diversas e, aparentemente, contraditórias. A síntese lógica e conceitual do tipo ideal proposto por Sérgio Buarque de Holanda torna mais abrangente a compreensão dos dados empíricos e, conseqüentemente, necessitam de um rigor maior quanto à objetividade e à seleção criteriosa das unidades significativas que compõem o objeto de investigação.

Ao selecionar as unidades de significação num modelo sociológico lógico-explicativo, os tipos ideais compreensivos de Sérgio Buarque de Holanda buscam sempre o desenvolvimento

³¹ Conforme veremos, os tipos ideais presentes em *Raízes do Brasil* que interessam diretamente ao nosso estudo, caracterizam-se num complexo sistema de interações sociais e não podem ser pensados separadamente: o trabalhador e o aventureiro, o sementeiro e o ladrilhador, Antígona e Creonte formam cada par um sistema único. Com exceção do tipo de homem cordial aqui estudado que, por si só, estimula a interpretação e compreensão de um sistema de relações sociais.

causal dos fenômenos selecionados e ordenados para as diversas formas de racionalidade presentes no mundo social. Essas racionalidades e evidências são consideradas sob um contexto mais amplo do que uma teoria interpretativa tradicional conceberia; permitindo um “exagero” maior da realidade estudada e uma apreensão das regularidades existentes nos fenômenos sociais em sua integração de complexas variáveis empíricas.

Os fundamentos metodológicos dos tipos ideais, ao operarem pelo jogo de oposição e complementação, expõem as possibilidades da manifestação dos fenômenos e leis de causalidades, já que revelam uma quantidade enorme de pontos de vista. Os tipos assim pensados e construídos não são apenas seleções racionais e unilaterais de um fenômeno ou lei social estudados, mas uma compreensão multilateral desses mesmos fenômenos e leis.

Como são construídos e expostos aos pares, além de conceituarem um campo fenomênico mais extenso, os tipos ideais de Sérgio Buarque de Holanda não acentuam apenas um determinado ponto de vista unilateral dos dados oferecidos pela realidade empírica, mas a presença das oposições que surgem quando um tipo se contrapõe a outro (tensão esta insolúvel e permanente no método de Holanda) multiplicam a variedade dessas perspectivas e abrem maiores possibilidades para a investigação.

O desenvolvimento dos tipos buarqueanos em relação à realidade empírica continua a percorrer um caminho epistemológico *sui generis*. Isto quer dizer que a acentuação e o exagero das variáveis empíricas, em sua gradação e frequências (regularidades), seguem um ritmo diferenciado quanto ao desenvolvimento da realidade empírica efetivamente percorrida; mas é através de uma junção, numa única explicação sociológica, que o tipo ideal de Sérgio Buarque de Holanda permite a comparação entre evidências diferentes e opostas para explicar um único fenômeno.

3.3 A objetividade dos tipos ideais buarqueanos

A forma de construção dos tipos ideais em *Raízes do Brasil* oferece não apenas a comparação do tipo ideal com a realidade empiricamente dada, mas permite que se comparem os tipos ideais entre si. Este aspecto metodológico peculiar à interpretação presente em *Raízes do Brasil* não produz apenas o afastamento do quadro ideal em relação ao quadro real, para que este distanciamento favoreça a construção da objetividade; mas a objetividade; neste caso, se estabelece pela reflexividade dos tipos que, num “jogo de espelhos”,³² complementam e contribuem para a ciência social.

Os tipos ideais de *Raízes do Brasil* recompõem as condições únicas e as especificidades de alguns processos sociais brasileiros. Mas do que simples conceitos individuais ou representações racionalizadas de singularidades ou representações racionais e abstratas das singularidades dos casos concretos, esses tipos ideais duplos formam um conjunto lógico-explicativo em que a dimensão histórica abrange as regularidades e ao mesmo tempo os aspectos únicos e irrepetíveis da realidade social. É por isso que, em sua historicidade radical, a ação social objetivada pelo tipo ideal em *Raízes do Brasil* é sempre desenvolvida levando em consideração o fator tempo e as mudanças e transformações significativas dentro do sistema social em formação.

Os tipos ideais buarqueanos valorizam os aspectos dinâmicos da realidade social em detrimento de suas formas estáticas. Neste sentido, podemos considerar os tipos ideais de Sérgio Buarque de Holanda como conceitos engajados e como parte integrante de um projeto de mudança social, na medida em que contribuem, decisivamente, para a percepção e

³² Utilizo a expressão “jogo de espelhos” como uma imagem para retratar não só a reflexividade dos tipos, mas para estimular a interpretação desses tipos que espelham um ao outro ao serem confrontados entre si. Este ‘espelhamento’ é, evidentemente, invertido. Como quando colocamos a mão direita em frente a um espelho e este nos mostra a mão esquerda. Veremos como o aventureiro é uma imagem exata e invertida do trabalhador, o ladrilhador do sementeiro e assim por diante.

aceleração dos processos transformadores e para a racionalização gradativa da sociedade brasileira.

Os tipos ideais propostos por Holanda possuem por base o próprio ritmo da mudança social brasileira que lhes concede forma, conteúdo e sentido. É na experiência real do passado brasileiro, que Sérgio Buarque de Holanda forma seus conceitos mediadores entre o quadro real e o quadro ideal, a partir de fenômenos concretos e individuais que transitam entre as singularidades e regularidades do mundo social. O resultado deste ritmo peculiar ou sentido do devir histórico brasileiro passa a ter sua principal expressão no último capítulo de *Raízes do Brasil*, intitulado *Nossa Revolução*, que trata, justamente, da formação do conceito de revolução de Holanda, que escolhe livremente um conceito singular constitutivo da história brasileira, não de acordo com uma lógica ou referência universal, mas de acordo com sua preferência e sua subjetividade de historiador.

3.4.1 A construção do tipo ideal buarqueano

Seguindo o método de construção do tipo ideal weberiano apontado por Thomas Burger e utilizando-o como referência para a análise ao processo de construção dos tipos ideais de Sérgio Buarque de Holanda, podemos perceber que estes envolvem os seguintes procedimentos: 1. Há a escolha por parte do cientista social de um fragmento significativo de uma situação social radicalmente dinâmica; 2. Ocorre a construção mental por parte do cientista do tipo de realidade escolhido; 3. O cientista com a ajuda de hipóteses lista decisões individuais de acordo com o que possa captar das intenções e motivações do tipo formado e percebe a necessidade de complementá-la de acordo com as leis de causalidade sociológica; 4. Surge a oposição ao tipo formado que é outro tipo que reúne e sintetiza todo o procedimento científico até aqui mencionado; 5. O cientista constrói com o uso das hipóteses mencionadas as especificidades das atividades e os resultados dessas atividades dos dois tipos

relacionados entre si; preocupando-se em checar e avaliar a dupla evidência a qual tende à sua interpretação; 6. Com a configuração dessas atividades e seus resultados, o pesquisador poderá utilizar os dois tipos ideais como forma de explicação única como suposição, comparando-o com as atividades e as ações referidas e terá ainda a vantagem de comparar os dois tipos ideais entre si.

Por meio desta metodologia específica de construção de tipos ideais, percebe-se melhor não apenas algumas individualidades existentes no mundo empírico, mas como essas individualidades articulam-se entre si para que possam ser apreendidas e pensadas em seu conjunto. A formação de um ou vários conceitos individuais no máximo gerariam gradação de abstrações e, neste sentido, não se relacionariam de maneira significativa entre si, evidenciando, de forma mais clara, as leis existentes no mundo social.

Desta forma, podemos seguir a análise que Thomas Burger faz do conceito de tipo ideal e, neste caso, realizar uma pequena modificação na questão por ele formulada: por que construir um tipo ideal e não apenas um conceito individual³³? Para: por que construir dois tipos ideais relacionados e não dois tipos ideais isolados? E desta forma tentar descobrir quais são as implicações metodológicas de formar e assim tratar os tipos ideais.

3.4.2 Desenvolvimento e explicação causal

O desenvolvimento sociológico dos inúmeros fenômenos integrados nunca é compreendido numa relação determinista, mas abre caminho para a explicação causal. A seleção, por parte de Sérgio Buarque de Holanda, de um fragmento empírico-significativo comparado e distanciado da ordem tradicional brasileira revela e valoriza a transição contínua de um sistema social a outro ou a mudança dentro de um mesmo sistema social.

³³ A distinção é feita aqui porque o tipo ideal não é apenas um conceito individual, mas pode ser entendido também como um conceito genérico que abrange conceitos individuais.

Na construção mental dos tipos buarqueanos, há a valorização da ação dos indivíduos no mundo social, de modo a tomá-la como referência para a interpretação que reúne elementos constitutivos variados, mas finitos em contraposição à infinidade de relações e conexões empíricas. Este processo de construção do tipo que servirá como instrumento heurístico de investigação e posterior explicação envolve a reunião em conjunto de imagens organizadas, até a sua substituição pela racionalização típica da atividade conceitual.

Embora a formulação de hipóteses e a formação de tipos ideais em *Raízes do Brasil* não sejam a mesma coisa, é necessário ressaltar que estes dois procedimentos não o são ao todo excludentes. De certa forma, a principal tese da qual parte Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* é a de que é possível existir um outro desenvolvimento histórico na sociedade brasileira, desenvolvimento este não ideal; mas real e verdadeiramente modernizante e democrático³⁴.

Desmembrando a questão, podemos dizer, que nos tipos ideais assim definidos ocorre a divisão e classificação entre as motivações, as intenções, evidências, sem nunca desprezar os aspectos contraditórios, pois serão aproveitados mais tarde quando surgirá a oposição ao conceito formado (oposição esta que irá torná-lo mais concreto e que acentuará os possíveis resultados dessas ações, por isso o seu caráter hipotético) e a atenção mesmo e, inclusive, para as conseqüências não pretendidas, isto é: atenção aos resultados reais da ação.

Ao contrário do modelo weberiano, como mostra Burger na formação dos tipos ideais de *Raízes do Brasil*, não há a formação de subclasses de tipos, mas a formação de tipos aos pares em que há a classificação e separação das evidências, motivações, intenções opostas de acordo com a tendência de cada tipo (esta tendência pode ser verificada nos resultados

³⁴ A perspectiva buarqueana, neste sentido, aproxima-se muito do tema weberiano da *possibilidade objetiva* que indica o caminho para uma interpretação “alternativa” do processo histórico.

concretos e empíricos da ação), todas essas unidades significativas são reunidas em conjunto de evidências, significados e subjetividades que os tipos visam objetivar.

No caminho aberto pela formulação de hipóteses, os tipos ideais de Sérgio Buarque de Holanda verificam o que há de mais específico nas atividades ou ação social levando em conta, ao lado das regularidades, os casos únicos e irrepetíveis dessas ações, avaliando os seus resultados e comparando as motivações e os seus resultados concretos. Os tipos ideais, ao serem comparados entre si, formam, em seu conjunto, um discurso único sobre a realidade. Esses tipos são mais que suposições são confirmações de que algo na realidade procedeu de tal forma pensado, pois são caminhos corretos para as generalizações.

Em Sérgio Buarque de Holanda, a compreensão interpretativa do sentido que os atores racionais atribuem à sua ação preocupa-se com os significados atribuídos na interação e na associação ou concorrências entre ambos que, se corretamente construídos e adequados, oferecem-se a um mesmo nível de explicação sociológica. Em sua integração, esses tipos estabelecem conexões de sentido entre si, que, por sua vez, refletem a racionalidade desses agentes e a irracionalidade inerente à realidade social.

Ao contrário de ser compreendido a partir do seu último efeito, o significado das ações sociais estudadas em *Raízes do Brasil* são antes compreendido em sua historicidade, ou seja: em seu desenvolvimento histórico contínuo. É claro que esse desenvolvimento só é possível mediante o estabelecimento de leis de causalidades, que se desdobram em causalidades sociológicas e que, ao serem classificados em tipos, orientam a compreensão explicativa.

3.4.3 Compreensão e explicação nos tipos ideais buarqueanos

Uma compreensão explicativa por meio de tipos ideais formados aos pares visa entender as intenções de uma ação social racionalmente motivada ao longo de um processo histórico determinado, que, ao ser teorizado e compreendido, melhor revelam o sentido da formação da

sociedade brasileira. Uma teorização deste processo foi capaz de iluminar as discussões e reflexões sobre os rumos da sociedade brasileira e os debates travados entre os intelectuais intérpretes do Brasil.

A compreensão explicativa de um dado fenômeno histórico pressupõe sempre a apreensão de uma individualidade empírica-significativa, pois o objeto de interesse histórico é um objeto único de características singulares irrepetíveis. Uma análise causal deste tipo de fenômeno, que possa vir a interessar uma explicação sociológica, possui o caráter “retrospectivo” assinalado por Raymond Aron (2002:749) de recompor logicamente o significado da experiência dos atores sociais antes destes construírem a história.

Uma explicação sociológica, tendo em vista a real dimensão histórica em que os agentes estão inseridos, para que se estabeleçam conexões de sentido válidas para o método sociológico, deve procurar as premissas universais nas realidades particulares e não apenas as particularidades em si. A recomposição da experiência retroativa à formação do sentido histórico-sociológico brasileiro leva em consideração esta lógica própria do mundo social, muito semelhante à lógica da formação de conceitos.

A causalidade sociológica, admitida como uma das principais vias de explicação possível para o desenvolvimento lógico de um fenômeno estudado, pode mais uma vez ser exemplificado pela disposição dos tipos ideais buarqueanos entre si. Como a causalidade sociológica se estabelece pela relação regulares entre um tipo ideal “A” e um tipo ideal “B”, para verificar e julgar esta relação em termos de resultados, os tipos puros de explicação sociológica buarqueano torna esta relação óbvia e evidente, não só no que diz respeito às suas causas, mas no que diz respeito às suas conseqüências.

Voltando a adaptação que fizemos da questão formulada por Thomas Burger, desenvolvida no capítulo anterior desta dissertação (por que construir dois tipos ideais

relacionados e não dois conceitos individuais? (ou mesmo dois ou mais tipos isolados?). A junção de tantos aspectos distintos e contraditórios da realidade social num único modelo de explicação sociológica nos dá a idéia de quanto é complexo a formulação dos tipos ideais de Sérgio Buarque de Holanda, pois não basta formular um tipo ideal e depois outro; é necessário estabelecer uma rigorosa relação entre eles de oposição-complementação, o que modifica e integra o conjunto de leis de compreensão do mundo social: da irracionalidade específica do mundo social às conexões e adequações de sentido, das singularidades concretas às generalidades abstratas, das causalidades e leis históricas e sociológicas do modelo de dupla evidência e das formas de racionalidade, da unidade do mundo histórico à dinâmica social. Passemos a verificar e a estudar os tipos ideais de *Raízes do Brasil*.

3.5.1 O Trabalhador e o Aventureiro

Para melhor tentar compreender as especificidades dos dinamismos e dos fluxos históricos brasileiros, dividir metodicamente as formas de racionalidade e irracionalidade, que lancem luz e imputações causais à evidência sobre a qual vai ser erguida a interpretação, e mesmo para melhor revelar a “luta de motivos” presente na ação social estudada, uma das formações de conceitos dicotômicas entre várias outras que Sérgio Buarque de Holanda pensou e construiu foi a de *Trabalhador e Aventureiro*.

Nas formas de vida coletiva podem assinalar-se dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens. Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador.

(...)

Existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura. Assim, o indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de praticar e, inversamente, terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro – audácia, imprevidência,

irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem – tudo, enfim, quanto se relacione com a concepção espaçosa do mundo, característica desse tipo. (Holanda, 2006:44).

Essas concepções ideais e dinâmicas são, em *Raízes do Brasil*, um instrumento metodológico riquíssimo para pensar, ao mesmo tempo, as especificidades e as complexidades do real, a organização e a falta de coesão social, a racionalidade e intencionalidade de uma ação bem construída e adequada teoricamente e a irracionalidade específica de certos processos sociais e mesmo sua quase total imprevisibilidade.

Uma das inovações e importância desta forma um tanto original de se apropriar da metodologia e epistemologia de formação de conceitos na sociologia compreensiva, em Sérgio Buarque de Holanda, é a flexibilidade com que ambos os tipos são tratados e as respectivas realidades que estes descrevem: a mobilidade dos conceitos tanto em relação à interpretação quanto ao universo empírico conceituado. Assim, é um tanto espantoso constatarmos que, tanto o *trabalhador*, quanto o *aventureiro* podem ser tomados em último caso numa síntese lógica e dinâmica, isto é: o trabalhador pode se converter em aventureiro e o aventureiro em trabalhador.³⁵

O que significa dizer que a interpenetração entre subjetividade e objetividade na investigação sociológica pode ser maior do que se pensa ou se espera e que as inúmeras conexões causais que uma metodologia compreensiva possa tomar como objetivo podem ser pensadas em caráter ideal, sem perda maior do movimento da realidade pensada e apreendida. Neste caso, apreender a realidade por intermédio de um conceito não significa “aprisionar” a realidade numa espécie de cativeiro epistemológico e perder um pouco de seu dinamismo natural; mas este tipo de formação de conceitos, ao valorizar tanto a

³⁵ Essa síntese lógica e dinâmica entre os tipos ajuda a pensar as evidências a qual tende a interpretação sociológica de modo a não reduzir a realidade empírica a um esquema fixo e inalterável. O que pode ser perfeitamente racional para o trabalhador, pode não ser racional para o aventureiro, o que pode ser racional para o aventureiro pode ser irracional para o trabalhador. Isto também se aplica aos demais tipos ideais de Sérgio Buarque de Holanda.

subjetividade quanto a objetividade, tanto a realidade empírica quanto a concepção ideal do tipo construído em Raízes do Brasil, não é apenas um avanço e contribuição para a sociologia histórica, mas para a sociologia compreensiva como um todo.

E a contribuição que cada um desses tipos realizou para a formação da sociedade brasileira pode ser medida pelo comportamento social e por muitos princípios de organização social e política. Do aventureiro melhor identificado com o temperamento ibérico-português a sociedade brasileira herdou a criatividade, a espontaneidade, a imprevidência, a falta de organização metódica no trabalho e mesmo o culto ao ócio e às formas de navegação sociais um tanto desonestas, como a malandragem e a cordialidade. O ideal do aventureiro é: “colher o fruto sem plantar a árvore” (Holanda, 2006:44), é um ideal que muitas vezes desemboca no comodismo e em organizações sociais improvisadas que estimulam uma espécie de dominação social autoritária. Contudo, Sérgio Buarque de Holanda vê na ética do aventureiro certos princípios fundamentais para a mobilidade social (Holanda, 2006: 46).

Já o tipo do trabalhador que encarna melhor o temperamento ibérico-espanhol é mais racional, metódico, organizado, previsível e, teoricamente, estaria mais apto a ser estudado por um modelo compreensivo de explicação causal e sociológico. Este tipo é, de certa forma, uma garantia de coesão e estabilização da vida social e formulação de projetos para a sociedade, pois o trabalhador enxerga primeiro a dificuldade a vencer e calcula os obstáculos a serem transpostos (Holanda, 2006: 44).

3.5.2 Cooperação e o ponto de vista do trabalhador

Estes tipos ideais, conforme a metodologia compreensiva ensina, só existem isolados em estado puro e simplesmente teórico, na verdade, quando se fundem, quando o trabalhador e o aventureiro passam a cooperar e a agir juntos, temos um melhor

desenvolvimento da vida social e coletiva e um aprofundamento das relações de causalidade na explicação sociológica que estamos buscando.

Entre esses dois tipos não há, em verdade, tanto uma oposição absoluta como uma incompreensão radical. Ambos participam, em maior ou menor grau, de múltiplas combinações e é claro que, em estado puro, nem o aventureiro, nem o trabalhador possuem existência real fora do mundo das idéias. Mas também não há dúvida que os dois conceitos nos ajudam a situar e a melhor ordenar nosso conhecimento dos homens e dos conjuntos sociais. e é precisamente nessa extensão superindividual que eles assumem importância inestimável para o estudo da formação e evolução das sociedades. (Holanda, 2006:44). .

Em *Raízes do Brasil*, o conceito de *trabalho* não diz respeito somente à intencionalidade metódica e racional da ação de quem o executa visando determinados fins. Tanto o *trabalhador* quanto o *aventureiro* refletem diferentes e, ao mesmo tempo, complementares formas de se enxergar o processo histórico e de nele atuarem, moldando a realidade social a partir de suas intervenções.

No caso especial do trabalhador, nós temos a sua ação, isto é: o seu trabalho como o pilar de sua existência social e da produção de sua consciência histórica. A materialidade da sociedade representada pelo modo de produção existente e pela divisão social do trabalho entre trabalhadores e aventureiros, além de criar formas de solidariedade distintas, gera também formas distintas de consciência.

Assim, Sérgio Buarque de Holanda vai investigando como o modo de produção agrário caracterizou a colonização portuguesa no Brasil e como a propriedade rural se transformou na “verdadeira unidade de produção”, que subordinava as demais técnicas de plantio, agricultura (*Raízes do Brasil* desfaz a tradicional imagem da formação agrícola da sociedade brasileira) e da lavoura açucareira. Uma das evidências do caráter improvisado e pouco metódico dos portugueses para Holanda eram suas rudes técnicas de dominação e a

ocupação das novas terras como as queimadas, a desertificação do solo, o uso excessivo do arado e a lavoura do tipo predatório.

Sérgio Buarque de Holanda deixa totalmente claro que o trabalho era entregue aos escravos, enquanto o modo de produção escravista baseado na monocultura e na grande propriedade era o paradigma central, que estruturava as relações econômicas brasileiras deste período, além de ser a base das demais relações sociais como a miscigenação e a socialização afetiva, que diminuía as distâncias sociais, mas ao mesmo tempo, amenizava conflitos necessários (Holanda, 2006: 78).

A quase exclusividade do modo de produção escravocrata suprimia e neutralizava muitos outros tipos de cooperação. Essa é uma das características do personalismo em nossa formação social e que impedia e impede uma organização política e racional entre nós. O que há de predominar é o espírito de facção, a atrofia das qualidades ordenadoras e disciplinadoras e as singularidades do comportamento social movido pela afetividade e irracionalidade, ou do subjetivo se sobrepondo ao objetivo (Holanda, 2006:79).

3.5.3 A ação do aventureiro

A ética do aventureiro não tolera compromissos (Holanda, 2006:44) e abre espaços para agir socialmente, utilizando-se de certas características que bem revelam o “desleixo” do colonizador português, como a irresponsabilidade e a imprevidência nas relações sociais, que deixaram marcas profundas na civilização brasileira e que, até hoje, são traços visíveis em várias áreas e esferas da nossa vida social. É a confusa e imprevidente ação desse tipo que constrói instituições sociais baseadas na tibieza das relações familiares e cria os laços de cordialidade e a conseqüente dissolução ou dispersão das regras de civilidade.

Sérgio Buarque de Holanda considera como um fato histórico o papel decisivo que o português exerceu na formação do mundo moderno. Os portugueses, a despeito da mentalidade personalista que iria caracterizar a ética da aventura e o comportamento

cordial, lançam as bases para a edificação de muitas das formas sociais da vida moderna. Holanda chega a afirmar que os portugueses possuíam uma verdadeira missão histórica em relação à civilização do Velho Mundo, de conquistar as terras tropicais e, com um esforço quase sobre-humano, implantar a cultura europeia numa vasta área de terra hostil e adversa (Holanda, 2006: 43).

Daí que o dinamismo da ética do aventureiro consistiu um fator importantíssimo para a mobilidade social e para a implementação de estruturas sociais móveis. Entretanto, Sérgio Buarque de Holanda levanta uma questão que não vem sendo muito comentada pelos estudiosos de sua obra: o aparente paradoxo entre a ética do tipo ideal de aventureiro e o surgimento do moderno capitalismo racional (Holanda, 2004: 49).

Fica claro que o tipo aventureiro-personalista cria graves problemas para a racionalização da ordem social, um aspecto fundamental para a existência do espírito capitalista. O tipo ideal de capitalismo, conforme exposto por Max Weber, se caracteriza, justamente, pela racionalidade formal ética que sustenta ainda em muitos casos a racionalidade substantiva das ações sociais.

Sérgio Buarque de Holanda deixa claro a oposição entre a racionalização da vida social e o personalismo. Na verdade, a racionalização implica despersonalização, pois a racionalização pressupõe relações mais formais e objetivas do que as relações pessoais subjetivas e emotivas proporcionados pelo sistema personalista.

O contraste entre o capitalismo racional e o personalismo é revelado, entre outras coisas, pela ética do comércio. Quando predomina o espírito aventureiro, o que se tem são vínculos mais pessoais do que contatos verdadeiramente formais. Como bem ressalta Holanda, entre os comerciantes só se faziam negócios entre si se estes se tornassem amigos.

Eram sempre troca de favores e uma relação familiar e amistosa que predominam como regras comerciais ³⁶.

O próprio fenômeno da escravidão, que caracterizou fortemente a origem e a formação da sociedade brasileira, foi uma consequência direta do individualismo aristocrático e do desprezo ao trabalho, que era quase sempre associado aos homens não livres. Ser um homem livre, neste contexto, significava não trabalhar nem garantir a própria sobrevivência com demasiado esforço (Holanda, 1992:32).

O tão decantado tipo social do “malandro” na nossa literatura e na nossa música popular é herdeiro direto deste tipo ideal de aventureiro, que vai ser, sem sombras de dúvida, uma das vertentes de formação do homem brasileiro. O mesmo comportamento cordial do malandro brasileiro relativiza os choques entre mundos sociais, pois este possui horror às distâncias e tenta aproximar para um jogo de interações sociais indivíduos-agentes de diversas classes e posições ante a hierarquia social que, geralmente, é desrespeitada como princípio racional de organização da sociedade.

Aparentemente esses choques de mundos sociais não parecem ser um caso especificamente brasileiro. Podemos conceber que alguns desses valores predominam em vários países do mundo. Mas não é possível negar que certas contradições sociais presentes na sociedade brasileira são típicas de um sistema social que opera com uma lógica e dinâmica própria ³⁷.

³⁶ “Assim, raramente se tem podido chegar, na esfera dos negócios, a uma adequada racionalização: o freguês ou cliente há de assumir, de preferência, a posição do amigo. Não há dúvida que desse comportamento social, em que o sistema de relações se edifica essencialmente sobre laços diretos, de pessoa a pessoa, procedem os principais obstáculos que em todos os países hispânicos – entre eles Portugal e Brasil – se erigem contra a rígida aplicação das normas de justiça e de quaisquer prescrições legais”. In *Holanda, Sérgio Buarque de. Para uma nova história / organizador Marcos Costa – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.*

³⁷ Conforme bem afirma Roberto da Matta o comportamento social do brasileiro expressa certos ritos de autoridade sempre que uma lei social particular é subordinada a uma lei geral e abstrata. É justamente nesse momento, argumenta Da Matta, que se percebe a existência de dois mundos sociais distintos na sociedade brasileira. Em um desses mundos percebe-se o particular e o concreto, um conjunto de integração baseadas nos valores cordiais e excludentes. O outro mundo social que permanece suspenso e, por vezes, oculto é o

Vale lembrar que foi também através do desapego às hierarquias rígidas e a muitos privilégios de base tradicional que o aventureiro cuidou de, lentamente, dissolver; agindo como uma referência de mobilidade social ao desinteressar-se pelas rígidas estruturas de funcionamento da sociedade.³⁸

3.6.1 O Semeador e o Ladrilhador

Os tipos ideais criados por Sérgio Buarque de Holanda para compreender o sentido da ação social do colonizador ibérico e lançar luz sobre as conseqüências dessas ações seguem em *Raízes do Brasil* sendo formados a partir de um procedimento que segue o próprio desenvolvimento histórico brasileiro. Holanda continua a formular conceitos opostos, saturados de historicidade e, entretanto, preservando e respeitando suas singularidades e individualidades culturais próprias; bem como seu caráter essencialmente empírico.

Veremos como, nos tipos ideais criados por Sérgio Buarque de Holanda, há uma necessária tensão entre a interpretação da singularidade por parte de uma ciência generalizante, isto é: uma ciência do geral que formule tipos universais de singularidades existentes no mundo histórico e que forme conceitos gerais sobre uma realidade empírica particular, encontra, por parte dos tipos ideais buarqueanos, tanto uma especificidade

mundo da racionalidade e das regras fixas, universais e abstratas. Ver: Damatta, Roberto, *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar 1981.

³⁸ Percebe-se, assim, o nível de complexidade desta discussão. Ao mesmo tempo em que a ética do aventureiro é uma espécie de “ética da irresponsabilidade” que dissolve as relações sociais racionais e estáveis devido a sua imprevidência, é também um elemento para a mudança da sociedade brasileira, mudança esta visando o horizonte democrático. Tal paradoxo aparentemente incompreensível à luz de uma imputação lógica é resolvida e sintetizada nos tipos ideais de Sérgio Buarque de Holanda. A explicação sociológica é enriquecida ao valorizar aspectos contraditórios do mundo real, não negligenciando a irracionalidade da vida social que pode ser utilizada como ponto de partida para uma interpretação compreensiva e, inclusive, pressuposto para uma futura adequação causal.

original quanto tanto, e, também, uma específica limitação para o método científico. Trataremos, agora, dos tipos de *Semeador e Ladrilhador*.

Conforme lembra e bem ressalta Fernando Henrique Cardoso (1993:27), uma das peculiaridades da interpretação que Sérgio Buarque de Holanda faz da formação social brasileira diz respeito à fundação das cidades como instrumento de dominação. Cardoso ressalta as diferenças específicas que Holanda estabelece em suas distinções da ação colonizadora portuguesa e espanhola no que diz respeito à organização e edificação racional de seus respectivos projetos arquitetônicos e associa-os a seus respectivos projetos de sociedade política e de organização dos poderes institucionais no interior das sociedades criadas pela herança social ibérica.

A compreensão explicativa do sentido das ações sociais tanto do semeador quanto do ladrilhador ocorre menos pela apreensão dos motivos que orientam e estimulam essas ações e mais pela conexão de sentido que se forma entre esses dois tipos que, na original interpretação de Sérgio Buarque de Holanda, constrói um sistema dinâmico que vai modificando as formas sociais no Brasil e, uma vez que são conceitos saturados de historicidade, por possuir em seu conteúdo interno as apreensões das causalidades de múltiplos fluxos históricos, terminam por acelerar o ritmo da mudança social brasileira.

3.6.2 Os tipos de semeador e ladrilhador e suas ações

Em *Raízes do Brasil*, temos a distinção entre o tipo ideal de cidade construído pelos espanhóis e o tipo ideal de cidade construído pelos portugueses.

A ordem do português é a ordem do semeador, porque este empreende aleatoriamente e sem um método racional sua colonização. O português é semeador, porque não deseja dominar a natureza nem modificar a realidade. Deseja, de forma simples e com

o mínimo de esforço possível, construir espaços para agir e usufruir os benefícios que as novas terras poderiam lhe oferecer.

Já a ordem do Espanhol é a ordem do ladrilhador, porque este possui um projeto organizado de ocupação das novas terras e seu empreendimento visava construir um mundo à sua imagem e semelhança. Sua capacidade de intervenção na realidade modificando-a era maior. O espanhol edifica pedra por pedra, com ciência e arte, seu mundo, que é de engenharia e arquitetura, e, por vezes, matemático e poético.

Quanto ao tipo ideal da ação social, podemos dizer que o sementeiro apresenta em seu comportamento uma forte tendência a uma ação social do tipo tradicional, sendo a imprevisibilidade e a inconstância um traço característico desse tipo, já que as possíveis adequações de sentido e a formação desse conceito remetem ao tradicional “desleixo” com a rotina e com o trabalho racional e metódico.

Na ordem do ladrilhador, as adequações de sentido tendem a uma racionalidade segundo fins. Pode-se dizer que a ação do colonizador espanhol é “causalmente adequada” por esta seguir um determinado padrão e criar certas expectativas mais racionais. A conduta do ladrilhador deixa ao Brasil a herança da capacidade de organização racional.

Holanda parece concordar com a definição de Weber de que a orientação do sentido de uma ação social possui como referência o comportamento de uma outra ação social e radicaliza essa perspectiva ao considerar as duas ações (a do sementeiro e a do ladrilhador), como que orientando-se e complementando-se uma a outra. A conexão de sentido que ocorre entre os dois conceitos permite-nos avaliar os processos históricos brasileiros e nele buscar sínteses mais amplas. O que é possível devido ao próprio caráter interno e aos conteúdos desses conceitos.

Vale lembrar que a compreensão interpretativa do sentido dessas ações salta aos olhos do sociólogo e cientista, já que esta não se dá pela unilateralidade do conceito

formado seguindo a recomendação de Max Weber, mas a uma espécie de “bilateralidade” (tipos polares) que envolve e estabelece uma conexão entre os dois conceitos formados e que os aproxima entre si.

Holanda define sempre a habitação em cidades como “antinatural” e como uma “manifestação do espírito e da vontade”, na medida em que se opõe à natureza. Holanda considera a formação das cidades como um dos mais decisivos instrumentos de dominação que muitas sociedades conheceram (Holanda, 2006:95). Já que, seguindo a perspectiva tipológica de Max Weber, a fundação de cidades representa o meio específico de criação de órgãos locais de poder.

Para Sérgio Buarque de Holanda, a cidade espanhola era uma cidade geométrica e possuía ruas paralelas, sua arquitetura era racional e moldada por um estilo próprio e harmonioso, representava o desejo metódico do espanhol conquistar a natureza pelos ideais da razão e da beleza, heranças deixadas na cultura ibérica pelo Renascimento. A cidade construída pelo colonizador espanhol é urbana, litorânea, simétrica e bem planejada (Holanda, 2006:109).

Já a cidade portuguesa era desorganizada, assimétrica, na arquitetura não predominava nenhum estilo, não havia preponderância de traços retos, simétricos e harmoniosos, mas de formas oblíquas, diagonais numa forma de ocupação do espaço que muito lembra nossas modernas favelas. O tipo ideal de cidade que os portugueses implantaram no Brasil foi o modelo rural de organização social e política (Holanda, 2006: 110). Os portugueses não possuíam senso estético e abstração o suficiente para empreender uma colonização litorânea, metódica e racionalmente planejada. Os portugueses criaram um mundo invertido. No mundo todo, as áreas rurais dependem dos centros urbanos, no Brasil os grandes centros urbanos passaram a depender das áreas rurais, onde se concentravam o

poder político administrativo, controlado pelas famílias e em que predominava o espírito de facção.

Os traçados dos centros urbanos nas cidades construídos pelos espanhóis revelavam a tentativa de substituir a fantasia pelo concreto, o irracional pelo conceito, a paisagem aleatória pela paisagem fixa e bem ordenada. A linha reta predominava sobre a irracionalidade específica da natureza e do solo, a ação social espanhola visava a conquistar o mundo pela razão.

Segundo afirma Sérgio Buarque de Holanda, na América Espanhola, a construção das cidades sempre começava pela “praça maior” (Holanda, 2006:97), que era referência para a organização da sociedade, já que a população crescia em torno dela de forma ordenada e previsível. A “praça maior” também era referência para as atividades econômicas desenvolvidas nas áreas litorâneas, que por esta se orientavam.

As habitações, nas cidades portuguesas, eram desarmoniosas, se adequavam forçosamente à natureza e eram mal adaptadas ao espaço natural. A forma de ocupação do espaço por parte da ação social portuguesa não exprimia o triunfo de uma vontade ou racionalidade sobre a realidade a ser explorada, os traçados arquitetônicos eram irregulares e as casas se achavam dispostas segundo os caprichos dos moradores. Não havia, portanto, a presença forte de uma unidade concreta, que pudesse identificar objetivamente o mundo social criado pelo colonizador português.

3.6.3 A construção das cidades e a dominação social.

Em interessante e oportuno ensaio, José Maurício Domingues (2000:210-211) chama a atenção para um dos textos poucos comentados de Max Weber pela exegese tradicional e, ressalta ainda, a necessária relação entre a cidade e o tipo ideal. Relações essas que muito revelam das concepções metodológicas weberianas.

Para Domingues, o tipo ideal da cidade assume em Weber uma expressão de “individualidade histórica”, ao mesmo tempo em que as cidades ocidentais são, para Weber, expressões do fenômeno universal da dominação. Domingues afirma, contudo, que a cidade ocidental é o grande palco para a racionalização do Direito (Domingues, 2000:219) e das relações sociais que, a despeito das antigas formas de dominação, apontam para a construção do modelo democrático e para a superação das formas tradicionais de organização social.

Ainda segundo Domingues, o tipo ideal de desenvolvimento das cidades pode ser tomado como um tipo peculiar de racionalização. A cidade é o local onde esse tipo peculiar de racionalização se desenvolve e essa ordem chega a atingir e a influir na tipologia da ação social de Weber e nos significados culturais dessa ação.

Não é de se estranhar que as tipologias construídas por Sérgio Buarque de Holanda relacionem-se entre si como uma espécie de tipo ideal que remete a outro tipo ideal, ou de um conceito que remete a outro conceito, como o caso do tipo ideal da ação do colonizador ibérico e sua conexão de sentido com o mundo social que este cria e que também é estudado em seu caráter típico e ideal.

Nos modelos ideais de cidades criadas tanto pelo semeador quanto pelo ladrilhador, estão presentes tanto as expressões de dominação e organização do poder político. E, é claro que as cidades se apresentam também no caráter de tipo ideal ou em sua “pureza”, pois lhes são enfatizados apenas alguns aspectos unilaterais em detrimento de outras formas sociais existentes no mundo empírico.

3.6.4 Ruralismo e urbanização

Holanda afirma com um certo tom de lamento que: ‘Toda a estrutura de nossa sociedade colonial teve sua base fora dos meios urbanos. É preciso considerar esse fato, para se compreender exatamente as condições que, por via direta ou indireta, nos

governaram até muito depois de proclamada nossa independência política e cujos reflexos não se apagaram até hoje.” (Holanda 2006:73).

Isto quer dizer, precisamente, que o tipo de sociedade e de cidade rural implantada pela ação social dos portugueses no Brasil é responsável pelo desenvolvimento de formas e de instituições sociais pouco ou quase nada adequadas às exigências de uma modernidade social e responsável, também, pelo desenvolvimento das esferas de valores racionais que sustentam a organização política e mesmo a burocracia administrativa e impessoal que garante, pelo menos teoricamente, estruturas sociais mais coesas e eficazes em seu funcionamento e que também assegure um tipo de dominação social/legal que organize a sociedade.

O predomínio do ruralismo sobre a formação social brasileira levou Sérgio Buarque de Holanda a falar em “ditadura dos domínios agrários” (2006:89). O peso da herança da ação do sementeiro português na construção de cidades praticamente desertas e simples extensões das grandes fazendas e propriedades rurais, local do poder político centralizado nas mãos das famílias, dificultava muito o desenvolvimento social e bloqueava as perspectivas de mudança na sociedade.

Embora houvesse nas cidades criadas pelo sementeiro português o apego à autoridade da tradição e à rotina como forma de regulamentação da vida social, Holanda conseguiu enxergar na formação das cidades do tipo do sementeiro, traços de um comportamento liberal e tolerante; como a permissão para a entrada de inúmeros estrangeiros, que passavam a formar e a contribuir para a nova sociedade que se formava reafirmando a tendência do povo português ao cosmopolitismo, que é uma das características das cidades modernas (Holanda, 2006:108).

Há uma ligação direta entre o fenômeno da urbanização e da ruptura com os laços rurais e patriarcais com a implementação de uma modernidade democrática no Brasil e com

o estímulo ao comportamento cidadão e à cidadania. Se a lavoura da cana-de-açúcar estimulava a sociedade agrária, a nova economia cafeeira (o café é chamado por Sérgio Buarque de Holanda de “planta democrática” 2006:173) estimulava a urbanização e a concentração da população nos grandes centros urbanos que se formavam. E, mais uma vez, temos, na análise de Sérgio Buarque de Holanda, a relevância dada aos aspectos materiais da sociedade contribuindo para moldar as formas sociais, embora essa análise não seja nem um pouco determinista e siga valorizando múltiplos fenômenos que concedem bases para a explicação sociológica.

E Sérgio Buarque de Holanda continua, em *Raízes do Brasil*, a utilizar, em suas construções tipológicas e formações de conceitos, muitas referências da teoria sociológica clássica, adaptando-as à sociedade brasileira para inseri-la num modelo democrático e internacional de desenvolvimento. Mesmo se, ao perceber o problema da transformação do processo histórico brasileiro, Holanda tenha que modificar substancialmente certas linhas da epistemologia clássica das ciências sociais. Vejamos como Sérgio Buarque de Holanda construirá tipos ideais dessa vez levando mais em consideração a generalidade do conceito em relação à sua particularidade, mas sem abandonar rigorosamente esta. Lancemos nossa análise para os tipos ideais de *Antígona* e *Creonte*.

3.7.1 Antígona e Creonte

Sérgio Buarque de Holanda formula, logo em seguida aos conceitos de trabalhador e aventureiro, e de semeador e ladrilhador, os tipos de Antígona e Creonte³⁹. Nestes dois últimos tipos, encontra-se um conflito permanente e universalmente reconhecido entre a coletividade historicamente dada que se opõe ao indivíduo singular. Conflito este

³⁹ Na Tragédia Grega, Antígona – a filha de Édipo e Jocasta – desobedece à ordem do tirano Creonte ao tentar enterrar o seu irmão. Esta Tragédia, muitas vezes, foi interpretada como o conflito permanente característico da ordem social entre o Estado e o indivíduo.

permanente das sociedades históricas que parece se aprofundar e radicalizar no mundo moderno.

Holanda consegue visualizar, para além das estruturas historicamente determinadas do caso brasileiro, uma lei social universalmente válida e presente em todas as culturas: o conflito entre o Estado (ou mesmo a autoridade da coletividade) e o indivíduo particular, que se volta contra aquele a fim de manter e preservar sua individualidade.

O conflito entre Antígona e Creonte é de todas as épocas e preserva-se sua veemência ainda em nossos dias. Em todas as culturas, o processo pelo qual a lei geral faz-se acompanhar de crises mais ou menos graves e prolongadas, que podem afetar profundamente a estrutura da sociedade. O estudo dessas crises constitui um dos temas fundamentais da história social (Holanda, 2006:141-142).

Desta forma, Sérgio Buarque de Holanda construiu tipos mais gerais e universais, aplicáveis a uma multiplicidade de casos possíveis. Nestes tipos ideais de Antígona e Creonte, encontra-se também, mais valorizado, o conflito certamente insolúvel presente nos conceitos gerais de uma ciência que pretende compreender singularidades.

Podemos dizer, explorando esses tipos ideais de Antígona e Creonte, que, enquanto o tipo de Antígona representa o indivíduo histórico que tende a se contrapor à autoridade da tradição, Creonte representa a impessoalidade das leis gerais e abstratas, Antígona representa as leis particulares de uma sociedade historicamente dada; Creonte, em contraposição, representa as leis sociais que tendem a se universalizar⁴⁰.

Antígona é a sociedade em microcosmo, desafiando as normas fixas da coletividade e do Estado. Creonte é a dominação tradicional e familiar, subordinando as diversas formas sociais ao seu domínio político.

⁴⁰ Percebe-se que além de tipos de ações sociais, os conceitos de Antígona e Creonte representam forças sociais. Estes tipos diferem-se dos anteriores aqui analisados devido a sua acentuação bastante nítidas do papel das estruturas sociais na sociedade e como forças de muita influência, tanto no comportamento

Essa tensão presente em todos os tipos de sociedades caracteriza, mais uma vez, os tipos ideais buarqueanos. Uma contradição que não se resolve nem pode se resolver, por se tratar da própria sociedade em si. Acredito que, ao formar os tipos ideais de Antígona e Creonte, Buarque de Holanda esteve muito interessado em revelar um conflito perpétuo da sociedade que transcende as formas da vida social e as sociedades empíricas. Esses tipos completam-se, ao visto que é impossível pensar um isoladamente ao outro. Essa interdependência está na base concreta da realidade social existente e se integra à constituição íntima da vida social.

3.7.2 Controle do Estado pelas famílias

Sérgio Buarque de Holanda compartilha da visão moderna que o Estado (Creonte)⁴¹ deve preservar sua autonomia, ante os diversos grupos sociais existentes. Esta tendência do pensamento político contemporâneo em defender a autonomia ainda que ideal das esferas sociais, encontra-se em *Raízes do Brasil* de forma a construir uma imagem normativa do Estado Ideal; isto é; aquilo que o Estado deveria ser em contraposição aquilo que o Estado de fato é. Holanda sabe que, no caso particular do Estado brasileiro, o que existe é uma simples ampliação dos pequenos grupos familiares que governam e assumem o papel de autarquia política. No Brasil, foram e são muitas as dificuldades para a implementação de um Estado moderno, burocrático e impessoal.

A transformação do mundo social brasileiro é interrompida e seu ritmo é ditado pelas famílias. Há uma irracionalidade específica nas relações sociais brasileiras, um controle do poder político por uma autoridade, ao mesmo tempo, tradicional e afetiva e

individual quanto no comportamento coletivo. Pode-se dizer que estes tipos apontam para uma explicação estruturalista do processo histórico e social.

⁴¹ Creonte: o Estado, ou, as famílias que no caso brasileiro dominam o Estado. Enfim: as forças coletivas de dominação social.

uma invasão do público pelo privado, uma vontade incorrigível de se impor o particular ao geral, de se impor o singular ao universal.

Essa luta, tão saudável e necessária entre o abstrato e o concreto, o impessoal contra o irracional e o afetivo, é suprimida na formação da sociedade brasileira. A própria educação que se formou entre nós visava mais a manutenção do poder familiar sobre as leis gerais da nossa sociedade (Holanda, 2006:143).

O papel atribuído à família patriarcal por parte de Sérgio Buarque de Holanda diz sempre respeito à manutenção das formas tradicionais de dominação, uma dominação não sustentada por práticas racionais conciliáveis com a modernidade social. A influência da família na formação brasileira faz-se sentir até hoje pelo peso das instituições e relações sociais, muitas baseadas em ética e valores emotivos (Holanda,2006:149) .

Para Holanda o Estado brasileiro é controlado há séculos pelos mesmos grupos políticos,⁴² (Holanda, 2006: 82) a centralização administrativa do Estado brasileiro é consequência direta do Estado português, o primeiro a ser centralizado na Europa numa verdadeira antecipação de séculos em relação a outros países europeus, em que, predominaram, ainda, as lutas políticas e mesmo as discussões sobre a melhor forma de Estado a ser seguido.

No entanto, Buarque de Holanda consegue, mais uma vez, vislumbrar, no passado brasileiro, a semente de uma futura sociedade democrática possível. Uma dessas possibilidades seria um certo liberalismo típico dos senhores de engenho, que criticavam

⁴² Assim como Holanda, o sociólogo, jurista e cientista político Raymundo Faoro enxerga no Estado brasileiro uma tendência fortíssima ao patrimonialismo e uma propensão extremamente centralizadora. É uma característica da sociedade brasileira, segundo Holanda e Faoro, a autoridade política baseada nos particularismos e exclusivismos de certos grupos sociais em detrimento de uma lei geral que organize racionalmente a realidade social como um todo.

No Estado brasileiro, habita o estamento, espécie de estrutura social estática que influencia e mesmo determina a organização do poder político no Brasil. E é claro que essa permanência do estamento no Estado brasileiro vai impedir o desenvolvimento das formas sociais modernas como a impessoalidade e a racionalidade jurídica. Ver: Faoro, Raimundo. Os donos do poder. Porto Alegre: Globo, 1984.

as constantes intervenções do Estado na economia e a conseqüente tentativa de diminuir o seu poder, favorecendo a livre-iniciativa e a garantia dos direitos individuais.

3.8.1 O conceito de homem cordial

Finalmente, o tipo ideal isolado de homem cordial é, talvez, o mais polêmico conceito da história do pensamento social brasileiro ⁴³. É, provavelmente, o aspecto da obra *Raízes do Brasil* mais estudado e mais conhecido. Boa parte dessa polêmica vem sendo alimentada há décadas pela própria ambigüidade do termo “homem cordial”, tomado emprestado por parte de Sérgio Buarque de Holanda ao poeta Ribeiro Couto e, inclusive, muitas discussões referem-se também ao significado do termo “cordialidade”, que enquanto substantivo está imerso num universo semântico e lingüístico próprio, o que estimula necessariamente definições contraditórias.

Uma primeira interpretação entende o conceito de homem cordial como um homem brando, amigo, cortês e afetuoso; sociável e respeitador das diferenças; hospitaleiro e solidário. Este homem, portanto, estaria preparado para viver em sociedade. O homem cordial seria o exemplo de um homem democrático e tolerante, que criaria instituições sociais baseado na fraternidade e na conciliação de conflitos.

Uma segunda interpretação, mais negativa e em oposição à primeira, entende o homem cordial como um homem pouco racional, que age emotivamente, este não guia

⁴³ Muitas polêmicas se formaram em torno do conceito de homem cordial que chegaram até a ofuscar muitos outros temas presentes em *Raízes do Brasil*. Uma dessas polêmicas, entre as mais célebres, é a que se deu com o escritor Cassiano Ricardo com o próprio Sérgio Buarque de Holanda em que o primeiro tentava provar ao segundo a dubiedade de certos termos e do próprio sentido da palavra “cordial” até em fecho de cartas. Sérgio Buarque de Holanda tratou a polêmica como uma “esgrima literária” e em carta enviada a Cassiano Ricardo respondendo à querela encerrou seu texto, talvez de forma jocosa, com um singular: “cordialmente”, “Sérgio Buarque de Holanda”. Ver: *Raízes do Brasil*; prefácio de Antonio Candido. 15. Ed. Rio de Janeiro. J. Olympio, 1982.

sua ação social por valores precisos. O homem cordial possui dificuldade de entender regras e normas abstratas e termina por desrespeitar as instituições por não possuir um bom senso de hierarquia. Este homem emocional seria um obstáculo ao desenvolvimento da democracia no Brasil.

Uma terceira interpretação, esta hoje muito em voga, concebe o homem cordial como um mito criado pela propaganda de Getúlio Vargas para inspirar na sociedade brasileira valores como nacionalismo e crença no futuro do país. O homem cordial teria, portanto, caráter ideológico e Sérgio Buarque de Holanda seria um intelectual orgânico do Estado Novo.

Contribuindo com a minha opinião para esse debate, gostaria de afirmar que, ao meu ver, o tipo de homem cordial é uma categoria histórico-sociológica e literária bastante supervalorizada no pensamento brasileiro e esta supervalorização ocorre em cima de um equívoco. E este equívoco quanto à metodologia empregada para a construção do tipo ideal consiste em tomar o conceito de racionalidade não como evidência, mas como sinônimo de causalidade explicativa, o que não é necessariamente correto; pois em terminologias compreensivas/weberianas a causalidade explicativa é extraída das causalidades significativas por meio de imputações causais que formam base para a interpretação realizada por parte do cientista.⁴⁴ Um pequeno engano que fez tomar o conceito de “homem cordial” como exemplo do *Homo sociologicus* brasileiro desmembrado pela herança ibérica. Quando, acredito que este não seja o conceito chave de Raízes do Brasil (já que é citado apenas de passagem e desenvolvido em não mais de

⁴⁴ Por meio da evidência racional a imputação causal torna aquilo que é significativo em explicação sociológica. O papel da imputação causal é muito importante na busca pelas causalidades que definem um objeto sociológico.

cinco parágrafos⁴⁵) e que a interpretação desse conceito não tenda necessariamente à evidência interna. Este é apenas uma categoria histórica, resultado de uma opção metodológica relativista. Ademais, o homem cordial pode ser considerado um tipo ideal de homem brasileiro: O “homem cordial” é um “homem ideal”, isto é: um tipo ideal de homem brasileiro.

3.8.2 A ação do homem cordial

Inserindo o conceito de homem cordial na perspectiva da metodologia e da sociologia compreensiva proposta por Max Weber, podemos entender o homem cordial como um homem que é movido por uma ação social de caráter subjetivo, afetiva, de pouca previsibilidade. Essa ação social não seria orientada em relação a fins, mas possuiria caráter tradicional. O conjunto dessas ações, quando relacionadas, criaria instituições sociais pouco racionais e modernas. Seria também responsável pela desorganização burocrática e pelo exercício do poder político, não em virtude de ações conscientes, mas sim pelas conseqüências não pretendidas dessas mesmas ações. Este mesmo homem cordial, quando migra para a esfera pública e passa a exercer o poder político, torna-se o exemplo do caudilho, do ditador populista. Fica aqui, uma breve sugestão para que alguém estude este tipo ideal de homem social brasileiro, compreendendo os significados dessas ações sociais, bem como suas conseqüências imprevistas, com o objetivo de tirar o maior o número de generalizações possíveis.

A modernização da sociedade brasileira, segundo Sérgio Buarque de Holanda, se caracterizaria pela urbanização, pela burocratização do Estado, pela autonomia do Estado ante a família e pelo rompimento com a herança ibérica. A superação dos laços de cordialidade e da ação social movida pela autoridade afetiva e tradicional. O

⁴⁵ Refiro-me ao último parágrafo da página 146, e aos outros 4 parágrafos da página 147 da edição 2006 de *Raízes do Brasil*.

comportamento social, do brasileiro tenderá a ser mais racional e formador no processo de interação social, de relações mais coesas e profundas.

Como a modernização da sociedade brasileira traria, segundo Holanda, uma racionalização das esferas sociais, impulsionado pela burocratização do Estado, o tipo de homem cordial pode ser também compreendido como um modelo de comportamento social que passaria a ser eliminado perante essa nova organização da sociedade brasileira. O novo homem brasileiro surgiria para superar as raízes ibéricas e criar seu próprio sentido de civilização. Este homem pós-cordial orientaria sua ação social por um viés mais racional e calculado, sua ação passará a possuir sentido e objetivo. Este homem passará a ter um comportamento social mais previsível perante esta nova ordem, indivíduo que quando proceder na esfera particular estará apto a assumir a ética da convicção; quando homem político atuando na esfera pública, estará apto a assumir a ética da responsabilidade; sua forma de exercer o poder será mais racional, objetiva e baseada em leis bem definidas. Sua forma de exercer a dominação será legal, legítima e consentida.

Resta apenas fazer uma indagação crítica, deixada aqui em aberto, a respeito do surgimento, ao que parece, tão demorado ou tão adiado deste novo tipo ideal de homem brasileiro, ao ser tratado numa teoria sociológica contemporânea como o verdadeiro sujeito da nossa modernidade democrática. E, neste caso, até que ponto avançamos e até que ponto está correto o diagnóstico de Sérgio Buarque de Holanda sobre o Brasil moderno.

3.9.1 Tipos ideais interacionistas

Analisados os tipos ideais de Sérgio Buarque de Holanda, percebemos que uma de suas principais contribuições é conciliar a interpretação sociológica com a interação social e com as regularidades que se estabelecem no mundo social pela interpenetração de

múltiplos agentes. É lícito afirmar que muito dos conceitos sociológicos em *Raízes do Brasil* são construídos tendo como base a interação ou a idéia de relação social.

Acentuando mais uma diferença específica entre o tipo ideal weberiano e o tipo ideal de Sérgio Buarque de Holanda, concluí-se que, enquanto a análise de Weber preocupa-se com o significado da ação social, para retirar de seu sentido subjetivo uma imputação causal válida a ponto de objetivar o conteúdo desta mesma ação, o tipo ideal buarqueano concebe a ação social como um núcleo de referências para outra ação social e como parte de um complexo de sistemas de interações⁴⁶.

É razoável supor que a ação social seja o denominador comum sobre o qual está assentado qualquer paradigma interacionista. O sistema social dinâmico formado pelo emaranhado de ações sociais e seus tipos, e que é tão característico da análise sociológica em *Raízes do Brasil*, preocupa-se, sobretudo, com os diversos significados e sentidos que essas relações podem assumir.

Desta forma, o que inicialmente parecia ser um problema sociológico de difícil solução, passa a ser tratado como uma condição para o método e para a teoria sociológica: Como conciliar tipo ideal e interação social? Mais ainda: Como trabalhar com categorias sociológicas sistemas de relações sociais que se transformam com o tempo? A teoria sociológica exposta em *Raízes do Brasil* contribui, sem dúvida, e com originalidade, para essa discussão⁴⁷.

A multiplicidade dos pontos de vistas nos tipos assim construídos e expostos provém da própria natureza da interação social, que se caracteriza pelas regularidades e pelos diferentes sentidos que os diferentes agentes lhe atribuem. Estes sentidos são,

⁴⁶ Esta minha afirmação serve para acentuar melhor a perspectiva e o ponto de partida interacionista de Sérgio Buarque de Holanda em relação ao modelo weberiano.

⁴⁷ O conceito de “cordialidade” pode ser entendido em *Raízes do Brasil* como um tipo ideal de interação. Mas quando me refiro aos tipos interacionistas, me refiro especificamente aos tipos de trabalhador e aventureiro,

evidentemente, compartilhados pelos atores participantes das interações, cujas ações podem ser racionalizadas, relacionadas entre si e instrumentalizadas sob a forma de tipos ideais.

Os contatos e as interações sociais, em todos esses tipos devem ser considerados como resultados de muitas combinações, que geram sentidos diferentes e, portanto, diferentes formas de se analisar cada caso. É necessário, porém, esclarecer que, embora os tipos ideais buarqueanos privilegiem a interação social, os contatos e os significados estabelecidos nessas relações, não há neles, em momento algum, o abandono do conceito de ação social em seu sentido subjetivo e como objeto central da interpretação sociológica. A existência da ação social, em todos os casos, é condição *a priori* para se pensar os significados das interações sociais possíveis.

No modelo compreensivo de Max Weber, já estava em aberto todas as possibilidades de se estudar os significados das relações sociais, cujos sentidos são atribuídos pelos agentes da ação (Weber, 1992:419). Mas é lícito supor que *Raízes do Brasil* representa um avanço nessa investigação, por realizar de forma concreta e objetiva a relação entre o conceito de tipo ideal e a interação social.

3.9.2 Síntese dinâmica dos tipos ideais buarqueanos

A síntese promovida pelos tipos ideais interacionistas de Sérgio Buarque de Holanda diz respeito a uma integração maior entre conceitos sociológicos até então inéditos no pensamento brasileiro e muito presentes na teoria sociológica contemporânea, como a integração entre a agência e a estrutura, privilegiando não apenas um aspecto da realidade social, mas o contexto geral, o sistema formado e a relação entre a racionalização dos processos sociais e a reflexividade que aceleram esses processos.

semeador e ladrilhador, Antígona e Creonte devido a já abordada relação sociológica e causal que estes tipos estabelecem entre si.

Para um melhor esclarecimento da discussão que estamos buscando, faremos, a partir do próximo capítulo, uma análise comparativa mais aproximada e detalhada entre os tipos ideais de Max Weber e os tipos ideais de Sérgio Buarque de Holanda. Acreditamos, assim, poder chegar a um aprofundamento maior do problema investigado nesta dissertação e, inclusive, verificar de forma crítica a real contribuição de Sérgio Buarque de Holanda para o método e projeto weberiano de ciência. Nossa preocupação será ressaltar ao máximo as vantagens e desvantagens das formulações típicos-ideais presentes em *Raízes do Brasil*.

Capítulo 4 Weber e Sérgio Buarque: uma aproximação.

4.1 Das evidências racionais à interação social

Expostos e comentados os tipos ideais de Sérgio Buarque de Holanda e desenvolvido o tipo ideal como conceito chave da teoria da interpretação weberiana, bem como o principal instrumento heurístico de toda sua metodologia, torna-se necessário, como parte de um desenvolvimento expositivo que esta dissertação busca realizar, a aproximação entre esses dois modelos de análise e entre essas duas formas distintas de interpretação e de explicação sociológica.

No ponto em que chega esta exposição, é natural que surja uma pergunta necessária para o esclarecimento maior desta discussão: “O que há em comum e o que há de diferente na construção dos tipos ideais de Max Weber e de Sérgio Buarque de Holanda? Expostos e desenvolvidos alguns aspectos da metodologia de Weber e, a partir de certas indicações de alguns teóricos, comentadores e intérpretes da obra de Weber, como Thomas Burger (1976), Raymond Aron (2003) e Fritz Ringer (2004), estabeleceu-se, posteriormente, a análise crítica dos tipos ideais buarqueanos, tendo como referencial a tradição sociológica alemã. É justo, portanto, que sejam comentados algumas semelhanças e diferenças entre essas perspectivas sociológicas.

Uma semelhança que pode ser percebida entre os tipos ideais de Holanda e a teoria da interpretação weberiana, cujos tipos ideais são os principais instrumentos heurísticos, é o fato de que os tipos nos dois autores são construídos tendo como referência as evidências racionais do mundo empírico. Os tipos ideais de Weber e Holanda partem em busca daquilo que é significativo no mundo social, e, por meio de imputações causais, são transformados em caminhos de explicação teórica.

Uma diferença que pode ser apontada na construção dos tipos ideais de Weber e Holanda é a percepção da historicidade dos fenômenos sociais. Weber possui, em sua

interpretação sociológica, a consciência de que a realidade social se modifica com o passar do tempo e que muitos fenômenos devem ser entendidos levando em consideração o seu desenvolvimento contínuo (Weber, 1992:421). Mas a interpretação de Sérgio Buarque de Holanda parte sempre de uma perspectiva histórica.⁴⁸ Holanda parece assumir uma perspectiva mais historicizante que Weber em seus tipos ideais, pois além de tomar sempre seus conceitos sociológicos pela raiz de sua historicidade, está atento para a modificação dos conceitos, para a sua relativização (ou mesmo eliminação totalmente) com a passagem do tempo⁴⁹.

Uma semelhança que pode ser também apontada na construção do tipo ideal de Weber e Holanda é a apreensão das motivações e intenções dos agentes. A explicação sociológica não se reduz apenas a evidências racionais (Weber, 1997:406), embora estas favoreçam a objetividade. Mas os tipos ideais de ambos os autores procuram compreender aquilo que estimula cada agente a realizar sua conduta no mundo social. Tanto Weber quanto Holanda preocupam-se com os motivos e objetivos que estimulam a conduta racional dos agentes.

Uma diferença que pode ser apontada também na construção dos tipos ideais de Max Weber e Sérgio Buarque de Holanda é a preocupação constante de Sérgio Buarque em contrapor os seus tipos para adequá-los às leis de causalidade sociológica. Estas leis de causalidade sociológicas são reconhecidas como a adequação entre dois fenômenos no

⁴⁸ Já em *Raízes do Brasil*, na primeira obra de Sérgio Buarque de Holanda, esta abordagem histórica é bastante visível e, até decisiva para sua melhor compreensão. Sérgio Buarque após *Raízes do Brasil* tendeu cada vez mais a se tornar um historiador social. Ver o posfácio de Evaldo Cabral de Melo a 26ª edição de *Raízes do Brasil* (2006) intitulado: “Raízes do Brasil e depois”. Neste posfácio Evaldo Cabral afirma sobre Sérgio Buarque de Holanda: “No cerne desta mutação do sociólogo em historiador encontrou-se, suspeito, a consciência de uma antítese entre a explicação sociológica e a explicação histórica e a opção por esta última”.

⁴⁹ Na carta a Cassiano Ricardo, datada de 1948, Sérgio Buarque de Holanda escreve: “Com a progressiva urbanização, que não consiste apenas no desenvolvimento das metrópoles, mas ainda e sobretudo na incorporação de áreas cada vez mais extensas à esfera da influência metropolitana, o homem cordial se acha fadado provavelmente a desaparecer, onde ainda não desapareceu de todo. E às vezes receio sinceramente que já tenha gasto muita cera com esse pobre defunto”.

sentido de verificar a influência ideal de um sobre o outro e comparar esta influência ideal com a influência real (Weber, em sua tese central na *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, ao verificar a afinidade eletiva entre esses dois fenômenos utiliza esse tipo de perspectiva sociológica Weber, 2002:30-31) mas a relação que Holanda estabelece entre seus tipos expressam e acentuam diretamente a interação entre eles.

De certa forma, Max Weber percebeu claramente um certo problema epistemológico, que surgia ao tentar entender a formação de sociedades históricas dinâmicas, e chegou mesmo a sugerir uma formação explicativa diferente dos tipos isolados e já apontando caminho para os tipos construídos aos pares⁵⁰ (Weber, 1992:138). A própria sociologia histórica sempre ocupou um papel relevante no sistema teórico de Weber e os significados de seus agentes históricos sempre ajudaram a orientar o sentido da interpretação. A análise sociológica de Weber abre caminho, inclusive, para a orientação dos tipos que são utilizados em *Raízes do Brasil*, mas que parecem fazer parte de um imaginário coletivo e arraigado, como um personagem presente em várias literaturas⁵¹.

⁵⁰ Na descrição e explicação do processo social capitalista junto à formação do tipo ideal, Max Weber apontou a necessidade de se estabelecer a oposição ao tipo formado com a construção, por antítese, de outro tipo ideal. Mas parece não ter podido analisar as implicações metodológicas deste procedimento: “Este conceito, desde que cuidadosamente aplicado, cumpre as funções específicas que dele se esperam, em benefício da investigação e da representação. Para analisarmos ainda outro exemplo, pode-se traçar igualmente a “idéia” do “artesanato” sob a forma de uma utopia, para o que se procede à reunião de determinados traços que se manifestam de modo difuso entre os artesãos das mais diversas épocas e países, acentuando de modo unilateral as conseqüências dessa atividade num quadro não contraditório, e referindo-a a uma expressão do pensamento que nela se manifesta. Além disso, pode-se tentar delinear uma sociedade na qual os ramos da atividade econômica e mesmo a atividade intelectual se encontram dominados por máximas que nos parecem ser aplicações do mesmo princípio que caracteriza o “artesanato” elevado ao nível do tipo ideal. E a este tipo ideal do artesanato pode ainda opor-se. Por antítese, um tipo ideal correspondente a uma estrutura capitalista da indústria, obtido a partir da abstração de determinados traços da grande indústria moderna para, com base nisso, se tentar traçar a utopia de uma cultura “capitalista”, isto é, dominada unicamente pelo interesse de valorização dos capitais privados. Ela acentuaria diferentes traços difusos da vida cultural, material, e espiritual moderna e os reuniria num quadro ideal não contraditório, para efeito de investigação. Este quadro constituiria, então, uma tentativa de traçar uma “idéia” da cultura capitalista - mas não analisaremos agora se isso é possível, e de que modo. Weber, Max. Op.cit. p. 138

⁵¹ Na introdução de *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* Max Weber já havia comentado o significado da ação do tipo ideal de aventureiro: “Esse tipo de empreendedor, o aventureiro capitalista, existiu em toda parte. Suas atividades, à exceção do comércio e do crédito, assim como das transações bancárias, eram de caráter predominantemente irracional e especulativo, ou direcionado para a aquisição pela força, sobretudo a aquisição do botim, tanto na guerra como na exploração fiscal das pessoas a eles sujeitas”. Editora Martin Claret, 2002.

A aproximação entre Weber e Holanda não é também apenas uma questão de interpretação e explicação, mas esta coincidência existe desde a percepção dos dados sensíveis até à construção lógica dos conceitos. O caminho epistemológico percorrido, entretanto, é um pouco diferente no pensamento dos dois autores, enquanto que, na concepção weberiana, o tipo ideal expressa uma espécie de tensão permanente entre a singularidade e a generalidade, o tipo ideal de Sérgio Buarque de Holanda envolve sempre um retorno à singularidade da evidência racional existente⁵² (ou quando há poucos indícios desta evidência, Holanda aproveita o tipo ideal contrário como forma de encontrar um melhor equilíbrio para a adequação de sentido, isso será explicado mais adiante) que permanece como base para o modelo científico e serve, para edificar em certas bases, as evidências racionais e mesmo os resíduos irracionais na realidade apreendida.

4.2 O tipo ideal e a seleção do objeto de análise

O tipo da realidade selecionada, que é uma condição primeira para uma investigação científica indutiva, consiste em seu fundamento lógico-empírico e deve ser considerado como um corte epistemológico que, por si só, é capaz de definir os possíveis caminhos para o desenvolvimento do discurso científico. Este é um diferencial que, certamente, caracteriza uma relação possível estabelecida entre o método de Weber e o modelo sociológico de Sérgio Buarque de Holanda buscado em *Raízes do Brasil*: o objeto escolhido. É justamente esta diferença que leva às demais diferenças ocorridas no percurso da investigação dos dois autores.

⁵² Tanto nos tipos ideais de Max Weber quanto nos tipos ideais de Sérgio Buarque de Holanda a noção de “evidência” parece ser incontornável. A interpretação de Weber e Holanda tendem às evidências racionais que os autores encontram no mundo social para depois explicá-las cada qual ao seu modo. Seja o primeiro

A perspectiva weberiana de que os conceitos sociológicos não expressam a totalidade do real, pois não se pode sistematizar toda extensão da realidade num modelo concluído de ciência (Weber, 1992:137-138), está presente nas definições buarqueanas. O modelo concluído de ciência só existe num dado momento também ideal, já que a criatividade e variabilidade dos sujeitos históricos parece não ter fim. A ciência sempre terá que lidar com a imprevisibilidade e com os elementos surpresas que transformam radicalmente a continuidade de um processo social e a continuidade da própria análise sociológica. Um modelo acabado de ciência pressupõe a apreensão dos dados numa série finita de tempo e é a sistematização provisória de um conhecimento consensualmente admitido e legitimado pelos especialistas e, também, a proposição e formulação de conceitos lógicos. Sejam estes conceitos construídos e selecionados desde uma definição unilateral e posterior em seu encadeamento de pontos de vistas diferentes, ou a valorização, por definição, dos pontos de vistas contrários.

A diferença, neste caso, é clara: enquanto a definição unilateral acentua apenas alguns aspectos da realidade empírica em detrimento de inúmeros outros aspectos da realidade e expressa um determinado ponto de vista subjetivo através desta seleção de aspectos finitos do mundo empírico, a necessidade de pensar o mundo social por meio de tipos ideais que interagem entre si⁵³ - tal qual faz Sérgio Buarque de Holanda ao confrontar sempre os tipos em sua explicação sociológica - busca a valorização de ambos os pontos de vista e a apreensão do movimento dinâmico da realidade social.

A própria idéia de relação social - e conseqüentemente de interação - já está contida na definição da ação social como objeto da sociologia compreensiva

partindo da definição da ação social e seu sentido, seja o segundo mais preocupado com as interações sociais que os agentes estabelecem entre si.

⁵³ É necessário não confundir nesta discussão a forma de "interação entre os tipos" com a interação ou relação social em si, pois desta forma estaria se confundindo os tipos com a realidade. O significado de "interação" entre esses tipos é o da tensão e dos antagonismos que se desenvolvem em suas polaridades.

(Weber, 1997:400). Esta definição já abrange o conceito de que o indivíduo atribui o sentido à sua própria ação, que é guiada pela ação dos outros indivíduos. Da definição da ação social como núcleo de referência para a interpretação sociológica, as interações sociais que se formam, como decorrência, podem ser consideradas já como parte integrante da posterior formulação dos tipos ideais.

A interação social, assim, já é, desde o princípio, definida como um núcleo privilegiado e indispensável para a explicação sociológica, conforme pensa Max Weber. Para Sérgio Buarque de Holanda, os significados da interação social são radicalizados a ponto de se estabelecer entre os tipos uma forma de explicação que supõe sempre um diálogo permanente entre mundos sociais distintos ao opor tipos de conduta social.

4.3 Os tipos ideais como expressão da mudança social

Retomando a questão: O que há de comum e o que há de diferente na construção dos tipos ideais de Max Weber e Sérgio Buarque de Holanda? Verifica-se também que Weber e Holanda são teóricos de um processo de mudança social. No caso de Weber, pode-se considerar seus estudos sobre o capitalismo racional e seus diagnósticos sobre a racionalização no ocidente como parte integrante de uma explicação sociológica que acentua certos aspectos de modernização social. Numa escala bem específica, Buarque de Holanda também diagnostica aspectos de modernização social ao tratar a evidência de certas individualidades empíricas-significativas presentes na história da sociedade brasileira (Holanda, 2006: 172-173).

Pode-se afirmar que, tanto nos tipos ideais de Max Weber, quanto nos tipos ideais de Sérgio Buarque de Holanda, a valorização da conduta humana como elemento dinâmico, centro da interpretação sociológica, como premissas iniciais de explicação teórica. No capítulo 2 desta dissertação, discutiu-se como o individualismo metodológico não é um obstáculo ao método de uma sociologia histórica comparativa e como a mediação humana

pode ser pensada em relação às estruturas históricas persistentes. Agora, pode-se afirmar que, ao tratarem o indivíduo como o único portador da conduta racional significativa, nem Weber nem Sérgio Buarque implicam à sua análise um atomismo ou reducionismo exclusivamente metódico ⁵⁴.

Mesmo as entidades coletivas ou as estruturas rígidas da sociedade, ao serem tratadas como um núcleo interrelacional de subjetividades, permitem a sociologia histórica comparativa estabelecer critérios de aproximação entre sistemas sociais distintos. É evidente que estruturas históricas rígidas e persistentes barram a ação dos indivíduos e bloqueiam, temporariamente, o desenvolvimento de novas formas de organização social, estimulando o tipo de ação social tradicional. A estrutura social brasileira que deu origem a uma estática civilização de raízes rurais criou um ambiente desfavorável à mudança social. Mas a análise individualista metodológica ao conceber a estrutura social e entidades coletivas como individualidades permite, também, tratar essas entidades como um núcleo de interação, como unidade significativa e promove a mobilidade conceitual dessas mesmas estruturas. Tanto Weber quanto Holanda pensam o desenvolvimento das formas sociais em suas modificações e alterações contínuas, elegendo certas representações coletivas da vida social como fenômenos singulares dotados de uma dinâmica própria (Weber, 1963:212) e (Holanda, 2006: 141).

O que torna, porém, o modelo sociológico de Sérgio Buarque de Holanda ainda mais radicalmente dinâmico do que a metodologia que Max Weber parece conceber (e, portanto estabelece mais uma diferença entre Weber e Holanda, neste sentido) é o fato de Holanda utilizar de forma implícita - mas bastante visível a uma análise mais atenta certos

⁵⁴ Veja-se que, no caso de *Raízes do Brasil*, o tipo de homem cordial é o centro de um fenômeno de interação que pode assumir vários conteúdos de significação e que age guiado por valores e escolhas que formam, em seu conjunto, um verdadeiro sistema de crenças coletivas que possui a força de estruturar certas relações sociais. O ator racional é considerado não apenas como ponto de partida teórico, mas como o centro de uma explicação sociológica que implica em um núcleo de interações sociais.

elementos da interação social em seus tipos, como: cooperação⁵⁵, competição, conflito e confiança.

Por exemplo, ao tratar tanto o trabalhador quanto o aventureiro como parte de um discurso único sobre a realidade, Buarque de Holanda parece tomar como pressuposto implícito a idéia de que um mesmo processo social unifica esses tipos, que possuem valores e escolhas diferentes, mas que passam a colaborar entre si e a estabelecer entre si um laço de confiança. Esta confiança se estabelece entre a competição e a cooperação e continua a ter como base a racionalidade da ação, isto é: a expectativa de que uma determinada ação vai se desenvolver conforme o esperado.

Outro exemplo, se se quiser ressaltar os antagonismos entre os tipos (e não apenas sua complementação), basta acentuar o conflito entre eles: o trabalhador possui ojeriza à irresponsabilidade do aventureiro, que, por sua vez, despreza e considera desnecessário o caráter rigoroso e metódico da ética do trabalho. Um pesquisador social que utilizar tipos como estes ou semelhantes escolherá o seu próprio critério de análise. Mais exemplos podem ser citados, mas estes, certamente, já ressaltam a flexibilidade dos tipos ideais buarqueanos.

Na especificidade dos tipos ideais de Sérgio Buarque de Holanda, percebemos, também, ao exemplo do que pensou Weber, como as escolhas dos indivíduos explicam suas disposições e desejos (Weber, 1963:211). Em *Raízes do Brasil*, sugiro mostrar que a ausência de um procedimento mais racional por parte do empreendimento português e sua visão colonizadora de vantagens imediatas explicam sua desorganização e a sua falta de

⁵⁵Exemplo: “Tanto a competição como a cooperação são comportamentos orientados, embora de modo diverso, para um objetivo material comum: é, em primeiro lugar, sua relação com esse objetivo o que mantém os indivíduos respectivamente separados ou unidos entre si. (Holanda, 2006:60-61).

definições e ausência de um projeto civilizacional e de uma ética da vocação ou salvação pelo trabalho ⁵⁶.

4.4 Os tipos ideais buarqueanos: escolhas e valores

Mesmo no mundo social repleto de valores contraditórios, como é o caso da sociedade brasileira, os tipos ideais de Sérgio Buarque de Holanda conseguem estabelecer uma causalidade explicativa. Isto é possível porque os tipos ideais apreendem os valores numa intersubjetividade que equivale a estabelecer conexões entre as intenções e resultados de suas condutas. O semeador desperdiça mais da metade dos seus recursos, enquanto o ladrilhador planeja sua ocupação no espaço natural e no espaço público social com uma precisão rigorosa, analogamente matemática e geométrica. Se o semeador não representa um exemplo de racionalidade econômica na manutenção de seus instrumentos e de seus recursos é porque a sua escolha envolve uma série de procedimentos, que vão desde o desinteresse pelas formas concretas de vida coletiva, das formas sociais que seu comportamento pode gerar, à falta de conflito entre a vontade e a racionalidade.

O que há no comportamento do semeador é o triunfo da vontade sobre a razão (Holanda, 1992:96). Já a escolha de um tipo ladrilhador implica a suspensão de vontades e a racionalização do desejo. O ladrilhador procura abrir mão de valores subjetivos para incorporar valores objetivos, como a ação plenamente calculada e a construção de formas sociais sólidas.

⁵⁶ Este elemento mais racional de ética da vocação e trabalho do qual o tipo ideal de trabalhador é uma forte expressão, foi introduzido no Brasil por outros fatores existentes e outros valores vigentes não apenas em Portugal, mas na Península Ibérica em si como a contribuição do trabalhador espanhol na formação brasileira e mesmo de outros povos europeus como os ingleses, os holandeses, os alemães, os franceses que contribuíram para o enriquecimento da cultura brasileira (mesmo na qualidade de invasores) como visitantes e é um exemplo de que, na análise buarqueana, a explicação sociológica pode utilizar da referência de sistemas sociais próximos para compreender quais os fatores que entram na complexa composição dos fenômenos sociais.

Uma semelhança entre Weber e Holanda que pode ser também apontada é o fato de Sérgio Buarque aproveitar não apenas algumas categorias compreensivas típicos-ideais de Weber, mas os exemplos de inteligibilidade das condutas integrando-as à estrutura social⁵⁷. Da irracionalidade existente no mundo social, até as evidências mais racionais, o esforço de compreensão das ações humanas só é recompensado devido ao sentido atribuído pelo sujeito à sua ação, que não se confunde com o sentido que o cientista atribui à sua interpretação. Os tipos de evidências racionais estão presentes nos conceitos de Sérgio Buarque de Holanda e organizados de acordo com o seu grau de inteligibilidade crescente e o inverso também é verdadeiro. Sabe-se que os conceitos sociológicos estão imersos em diversos níveis de mensuração, de modo a se estabelecer uma escala de valores de validade e verificabilidade empírica. O tipo ideal de trabalhador e sua ação altamente racional é contraposta à imprevisibilidade da ação do aventureiro. O tipo semeador, que age sem um padrão definido e objetivo de colonização e construção do mundo social, é complementado pela ação metódica e concreta do ladrilhador. Isto ocorre não por acaso, mas para tornar o mundo social mais inteligível o possível, hiper-exagerando as evidências e, ao mesmo tempo, a gradação de subjetividades.

4.5 Ordem social e ruptura

Outra semelhança que se estabelece entre Weber e Holanda é a constatação que existem certos fenômenos que interferem na conduta racional dos atores/indivíduos significativos. Um deles é a ordem social, sobre a qual *Raízes do Brasil* é, sem dúvida, uma reflexão crítica e profunda. A ordem social estimula a predominância de ações sociais

⁵⁷ Por isso, pode-se dizer que não há, em momento algum, o abandono na análise buarqueana do conceito de estrutura social que contribui para a integração dos diversos tipos e estruturam o próprio ritmo da ação social e para a formação da área ou campo em que os sujeitos atuam. A estrutura agrária e rural da sociedade brasileira é definida em *Raízes do Brasil* como um fator importantíssimo de explicação histórica e sociológica por trás dos inúmeros fatos sociais, conflitos e dilemas presentes na sociedade brasileira, em que podemos localizar um verdadeiro paradigma de mudança social estrutural.

repetidas, cujo conteúdo de sentido é retroativo, ao legitimar a ordem social vigente (Weber, 1992:423).

A ordem social, muitas vezes, condiciona o comportamento dos sujeitos históricos, mas, ao mesmo tempo, os sujeitos podem reagir contra a ordem e serem sujeitos de uma mudança social (Holanda, 2006:177-179). Esta tensão entre a conduta subjetiva dos indivíduos expressos em tipos ideais e a possibilidade da mudança social é, possivelmente, o argumento central e o clímax ou (anticlímax) de toda a obra de *Raízes do Brasil* e todo pensamento de Sérgio Buarque de Holanda. Uma revolução “boa”, “honesta” e diferente das pretensas revoluções que ocorriam não apenas no Brasil, mas em todo continente americano (Holanda, 2006:180-181). Uma revolução crítica das demais revoluções e de muitos diagnósticos sobre os processos sociais. A mudança radical dentro da estrutura brasileira é o sentido de revolução que é criada não por agentes sociais pré-determinados ou pré-definidos. O verdadeiro sentido da revolução brasileira envolve, democraticamente, todos os agentes e é conduzido pelo povo anônimo das ruas e pela participação política. É uma racionalização gradativa da sociedade e das esferas de valor, no sentido weberiano que caracteriza o sentido da revolução brasileira em Sérgio Buarque de Holanda, cujos tipos ideais ajudam a compreender.

4.6.1 Crítica aos tipos ideais de Weber e Holanda: Perdas e ganhos metodológicos.

O sociólogo Florestan Fernandes (1959) realizou uma crítica ao modelo ideal-típico weberiano, ao afirmar que este seria bastante limitado para analisar fenômenos dinâmicos que movem a transformação total de um dado sistema social. Ainda segundo Fernandes, a construção do conceito weberiano partiria do pressuposto de que “certas relações” permaneceriam estáveis e tenderiam a exagerar os significados destas mesmas relações.

Doutro lado, semelhante concepção do objeto da sociologia e de seu método permite estabelecer uma relação mais ampla entre a sociologia e a história. A esta caberia interpretar o acontecer em sua singularidade e como um processo histórico (isto é, dotado de desenvolvimento contínuo). Os conceitos sociológicos assim construídos eliminam consideravelmente (ou completamente) o fator tempo. Não se adequam logicamente, graças aos procedimentos de construção dos tipos-ideais e de sua manipulação interpretativa, à explicação de fenômenos dinâmicos, concebidos em termos de regularidades de seqüência em certa unidade de tempo (Fernandes, 1959: 100).

Para Florestan Fernandes, existem fenômenos que alteram a ordem social e que são regulares no desenvolvimento dos sistemas sociais. Estes fenômenos seriam tradicionalmente interpretados por muitos historiadores como meros episódios ou acontecimentos fortuitos, sem se relacionar com a existência de certas regularidades existentes no mundo empírico e que deveriam ser o objeto de uma sociologia histórica. A interpretação da sociologia histórica deveria levar em consideração a temporalidade dos fenômenos que são dotados de desenvolvimento contínuo.

E, portanto, o tipo ideal, conforme exposto no método compreensivo weberiano tomaria a realidade investigada como algo estático e não seria suficientemente adequado para estudar grandes sistemas de transformação social. O sociólogo e pesquisador teria dificuldades ou mesmo não seria capaz de perceber os vários fluxos ativos presentes no mundo empírico que modificam a sociedade.⁵⁸

É justamente a essa limitação característica do tipo ideal weberiano que se voltam os tipos ideais construídos por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*. A reformulação do modelo inicial de Weber, por parte de Sérgio Buarque de Holanda, ocorre no sentido de

⁵⁸ É claro que esta questão deve ser atenuada. Como já foi exposto nesta dissertação, os tipos ideais de Weber também são eficazes para apreender fenômenos dinâmicos. Mas o exagero do argumento utilizado neste ponto, exagero típico da atividade sociológica, serve para ressaltar que tipo de historicidade radical está sendo

uma radicalização da percepção dos fatores historicizantes e descontínuos que alteram a ordem social. Não se sabe se, ao fazer a crítica ao tipo ideal weberiano, Florestan Fernandes tivesse em mente os tipos ideais buarqueanos (Fernandes, 1959:99-100) mas é possível que sim, devido à relação um tanto próxima travada entre a sociologia de Holanda e Fernandes, bem como da relação próxima dos autores entre si.

Algumas falhas no método de Sérgio Buarque de Holanda tornam seus tipos ideais um tanto que distanciados do projeto de uma ciência generalizante, que tenda para o conhecimento universal de fenômenos particulares. O conflito entre uma ciência explicativa e generalizante e a compreensão individualizante dos fenômenos existentes no mundo empírico, conflito este que tanto marcou as discussões neokantianas e que logo depois viria a ser uma premissa fundamental na qual seria erguido o tipo ideal weberiano, parece ser uma preocupação secundária em *Raízes do Brasil*.

A apropriação original dos tipos ideais weberianos feita por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, pode representar um avanço metodológico ao se estudar e interpretar realidades mais dinâmicas, mudanças sociais dentro de um mesmo sistema ou nas interações de diversos sistemas, ou mesmos sistemas sociais que se transformam como um todo. Mas a apropriação original dos tipos ideais em *Raízes do Brasil* pode ser considerada, também, um problema teórico e metodológico, negligenciando antigos problemas resolvidos ou não pela tradição sociológica.

Esse problema caracteriza-se, justamente, pela ausência de preocupações metodológicas mais fundamentadas. A qualidade dos tipos ideais buarqueanos, no que diz respeito à sua abrangência, sua aplicabilidade, sua manipulação heurística, deixa sérias suspeitas de sua validade para o estudo de muitos outros casos particulares existentes no mundo social. Os

discutida aqui. No caso de Fernandes, a transformação profunda de um sistema social que dará origem a outro totalmente diferente.

conceitos construídos por Holanda muitas vezes ganham novos e diferentes contornos em relação à tradição sociológica e suas discussões teóricas e metodológicas, distanciando-se delas para chegar a uma verdadeira contribuição como um todo, mas também se distanciando e desviando-se dos objetivos propostos e admitidos como consenso pelos criadores de tal modelo sociológico.

Por ser uma espécie de experiência única, os tipos ideais *de Raízes do Brasil* não podem ser comparados diretamente com nenhum outro referencial teórico, a não ser pelo próprio tipo ideal weberiano. A falta de tradição desta forma de se construir e apresentar os tipos ideais também pode ser considerado um problema ou um certo empecilho à sua utilização. Ademais, os tipos de Sérgio Buarque de Holanda não parecem ser os mais adequados significativamente para se estudar formas sociais mais estáticas, que pouco ou nada se desenvolvem com o tempo, como certas formas doutrinárias e sociológicas da vida religiosa de religiões tradicionais, ou mesmo estruturas e hierarquias sociais mais rígidas⁵⁹.

4.6.2 O tipo ideal como núcleo de referência

Uma das vantagens da formulação do conceito de tipo ideal em *Raízes do Brasil* para analisar o caso específico da formação de cidades coloniais pelo desdobramento do passado histórico ibérico é a capacidade que estes tipos nos oferece de compreender os processos dinâmicos não como simples fatos históricos, ou mesmo, como fatos sociais isolados ou episódicos, pois o tipo ideal permite que a interpretação do investigador do referido fenômeno descrito por Holanda seja internalizada no próprio fato, captando suas intenções e suas subjetividades internas que vão constituir um núcleo de referência para a explicação sociológica. A formulação do tipo ideal que organize a realidade empírica, acentuando e mesmo exagerando sua unilateralidade, serve ao método histórico, por proporcionar a

interpretação das realidades individuais não como meros fenômenos isolados, mas destacados de uma infinidade de complexas relações de causalidades que envolvem a ação social humana.

Assim, a interpretação e a análise por meio dos tipos ideais dirigem-se diretamente ao sentido da ação que cria as singularidades deste mundo social. Mais do que a ênfase nos caracteres geográficos, externos, físicos, geométricos e, portanto meramente acidentais para uma análise sociológica compreensiva, Buarque de Holanda consegue ressaltar e ordenar de forma bastante clara as evidências, por traz dos fatos históricos, que formam e explicam as origens da moderna sociedade brasileira. O que é bastante significativo para a teoria social brasileira, pois Holanda consegue escapar do positivismo e dos determinismos geográficos, que em sua época ainda não haviam desaparecido totalmente do pensamento brasileiro e que marcaram muitas de nossas obras clássicas e de referência, bastando para isso citar livros como *Os Sertões* de Euclides da Cunha e *Populações Meridionais do Brasil* de Oliveira Vianna.

O conflito entre a sociologia como uma ciência generalizadora, e os fenômenos empíricos que só existem enquanto singularidades (sobretudo fenômenos históricos), é uma preocupação presente em *Raízes do Brasil*, mas pelo próprio caráter limite do conceito de tipo ideal, os conceitos buarqueanos parecem tomados de um problema característico da epistemologia das ciências sociais. Esse problema e limitação (por exemplo: no caso dos tipos de sementeiro e ladrilhador) se deve ao caráter eminentemente específico dessas formulações conceituais, o que entra em contradição ou, pelo menos, é contrário ao projeto de uma ciência universal e generalizante.⁶⁰

⁵⁹ É claro também que existe um certo exagero metódico nesta afirmação. Como já vimos, a criatividade e possibilidades de um tipo ideal dependem de quem o utiliza, depende da imaginação e criatividade de um pesquisador.

⁶⁰ Por exemplo: os tipos ideais de sementeiro e ladrilhador não se aplicam (pelo menos num primeiro momento) às sociedades históricas que tiveram uma formação social diversa e, nem mesmo se aplicam a todo

4.6.3 Tipo ideal e generalização

Os tipos ideais presentes em *Raízes do Brasil* tendem a subordinar o universal ao particular. A famosa distinção na metodologia compreensiva, herdeira das tradições neokantianas, entre uma ciência compreensiva e uma ciência explicativa, esbarra em algumas limitações graves e aparentemente já resolvidas pelo método weberiano proposto para a sociologia. A compreensão do sentido de uma ação na metodologia de Sérgio Buarque de Holanda parece não se preocupar muito com os motivos que formam implicitamente a adequação de sentido e tendem a se dispersar no universo das contradições geradas na bicausalidade de seus tipos que, por serem mergulhados numa historicidade radical, terminam também por desprezar o sentido atual das ações. Sentido atual esse tão importante para a apreensão das causalidades existentes nos fenômenos e rigorosamente selecionado pelo tipo ideal original proposto por Max Weber.

Weber sempre insistiu no fato de ser o tipo ideal um “caso limite”, um instrumento provisório de análise pronto para ser substituído por um procedimento melhor assim que esse surgisse, já que não considerava sua metodologia como definitiva (Weber, 1992:153-154) . Mas Weber sempre enfatizou também o seu compromisso com uma ciência universal, cujas imputações serviriam e se aplicariam ao maior número de casos possíveis. Foi nessa perspectiva que muitos de seus tipos ideais foram criados como o tipo ideal do capitalismo racional (Weber, 2002:22-29), de ação econômica (Weber, 2002:24), de ação social (Weber, 1992: 400), de classe social (Weber, 1963: 212), de funcionário público (Weber, 1963:232-

caso brasileiro em que existem cidades que não possuem passado rural e nem mesmo urbano-litorâneo. O caso mais flagrante é o da cidade de Brasília, escolhida para ser o centro de poder da federação brasileira e que, ao nosso ver, não obedece rigidamente a nenhuma dessas tipologias elaboradas por Sérgio Buarque de Holanda. Brasília é uma cidade moderna e planejada fora do contexto em que a análise de Sérgio Buarque de Holanda se detém: pois não possui um passado de oligarquias rurais tradicionais tendo como base o núcleo de uma família patriarcal nem é uma cidade localizada às margens de um litoral.

234)... etc. Todos esses tipos possuem em comum entre si as características universais que fazem deles, ao mesmo tempo único, idênticos a si mesmo e aplicáveis a inúmeros casos, situações e circunstâncias.

Isto quer dizer, só para citar brevíssimos exemplos, que o tipo ideal de capitalismo racional criado por Weber serve para explicar, ora a economia capitalista norte-americana no começo do século XX, ora a ascensão de certos mercados na China no ano de 2007. O conceito de classe social em Weber, enquanto categoria e exemplo de um tipo ideal e sua teoria, ao que parece, inacabada de estratificação social, pode ser aplicado desde as antigas formas de estamento brasileiro ou a uma cidade do interior de Pernambuco, até ao complexo sistema de castas hindu. Da mesma forma, seguem os tipos ideais weberianos, sem falhar no seu objetivo de serem universais e gerais (levando em conta que o geral não deve ser confundido com o universal, pois enquanto o geral se opõe ao particular, o universal se opõe ao singular) ao mesmo tempo em que tomam sempre a unilateralidade e singularidade de um fenômeno. Eis uma das principais importâncias do tipo ideal ⁶¹.

É claro que na epistemologia weberiana existe, e acredito que existirá sempre, um conflito entre o singular e o geral. O que quer dizer que o conhecimento científico tende aos fenômenos particulares, enquanto todos os conceitos formados são gerais. E quando digo “gerais”, me refiro como gerais até certo ponto, pois mesmo o mais específico dos conceitos pode ser interpretado sob mais de um ponto de vista.

Acontece que, nos tipos ideais de Sérgio Buarque de Holanda, perde-se um pouco desta referência e deste conflito sempre necessário em qualquer filosofia de formação de conceitos: o singular e o universal. E este é um problema de ordem prática que nos permite enxergar os

⁶¹ É provável que, ao estudar o fenômeno do capitalismo seguindo a disposição dos tipos ideais de Sérgio Buarque de Holanda um pesquisador possa também formar, por oposição, um tipo ideal de socialismo e buscar a explicação sociológica confrontando os tipos. Ou, para permanecer dentro da estrutura capitalista, o pesquisador poderia formar um tipo ideal de capitalismo seguindo um ponto de vista conservador, e, em

tipos de trabalhador e aventureiro e semeador e ladrilhador, como que bem aplicados a certos casos brasileiros (mas não a todos), mas insuficientemente e mesmo incapazes de serem aplicados a casos mais gerais.

Note-se bem que a limitação desses tipos ideais não é uma limitação proporcionada pela complexidade de relações e conexões de ordem empírica, muitas delas irracionais, que tornariam a formação do conceito impossível se este tenta-se dar conta da realidade total dos fenômenos. O caráter utópico do tipo ideal já é algo definido *a priori* e estimula a não confundir a interpretação com a realidade em si, isto é, o tipo ideal evita cuidadosamente uma leitura essencialista da realidade em sua investigação pelo método científico. O que diferencia de antemão um conceito sociológico de um conceito filosófico é justamente a visão da substancialidade de um fato concreto e o tipo ideal, enquanto conceito formado, muito deve à herança da filosofia especulativa alemã, ao mesmo tempo em que é um conceito de forte base empírica.

4.6.4 Tipo ideal: Conceitos e metáforas

Outro problema dos tipos ideais buarqueanos é o seu caráter literário e ambigualmente metafórico, que tende a confundir algumas interpretações ou tendem a não alcançar um elevado grau de precisão e rigidez nos conceitos tratados. Os tipos ideais de Sérgio Buarque de Holanda abrem margem para a ambigüidade, o que favorece e pode ser fonte para muitos equívocos desnecessários. Por exemplo, a ambigüidade literária e praticamente metafórica de termos como “semeador”, “ladrilhador”, “Antígona” e “Creonte” podem assumir do ponto de vista semântico muitos significados diferentes ⁶².

seguida, um tipo ideal de capitalismo seguindo uma perspectiva liberal para depois buscar a explicação sociológica por meio desse jogo de antíteses e interações.

⁶² É por esse motivo que, até hoje, existe tanta discussão quanto ao significado do termo “cordial”. Devido à sua polissemia.

Este apego exagerado à especificidade em detrimento de todo um projeto universal de ciência em *Raízes do Brasil* pode ser corrigido por intermédio da formulação de tipos mais gerais. A característica eminentemente literária dos tipos ideais buarqueanos deve ser observada de forma atenta, para que a própria natureza ambígua da metáfora não venha a prejudicar a objetividade e a clareza que devem ser buscadas por todo método científico.

Tendo-se a consciência de certas limitações inevitáveis dos conceitos de tipos ideais de Weber e Holanda, pode-se conduzir a análise sociológica de forma mais cuidadosa e eficaz. É sempre bom lembrar que tanto Weber quanto Holanda estiveram abertos a críticas quanto a seus respectivos tipos ideais e eles mesmo realizaram, cada um, suas autocríticas. Podemos seguir este exemplo e continuar sempre a trabalhar pelo aperfeiçoamento dos métodos científicos que escolhemos para compreender a realidade social. A cooperação entre os modelos sociológicos ajuda a enriquecer mais a complexidade inesgotável e inerente à sociedade humana. Os tipos ideais de Weber e Holanda estão à disposição do método científico como instrumentos valiosos de investigação.

Conclusão

Fica claro que, ao invés de um confronto de métodos, é preferível falar em complementação entre eles. A atividade científica se dá menos pela concorrência e mais pela cooperação entre as muitas correntes teóricas existentes. Uma opção teórica não implica numa definição inconciliável entre os métodos, e os pontos de vistas presentes nas análises sociológicas têm como fundamento a subjetividade inerente aos valores. Ter consciência desse processo é sempre necessário para uma boa condução do método científico.

O desejo de se buscar a melhor análise muitas vezes deixa a aparência de uma impossível conciliação. A leitura de *Raízes do Brasil*, entretanto, mostra a necessidade de se conciliar diferentes visões de mundo e diferentes pontos de vistas. Já a obra de Max Weber é, certamente, uma das maiores obras de síntese existente nas ciências sociais. Weber e Holanda realizam o espírito científico de conciliação e “solidariedade entre os métodos”. Solidariedade essa que nasce da própria divisão do trabalho intelectual.

A metodologia científica se enriquece com novas e diferentes contribuições. Deve-se lembrar que o procedimento científico é sempre aberto a muitas possibilidades que definem sempre novos caminhos para a investigação. A assimilação crítica de novos métodos e o aparecimento de novos movimentos teóricos são premissas fundamentais para a atividade científica e para a renovação de idéias e de conceitos.

É necessário conhecer o tipo ideal e suas imensas possibilidades para o método sociológico e, ao mesmo tempo, pensar o tipo ideal de forma diferente e buscar, se necessário, recriá-lo ou adaptá-lo às novas necessidades. Esta dissertação tenta mostrar que existem outras possibilidades para se pensar e formar o conceito em sociologia. Possibilidades essas que devem ser melhor exploradas e devem ser buscadas ainda novas

formas de pensar e utilizar o tipo ideal: o caminho de Sérgio Buarque de Holanda é apenas um deles e esta dissertação procurou mostrar como este caminho buarqueano da percepção e construção do conceito de tipo ideal é plausível e coerente. É interessante notar como uma pequena alteração na formação de conceitos por parte de Sérgio Buarque de Holanda oferece margem às múltiplas implicações metodológicas que envolvem desde a instrumentação, à relação estabelecida entre a subjetividade e a objetividade e a mediação entre a interpretação e a explicação.

Pensar o tipo ideal de forma diferente e buscar novas contribuições para este conceito serve para impedir a sua cristalização. A adaptação da epistemologia tradicional começa por perceber a necessidade de se procurar outros modelos de análise sociológica. Novos conceitos exploram novas realidades.

A sociologia compreensiva continua como um paradigma científico útil e rico, ao qual se deve sempre tentar encontrar contribuições originais. A síntese weberiana continua a levantar uma série de pressupostos para a teoria social contemporânea. Pode-se considerar a sociologia compreensiva e sua estabilização como um dos maiores momentos do método científico no século XX. Ao que parece os tipos ideais buarqueanos devem ser mais valorizados no pensamento brasileiro não apenas pelas realidade que descrevem, mas devem ser valorizados em sim mesmo, pelas relações sociológicas que implicam e como uma contribuição brasileira ao modelo compreensivo weberiano.

Por meio dos tipos ideais a sociologia sai da mera abstração formal e encontra a concreção do mundo empírico que lhe confere as bases, os significados e os sentidos. A relação entre o tipo ideal e a realidade possui uma reciprocidade que garante a validade e a objetividade do conhecimento sociológico. Valorizar o domínio empírico abrangido pela extensão dos conceitos é assumir um compromisso com uma atividade científica continuada, consciente e rigorosa.

De pouco adianta a construção de conceitos que não dizem respeito a nenhuma realidade específica. Um conceito bem formado deve sempre ser confrontado com a realidade que descreve. O empirismo é, verdadeiramente, um dos grandes fundamentos da explicação sociológica e é a consciência do mundo onde se vai construir o edifício teórico. A intencionalidade dos conceitos quanto ao mundo da vida serve como uma espécie de bússola guia para a atividade científica.

Os conceitos assim construídos estão prontos para se pensar a realidade e se oferecem para serem estudados e descritos como um ponto de referência fundamental para todo o método científico. De certa forma, Max Weber toma o tipo ideal como o centro da investigação sociológica e Sérgio Buarque de Holanda instrumentaliza os conceitos ao fazer sua interpretação do processo de mudança social brasileiro e sua crítica ao “passado que não passa”.

O encontro entre perspectivas metodológicas, realizado nesta dissertação, procurou afirmar e descobrir na própria tradição do pensamento social brasileiro uma contribuição à sociologia compreensiva e uma nova utilização para o conceito de tipo ideal. Procurou-se, aqui, chamar atenção para uma diferente formação de conceitos e como esta forma chega a compreender o mundo social. O trabalho que chega agora ao fim terá seu objetivo cumprido se estimular essa discussão.

Bibliografia

ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de história colonial, 1500-1800 Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil* 5. revista, prefaciada e anotada por José Honório Rodrigues [Brasília] Editora Universidade de Brasília, 1963.

ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. – 6ed – São Paulo: Martins Fontes, 2003.

AVELINO FILHO, George. *Cordialidade e civilidade em Raízes do Brasil*. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, v.5, n. 12, São Paulo, fevereiro de 1990, p.5 - 14.

----- *As raízes do Brasil*. In: Novos Estudos, n.18, São Paulo, setembro de 1987, p.33-41.

BONFIM, Manuel. *A América Latina: Males de Origem*. In: Intérpretes do Brasil/coordenação, seleção de livros e prefácio, Silviano Santiago. 3.v. 2000.

BURGER, Thomas. *Max Weber's theory of concept formation. History, laws, and ideal types*. Duke university press. 1976.

CAMPOS, Edmundo. (ORG). *Sociologia da Burocracia*. São Paulo: Zahar, 1971.

CANDIDO, Antonio. Prefácio: *O significado de Raízes do Brasil*. In: Holanda, S.B. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

----- *Sérgio Buarque de Holanda por Antonio Candido*. In Para uma Nova História: organizador Marcos Costa – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: 2004.

CARDOSO, F.H. *Livros que inventaram o Brasil*. Novos Estudos Cebrap. São Paulo, Cebrap (37), 1993.

CARVALHO, Marcus Vinícius Correia. *Raízes do Brasil, 1936. Tradição, cultura e vida*. Dissertação de Mestrado. IFC – Unicamp, 1997.

CHACON, V. *História das idéias sociológicas no Brasil*. São Paulo, Edusp/Grijalbo, 1977.

CONH, Gabriel. *Crítica e Resignação; fundamentos da sociologia de Max Weber e a sua compreensão*. São Paulo. T. Queiroz Editor. 1979.

COSTA, Valeriano Mendes Ferreira. *Vertentes democráticas em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque*. In: Lua Nova, v.26, São Paulo: 1992, p. 219-248.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: Campanha de Canudos*. – 33.ed. – Rio de Janeiro: F. Alves. Brasília: 1987.

DAMATTA, Roberto, *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar 1981.

----- *O que faz o Brasil Brasil?*. Editora Rocco. Rio de Janeiro. 1984.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Política e sociedade na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. In Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil/Antonio Candido (organizador). – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.

----- *Negação das negações*. In Intérpretes do Brasil/coordenação, seleção de livros e prefácio, Silvano Santiago. – Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 2000. 3v.

DIGGINS, John Patrick. *Max Weber: a política e o espírito da tragédia*. Tradução de Liszt Vieira e Marcus Lessa. – Rio de Janeiro: Record, 1999.

DILTHEY, Wilhelm. *Introduction to the Human Sciences. Selected Works*, vol I. Makreel, R.A. Rodi, F. (eds). New Jersey: Princenton University Press, 1989.

DOMINGUES, José Maurício. *A Cidade: racionalização e liberdade em Max Weber*. In A atualidade de Max Weber/Jessé Souza (organizador). – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 3ed. São Paulo: Globo, 2001.

FERNANDES, Florestan. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. São Paulo. Editora Nacional. 1972.

FERREIRA, Gabriela Nunes. *A formação nacional em Buarque, Freyre e Vianna*. Lua Nova, n. 37, São Paulo, 1996, p. 229-247.

FERNANDES, Florestan. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. São Paulo. Editora Nacional. 1972.

FREUND, Julien. *A sociologia de Max Weber*. Forense Universitária, Rio de Janeiro. 1966.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 34ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

----- *Como e por que sou e não sou sociólogo*. Brasília, Unb, 1968.

GADAMER, H-G *Verdade e Método: Traços Fundamentais de uma Hermenêutica Filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1998.

GIDDENS, Anthony. *Política, Sociologia e Teoria Social*. São Paulo. Unesp. 1998.

----- *Capitalismo e Moderna Teoria Social*. Lisboa. Editorial Presença. 1994.

GUSMÃO, Luís de. *A concepção de causa na filosofia das ciências humanas*. In *A atualidade de Max Weber/Jessé Souza* (organizador). – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. – São Paulo: Companhia das letras 2006.

----- *Caminhos e Fronteiras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

----- *História da civilização brasileira*, 8v (org). São Paulo: Difel, 1967-1972.

----- *Da Monarquia a República*. História da civilização brasileira. V.7. São Paulo: Difel, 1972.

----- *Monções*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1945.

----- Holanda, Sérgio Buarque de Holanda. Para uma nova história.
Organizador Marcos Costa – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: 2004.

----- *Visão do Paraíso*. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. São Paulo, Pioneira, 1983.

LOWY, Michael. *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. 7ed. – São Paulo, Cortez, 2000.

MELLO, Evaldo Cabral de: Posfácio: “*Raízes do Brasil e depois*”. In *Raízes do Brasil*. 26 ed. – São Paulo: Companhia das letras 2006.

ORTIZ, R. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

OUTHWAITE, W. *Understanding Social Life: The Method Called Verstehen*. Lewes: The Beacon Press, 1986.

----- *Entendendo a Vida Social: O Método chamado Verstehen*, Tradução de Alfredo Leoni e revisão de José Oswaldo de Meira Penna. Coleção Sociedade Moderna. Volume 10. Editora Universidade de Brasília.

----- *Concept formation in social science*. (International library of sociology). London, Boston, Melhourne and Henley. 1983.

PRADO, Jr. Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. Colônia 23ed. São Paulo: Brasiliense. 1963.

----- *A revolução brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1966.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil de Varhagen a FHC*. – 5 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002

RICKERT, Heinrich. *Introduction a los problemas de la filosofia de la historia*. Editorial Nova. Buenos Aires. 1980.

----- *The limits of concept formation in Natural Science. A logical Introduction to the Historical Sciences (abridged edition)*. Edited and translated by Guy Oakes. Cambridge University Press. 1987.

RINGER, Fritz K. *A Metodologia de Max Weber: Unificação das Ciências Culturais e Sociais*. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2004.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 7ed. – Rio de Janeiro: J. Olympio: Brasília.: INL, 1980. 5v.

SAINT-PIERRE, A.L *Max Weber: Entre a Paixão e a Razão*. Campinas: Ed da Unicamp. 1991.

SANTIAGO, Ricardo. *O Cativo da Utopia: Racionalidade Formal, Racionalidade Substantiva e as Conseqüências não pretendidas da ação social na obra de Max Weber*. Dissertação de Mestrado, UFPE, 1991, Recife.

SCHLUCTHER, Wolfgang. *Politeísmo dos Valores – Uma reflexão referida a Max Weber*. In *A atualidade de Max Weber/Jessé Souza* (organizador). – Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2000.

SCHUTZ, Alfred. *Alfred Schutz on phenomenology and social relations*. Organização e introdução de Helmert R. Wagner. Traduzido da edição publicada em 1970 por The University of Chicago Press. Estados Unidos.

SÓFOCLES. *Antígona*. Tradução comentada de Maria Helena da Rocha Pereira. Ed. – Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia. 6.ed.

SOUZA Jessé. (ORG). *A atualidade em Max Weber*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000.

----- *A Modernização Seletiva: Uma reinterpretação do dilema brasileiro*. Brasília: ed. UNB, 2000.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil*. 7 edição integral 8º do tomo Edições Melhoramentos.

VERÍSSIMO, José – *História da literatura brasileira* – São Paulo, SP – Editora Letras & Letras, 1998.

VIANNA, Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil*. In: *Intérpretes do Brasil*/coordenação, seleção de livros e prefácio, Silviano Santiago. 3.v. 2000.

WEBER, Max. *Ciência e Política: Duas Vocações*. Editora Martin Claret, 2002

-----*Ensaio de Sociologia*. Org. Gerth, Hans & Mills, C. Wright, 3ed. Rio de Janeiro, Zahar.

----- *Metodologia das ciências sociais*. São Paulo, Cortez, 1992. 2v.

----- *Max Weber: Sociologia*. Org. Conh. Gabriel. São Paulo, Ática, 1979.

----- *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 15. Ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

----- *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Editora Martin Claret, 2002.

----- *Conceitos básicos de Sociologia*. 2ed. São Paulo Moraes, 1989.

